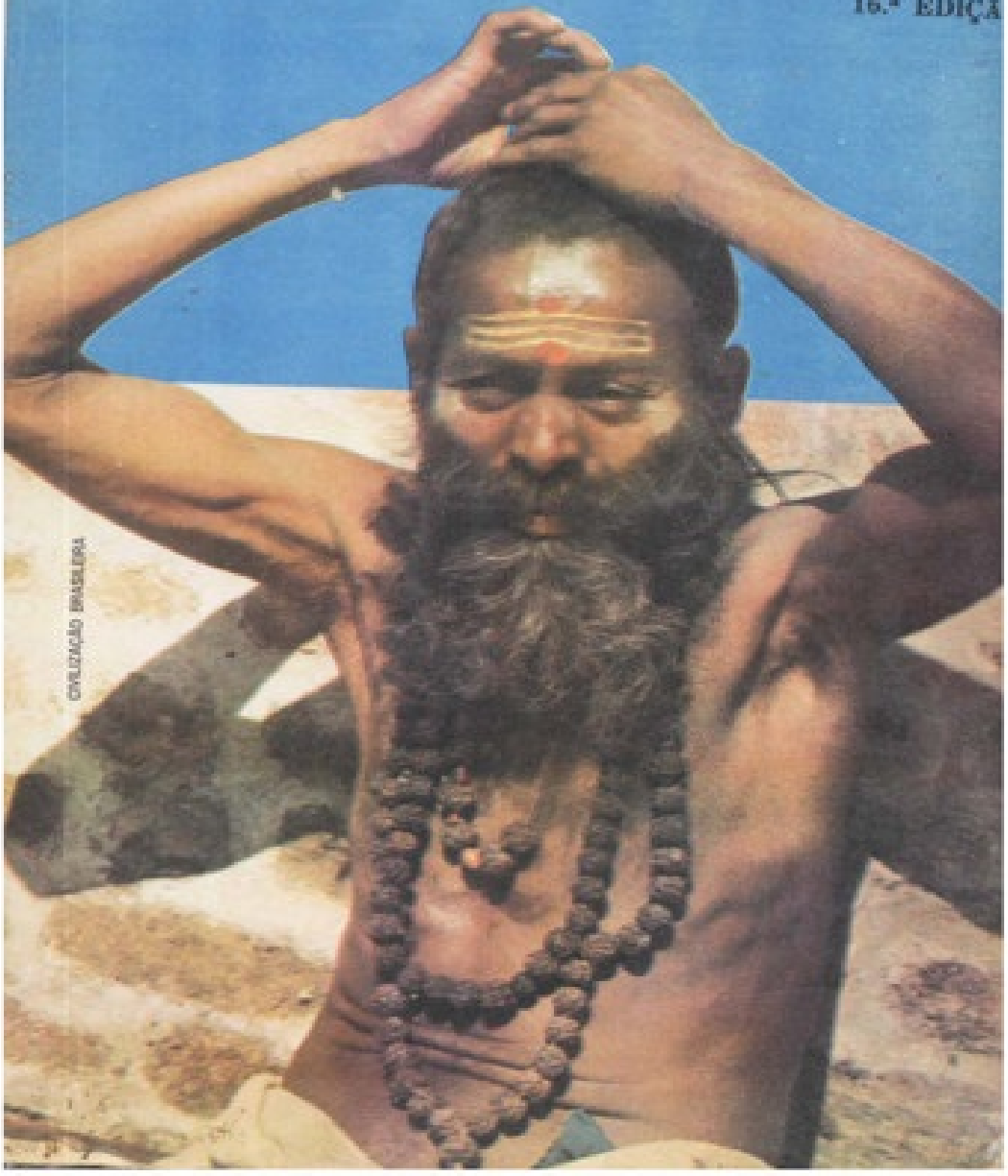
HESSE/SIDARTA

16.ª EDIÇÃO



CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

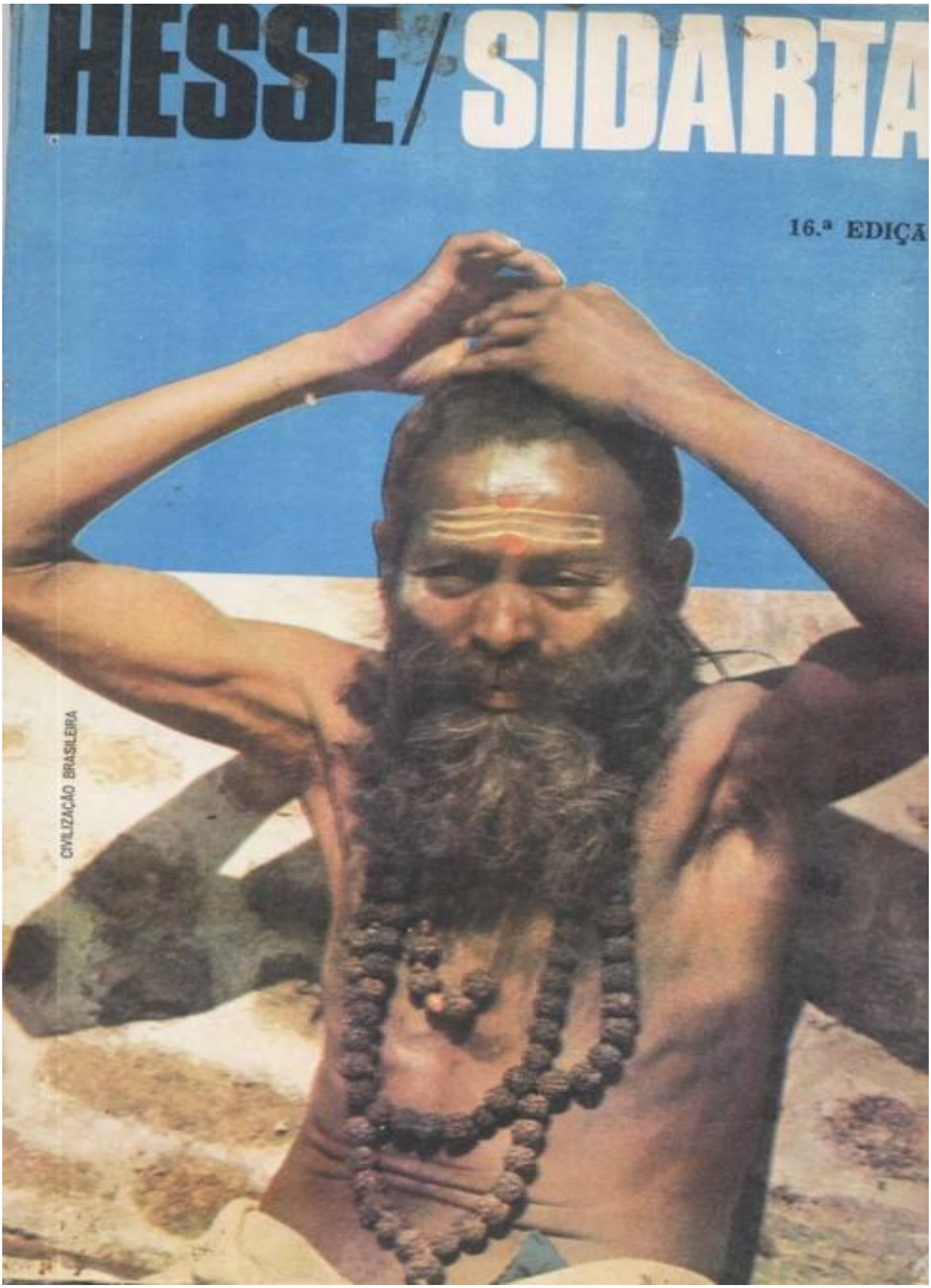
Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

HESSE/SIDARTA

16.ª EDIÇÃ



CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

SIDARTA

Não há ninguém no Brasil que desconheça o

nome de Hermann Hesse. Seu romance O *Lobo da Estepe* foi e é das obras literárias mais lidas em nosso País, tendo exercido profunda influência sobre as novas gerações. O Prêmio Nobel de Literatura;, que foi em 1946 conferido a Hesse, consagrou essa fama, essa glória.

Mas, com exceção daquele grande romance, a obra de Hesse era pouco conhecida no Brasil. Reconhecendo que se trata de desenterrar um verdadeiro tesouro para os nossos leitores, a Editora Civilização Brasileira iniciou com a edição de *Sidarta*, a publicação dos mais importantes romances de Hermann Hesse em tradução para ó vernáculo.

As Obras Completas de Hesse poderiam encher uma estante inteira: poesias, romances, novelas, en-saios, manifestos. Já no começo deste século conquis-tou Hesse larga popularidade com o romance *Peter Camenzind,* história de um sonhador romântico que passa pela vida boêmia dos artistas de Paris e encontra a paz da alma na paisagem de Assisi, santi-ficada pela memória de São Francisco. Foi o primeiro grande *best-seller* do século **XX.** As tempestades da Primeira Guerra Mundial ajudaram-no a superar o romantismo inato: e o romance *Demian* tornou-se outro *best-seller,* o manifesto do expressionismo e de uma mocidade que esperava, depois da grande matança, a renovação relígiosa e socialista do mundo. Desilu-dido, depois, Hesse evocou contra o demonismo do mundo moderno os demônios em sua própria alma.

Foi a hora de *O Lobo da Estepe.* Enfim, nos últimos anos de sua longa vida, escreveu Hesse, na paz das montanhas suíças, *O Jogo das Contas de Vidro,* sua obra-prima definitiva, o romance-resumo da nossa cul-tura e do nosso tempo.

Hesse, embora poeta por vocação, tornou-se grande romancista; e sua própria vida foi um grande romance.

Nasceu em 1877 no coração da Alemanha antiga, romântica, em uma das pequenas cidades de aspecto medieval. Seus pais foram missionários protestantes que tinham pregado o cristianismo na índia. O jovem Hesse também deveria estudar teologia. Mas fugiu do SIDARTA

Sumário

PRIMEIRA PARTE

O Filho do Brâmane .....

5

Com os Samanas .....

13

Gotama . . ..

23

O Despertar .....

32

SEGUNDA **PARTE**

Kamala .....

41

Entre os homens tolos .....

54

Sansara .....

63

A Beira do Rio .....

72

O Balseiro .....

83

O Filho .....

95

Om .....

104

Govinda .....

íll

O FILHO DO BRÂMANE

À SOMBRA da casa, ao sol da ribeira, perto dos barcos, na penumbra do salgueiral, ao pé da figueira, criou-se Sidarta, belo filho de brâmane, jovem falcão, junto com Govinda, seu amigo, filho de brâmane. O sol tostava-lhes as claras espáduas, à beira do rio, durante o banho, por ocasião das abluções sagradas e dos sacrifícios rituais. A sombra insinuava-se-lhe nos olhos negros, quando ele estava no mangueíral, entretendo-se com jogos infantis, ouvindo o canto da mãe, presenciando os sacrifícios rituais, escutando os ensinamentos do pai, o erudito, ou assistindo aos colóquios dos sábios. Havia muito que Sidarta participava dos colóquios dos sábios. Junto com Govinda, já realizava torneios de eloqüência; junto cora Govinda, já se exercitava na arte de contemplar e nos serviços de meditação. Já sabia pronunciar silenciosamente o *Om,1* a palavra das palavras; sabia dize-lo, silenciosamente de si para si, ao aspirar o ar e pro-1 *Om:* "o presente, o passado e o futuro". É, segund o o upaníchade de Manduquia, o mundo inteiro, expressado por uma única sílaba, e ainda tudo quanto pode existir fora dos mencionados três tempos. Pronunciado de diferentes maneiras, simboliza coisas as mais diversas, tais como as horas üo dia, os Vedas, os três deuses Brama, Vixna e Siva, etc.

(N. do T.)

feri-lo, silenciosamente, para fora, ao expelir o ar, com a alma concentrada e a fronte aureolada pelo esplendor da inteligência lúcida. Já era capaz de perceber no íntimo da sua natureza a presença do *Átman,2* indestrutível, uno com o Universo.

O coração do pai vibrava de alegria pelo filho dócil, ávido de saber. Pressentia nele um sábio, um sacerdote, um príncipe entre os brâmanes.

O peito da mãe enchia-se de delícia, sempre que o olhava, observando-lhe o modo de caminhar, de sentar-se, de erguer-se, o modo de Sidarta, o belo, o forte, que lá passeava com suas pernas delgadas e a saudava com perfeito recato.

Nas almas das jovens filhas de brâmanes nascia o amor, cada vez que Sidarta andava pelas ruas da cidade, com a testa luzente, os olhos de um rei, a cintura esbelta.

Mais do que todos os outros, porém, adorava-o Govinda, seu amigo, filho de brâmane. Amava o olhar de Sidarta, a voz *

meiga, a postura, a primorosa correção dos gestos; amava tudo quanto Sidarta fazia ou dizia; e, antes de mais nada, amava-lhe o espírito, 05 pensamentos sublimes, fervorosos, o ardor da vontade, a alta vocação. Govinda tinha certeza de que o amigo jamais se tornaria um brâmane comum. "Esse aí nunca será nem indolente oficial de templo, nem ganancioso mercador de fórmulas mágicas, nem orador vaidoso e vazio, nem tampouco sacerdote perverso, bifronte. Mas, ainda menos, chegará a ser ovelha bonachona, estúpida, em meio ao rebanho de outras iguais.

Nunca!" E o próprio Govinda, por sua vez, não tinha a menor intenção de ser um brâmane qualquer, tal como existe aos milhares. Queria seguir os passos de seu adorado e maravilhoso Sidarta e se este um dia se transformasse num deus, entrando no círculo dos que resplandecem ao longe, então o acompanharia Govinda, como seu amigo, seu sequaz, seu servo, seu lanceiro, sua sombra. Assim todos amavam Sidarta. A todos causava ele alegrias.

Para todos, era fonte de prazer.

Mas a si mesmo, Sidarta não se dava alegria. Para si, não era nenhuma fonte de prazer. Enquanto passeava pelas sendas rosadas do figueiredo, enquanto se mantinha sentado na penumbra azulada do bosque da contemplação, enquanto abluía ò corpo 2 *Átman:* literalmente *fôlego.* Em sentido figurado: a força vital, a personalidade, o *eu,* a alma, o princípio da vida. *(N. do* T.)

£

no cotidiano banho expiatório, ou fazia sacrifícios rituais no mangueiral envolto em sombras profundas, fazendo gestos de primorosa correção, despertando amor em toda gente, deliciando a todos, não sentia, ainda assim, nenhuma satisfação em sua própria alma. Visões acometiam-no e também pensamentos irre-quietos, brotados das águas do rio, a falsearem nos astros da noite, a fundirem-se sob os raios do sol. Devaneios assoma-vam-lhe aos olhos. O desassossêgo do coração invadia-o, vindo da fumaça dos sacrifícios, do som assoprado dos versos do *Rig-veda,s* dos ensinamentos dos brâmanes anciãos.

Sidarta começava a abrigar em suas entranhas o descontentamento. Começava a sentir que nem o amor do pai, nem o da mãe, nem tampouco o do dedicado

Govinda teriam sempre e a cada momento a força de alegrá-lo, de tranqüilizá-lo, de nutri-lo, de bastar-]he. Começava a vislumbrar que seu venerando pai e seus demais mestres, aqueles sábios brâmanes, já lhe haviam comunicado a maior e a melhor parte dos seus conhecimentos: começava a perceber que eles tinham derramado a plenitude do que possuíam no receptáculo acolhedor que ele trazia em seu íntimo. E esse receptáculo não estava cheio; o espírito continuava insatisfeito; a alma andava inquieta; o coração não se sentia saciado. As abluções, por proveitosas que fossem, eram apenas água; não tiravam dele o pecado; não curavam a a sede do espírito; não aliviavam a angústia do coração. Excelentes eram os sacrifícios e as invocações dos deuses — mas que lhe adiantava tudo isso? Propiciariam os sacrifícios a felicidade?

E quanto aos deuses: foi realmente Prajapati quem criou o mundo? E não o *Átman?* Ele, o único, o indivisível? Não eram os deuses figuras criadas da mesma forma que tu e eu, perecíveis, dependentes do tempo? Seria, portanto, bom e acertado, oferecer sacrifícios aos deuses? Era isso realmente uma atividade sensata, sublime? Quem merecia imolações e reverência, senão Ele, o único, o *Átman?* E onde se podia encontrar o *Atman,* onde morava Ele, onde pulsava o Seu eterno coração, onde, a não ser no próprio eu, naquele âmago indestrutível que cada um trazia em si? Mas, em que lugar^ em que lugar achava-se esse eu, esse âmago, esse último fim? Não era nem carne nem osso, nem pensamento nem consciência, segundo afirmavam os mais sábios.

3 *Rig-veda:* coleção de hinos, o primeiro dos quatro **livros** sagrados hindus. *(N. do T.)*

Onde, onde existia então? Para chegar até ele, até ao eu, até a mim, ao *Ãtman* — haveria qualquer outro caminho que valesse a pena procurai? AÍ dele! ninguém lhe indicava tal caminho, ninguém o conhecia, nem o pai, nem os mestres e os sábios, nem os sagrados cânticos do ritual dos sacrifícios! Tudo sabiam eles, os brâmanes com seus livros santificados; tudo sabiam; com tudo se preocupavam, com tudo e mais ainda, desde a criação do mundo e a origem da fala, dos alimentos, da aspiração e da exaiação até às categorias dos sentidos e às façanhas dos deuses!

Sabiam inúmeras coisas, mas que valor tinha toda essa sabedoria para quem ignorasse aquiio que era uno e único, o mais importante, ao lado do qual coisa alguma tinha importância?

Era bem- verdade que numerosos versos dos livros sagrados, sobretudo dos upanichades do *Sama-Veda** referiam-se a esse quê derradeiro, mais íntimo. Que versos maravilhosos! "Tua alma é o mundo inteiro" — rezava um deles e estava escrito que o homem durante o sono, o sono profundo, entrava no próprio âmago e habitava o *Âtman.* Sabedoria milagrosa residia nesses poemas. Todos os conhecimentos dos mais sábios encontravam-se ali reunidos, puros qual mel colhido pelas abelhas.

Não, absolutamente não convinha desprezar a imensa quantidade de saber que lá estava armazenada e conservada por inúmeras gerações de brâmanes eruditos.. . Mas, onde se achariam os brâmanes, onde os sacerdotes, os sábios ou os ascetas que lograssem não somente conhecer senão também viver essa profunda sabedoria? Onde estaria o homem perito que fosse capaz de realizar aquele passe de mágica que transportasse a familia-rídade com o *Átman* desde o sono para o estado de vigília, para a vida de todos os momentos e a demonstrasse por atos e palavras? Sidarta tinha contato com grande número de venerandos brâmanes e, em primeiro lugar, com seu pai, homem puro, letrado, sumamente digno de reverência. Admirável, sim, era o pai, no seu comportamento calmo, distinto. Pura era sua vida; ponderada, sua maneira de falar; idéias delicadas e nobres residiam atrás da sua testa. Quem poderia, porém, afirmar que esse homem, que tanta coisa sabia, levava uma existência feliz?

Não seria também ele um pesquisador acossado pela sede? Não

* *Sama-Veda: o* terceiro dos hinos sagrados hindus. Os upanichades, tratados filosóficos em prosa e verso, constituem-lhe o comentário. *(N. do* T.)

se sentia impelido a beber, insaciável, uma e outra vez nas fontes sagradas, a fim de abrevar-se em sacrifícios, livros, colóquios com outros brâmanes? Por que era preciso que tal ser incensurável se lavasse diariamente de seus pecados, empenhando-se dia a dia naquela incessante purificação? Não mora nele o *Âtman?* Não lhe brotava do fundo do coração o manancial dos mananciais? Esse manancial, cumpria encontrá-lo dentro do próprio eu, para apossar-se dele! Todo o resto era apenas busca, desvio, equívoco.

Tais eram os pensamentos de Sidarta, a sua sede, o seu sofrimento.

Freqüentemente recitava de si para si os versetos de um upanichade de Xandogia: "Deveras, o nome do *BranuP* é *satiam** e quem tiver conhecimento

disso entrará todos os dias verdadeiramente no mundo celeste." Amiúde, esse mundo celeste descortinava-se-lhe bem próximo, mas jamais ele conseguiu alcançá-lo, jamais saciou inteiramente a sede. E entre todus os eruditos que conhecia, entre os pensadores mais sábios cujos ensinamentos lhe eram ministrados, não havia nenhum que tivesse chegado até lá, pondo o pé no mundo celeste e matando a sede perene.

— Govinda! — disse Sidarta ao amigo — Govinda, meu caro, vem comigo até à figueira. À sua sombra, entreguemo-nos à meditação.

Encaminharam-se para a árvore. Assentaram-se, Sidarta num lugar, e Govinda, noutro, a vinte passos de distância.

Enquanto tomava assento e se dispunha a pronunciar o *Omt* Sidarta, num murmúrio, repetia os versos:

Om *é arco; a alma é a seta;*

Brama *é o alvo da seta; Cumpre*

feri-lo constantemente."

Decorrido o tempo habitual do exercício de meditação, levantou-se Govinda. Anoitecera. Convinha fazer a ablução noturna. E ele chamou Sidarta pelo nome. Mas este não res-5

Brdma: substantivo neutro que significava primitivamente *fórmula mágica.* Mais tarde assumiu o sentido da força imanente à cantiga re ligiosa, para, finalmente, nos upanichades, referir-se à alma universal, à força et erna, in fin ita, qu e cria e cons er va o mund o. *(N. d o T.)* 6

Saíiam: verdade. *(N. do T.)*

—. Hei de conservar-me assim, **aguardando.**

— Ficarás cansado, Sidarta.

— Ficarei cansado.

— Adormecerás, Sidarta.

— Não adormecerei.

— Morrerás, Sidarta.

— Morrerei.

— E preferes morrer a obedecer teu pai?

— Sidarta sempre obedeceu seu pai.

— Então desistirás do teu propósito?

— Sidarta fará o que lhe ordenar seu pai.

O primeiro clarão da madrugada invadia a salinha. O brà-mane notou que os joelhos de Sidarta tremiam levemente. Mas no seu rosto não se deparava nenhum tremor. Os olhos fitavam um ponto .muito distante. Foi quando o pai se deu conta de que Sidarta já não se achava junto dele, nem no torrão natal, pois que acabava de separar-se de ambos.

O pai colocou a mão no ombro, do filho.

— Hás de embrenhar-te no mato — disse — para que possas ser um *samana.* Se encontrares a felicidade no mato, volta e ensina-ma. Se encontrares desilusões, procura-me nova mente e juntos sacrificaremos aos deuses. Agora vai-te. Abraça tua mãe e dize-lhe aonde te encaminhas. Para mim, está na hora de ir ao rio, a fim de fazer a primeira ablução.

Tirou a mão do ombro do filho e saiu. Sidarta cambaleou, quando tentava pôr-se em movimento. Mesmo assim, dominou os seus membros. Depois de inclinar-se diante do pai, foi ter com a mãe, para cumprir com a ordem paterna.

Quando abandonava a cidade ainda silenciosa, à luz da incipiente madrugada, caminhando devagar, com as pernas enri-jecidas, avistou nas proximidades da última cabana um vulto que ali estava acocorado. Era Govinda. Ergueu-se e foi com Sidarta, o peregrino.

— Vieste mesmo — disse Sidarta, sorrindo.

— Vim — confirmou Govinda.

12

COM OS *SAMANAS*

i

A NOITE do mesmo dia alcançaram eles os

ascetas, aqueles mesmos esqueléticos *s&manas* e pediram-lhes licença para acompanhá-los. Prometeram obedecer-lhes e foram aceitos. Sidarta deu as suas roupas a um brâmane indigente que se encontrava à beira da estrada. Apenas ficou com a tanga e a manta parda. Daí por diante, limitava-se a fazer uma única refeição por dia e deixava de comer alimentos cozidos. Jejuou durante quinze dias; durante vinte e oito dias, A carne sumia-lhe das pernas e das faces. Fervorosos devaneios bruxuleavam em seus olhos encovados. Nos dedos ressequidos cresciam unhas compridas. Do queixo pendia a barba seca, hirsuta.

Seu olhar tornava-se glacial, sempre que deparava com mulheres.

Desde-nhosamente crispava-se-lhe a boca, cada vez que, ao atravessar uma cidade, topasse com pessoas bem vestidas. Via muito bem como os mercados faziam negócios, como os potentados iam à caça, os enlutadòs choravam seus mortos, as meretrizes se ofereciam, os médicos cuidavam de seus pacientes, os sacerdotes fixavam o dia apropriado para a semeadura, os namorados enlaçavam-se, as mães amamentavam os filhinhos... Mas nada disso era digno de ser olhado. Tudo era mentira; tudo, fedor; tudo recendia a falsidade, tudo criava a ilusão de significado,

13

felicidade, beleza e, todavia, não passava de putrefação oculta.

Amargo era o sabor do mundo. A vida era um tormento.

Um único objetivo surgia diante de Sidarta; o objetivo de tornar-se vazio, vazio de sede, vazio de desejos, vazio de sonhos, vazio de alegria e de pesar. Exterminar-se distanciando-se de si mesmo; cessar de ser um *eu;* encontrar sossego, após ter evar cuado o coração; abrir-se ao milagre, com o pensamento desin-dividualizado — eis o que era o seu propósito. Quando todo e qualquer *eu* estivesse dominado e morto, quando, dentro do coração, se calassem todos os

anseios e instintos, inevitavelmente despertaria no seu ser a quinta-essência, o último elemento, aquilo que já não fosse o *eu,* o grande mistério.

Em completo silêncio, Sidarta mantinha-se de pé, abrasado peto sol do meio-dia, torturado pela dor, consumido pela sede.

Mantinha-se de pé, até já não sentir nem dor nem sede. Em completo silêncio, mantinha-se de pé, na época das chuvas, com a água a gotejar-lhe dos cabelos, por sobre as espáduas gélidas, os quadris e as coxas enregeladas. De pé continuava o penitente, até que os ombros e as pernas deixassem de sentir frio, até que se calassem, sossegados. Em completo silêncio, quedava-se acocorado nas brenhas do espinhal. Da pele ardente pingava o sangue; das chagas, o pus. Hirto, imóvel, permanecia Sidarta, até que o sangue cessasse de correr e nada mais picasse ou ardesse.

Sidarta conservava-se sentado, em posição ereta. Aprendia a economizar o fôlego, a necessitar cada vez menos fôlego, a abster-se totalmente dele. Aprendia, partindo da respiração a acalmar as pulsações do coração, a diminuí-las até sobrarem somente poucas, quase nenhuma.

Orientado pelo mais idoso dos *samanas,* Sidarta exercitava-se na desindividualizacão e na meditação, segundo as novas regras da irmandade. Uma garça voava por cima do bambual e Sidarta acolhia-a na sua alma. Adejava por sobre as selvas e as serras, devorava peixes, sofria fome de garça, proferia grasnidos der garça, morria a morte das garças. O cadáver de um chacal jazia na areia da ribeira e a alma de Sidarta infiltrou-se nele, fez-se chacal morto, jazeu na ribeira, intumescida, fedorenta, putrefata. Dilaceravam-na as hienas, escorchavam-na os abutres.

E ela transformou-se em pó que esvoaçou pelos campos. Em seguida, a alma de Sidarta regressava. Morrera, decompusera-se, *14*

transformara-se em pó, experimentara a triste embriaguez do circuito e Sidarta, acossado de nova sede, tornava a espreitar, qual caçador, uma lacuna que lhe permitisse esquivar-se do circuito, para descobrir o lugar onde se encontrasse o fim das causas e começasse a eternidade isenta de pesares. Mortificava os sentidos: aniquilava as recordações: distanciandc^se do seu *eu,* introduzia-se em milhares de formas estranhas; convertia-se em bichos, carniças, pedras, tocos, águas e ao acordar, sempre se reencontrava. Que brilhasse o sol ou a lua, Sidarta

tornava a seu *eu*, a flutuar no circuito, a padecer sede, a dominar a sede, a sentir nova sede.

Os *samanas* ensinavam muita coisa a Sidarta e ele aprendia numerosos métodos de separar-se do *eu.* Trilhava a senda da desindividualização, através da dor, através do tormento volun-tário e do triunfo sobre o sofrimento, sobre a fome, a sede, o cansaço. Desindividualizava-se, mediante a meditação, tirando do seu espírito toda e qualquer representação, até deixá-lo vazio. Aprendia a percorrer esse e outros caminhos, saindo inúmeras vezes do próprio *eu* e conservando-se no *não eu,* horas e dias a fio. Mas, por mais que os caminhos o afastassem do *eu,* ao fim sempre o reconduziam até ele. Se bem que, Sidarta, milhares de vezes escapasse a si mesmo, para demorar-se no nada, nos animais, nas pedras, era inevitável o retorno, era impossível evitar a hora do reencontro, à luz do sol ou ao luar, na penumbra ou sob a chuva; sempre vinha a hora em que ele era novamente Sidarta, *eu* e sentia mais uma vez a tortura do circuito imposto a ele.

A seu lado vivia Govinda, sua sombra. Trilhava as mesmas sendas. Afadigava-se da mesma forma. Só raras vezes falavam eles sobre outros assuntos que não aqueles que o serviço e os exercícios requeriam. De quando em quando, ambos passavam pelas aldeias, a mendigarem alimentos para si e para os seus mestres.

— Que tal, Govinda? — disse Sidarta durante uma dessas jornadas. — Achas que fizemos progressos? Realizamos algum propósito?

Respondeu Govinda:

— Aprendemos e continuamos a aprender. Tu, Sidarta, chegarás a ser um grande *satnana.* Em pouco tempo conseguiste *15*

executar todos os exercícios. Freqüentemente os velhos *samanas* tributaram-te admiração. Um dia serás um santo, ó Sidarta.

Replicou Sidarta:

— A mim, meu amigo, .-as coisas não se apresentam assim.

Olha, Govinda: aquelas lições que, até ao dia de hoje, aprendi dos *samanas,* eu poderia tê-las assimilado mais depressa e com menos esforço. Aquilo, meu caro, posso aprendê-lo em qual quer tasca do bairro de meretrizes, entre carroceiros e jogadores de dados.

— Sidarta está brincando comigo — tomou Govinda. —

Como poderias obter daqueles miseráveis a arte da meditação, a suspensão do fôlego, a insensibilidade à fome e à dor?

Mas Sidarta disse em voz baixa, como se falasse de si para si:

— O que é a meditação? O que, o abandono do corpo?

Que significa o jejum? E a suspensão do fôlego? São modos de fugirmos de nós mesmos. São momentos durante os quais o homem escapa à tortura de seu *eu.* Fazem-nos esquecer, passa geiramente, o sofrimento e a insensatez da vida. A mesma fuga, o mesmíssimo esquecimento, o boiadeiro encontra-os na estalagem, quando bebe algumas tigelas de vinho de arroz ou de leite de coco fermentado. Então cessa de sentir o seu *eu,* cessa de padecer dores, anestesia-se por algum tempo. Ao adormecer, junto à tigela de vinho de arroz, consegue o mesmo efeito que provocam Sidarta e Govinda, cada vez que, depois de prolongados exercícios, se distanciam de seus corpos, a fim de entrarem no *não eu.* Realmente, é assim, Govinda!

— Ainda que fales assim, meu amigo, — retrucou Govinda — sabes muito bem que Sidarta não é nenhum boia deiro e que os *samanas* não são ébrios. É verdade que um beberrão obtém o esquecimento. Certamente se lhe oferecem breves instantes de fuga e de sossego, mas sempre regressará do mundo da ilusão e tudo se lhe deparará como antes. Ele não se torna mais sisudo, não colhe conhecimentos, não sobe nenhum degrau.

E Sidarta replicou, sorrindo;

— Isso não sei julgar. Nunca fui beberrão. Mas uma coisa sei, ó Govinda: nos meus exercícios e nas minhas meditações, eu, Sidarta, encontro apenas fugidias fases de esquecimento.

E que, apesar disso, continuo tão distante da sabedoria, da *16*

salvação, quanto fica um feto no ventre da mãe, disso tenho plena certeza.

Em outra ocasião, quando Sidarta, acompanhado de Govinda, saía do mato, a fim de mendigarem na aldeia alguma comida para si e para os mestres, começou a abrir-se novamente, dizendo:

— Que achas, Govinda? Estamos no caminho certo? Pensas que nos aproximamos do conhecimento? Chegamos mais perto da graça? Ou, quem sabe, movimentamo-nos num círculo fe chado, justamente nós que queríamos escapar ao circuito?

A isso respondeu Govinda:

— Olha, Sidarta, aprendemos muito, mas muita coisa ainda resta-nos aprender. Não nos movimentamos num círculo fe chado, senão subimos sempre. O círculo é uma espiral. Já galgamos numerosos degraus.

Tornou Sidarta:

— Que pensas, quantos anos tem o nosso venerando mestre, o mais idoso dos *somemos?*

E Govinda: — O mais velho deve contar uns sessenta anos.

— Sessenta anos — retorquiu Sidarta — e não alcançou o *Nirvana?* Ele completará setenta anos e oitenta, e tu e eu, talvez cheguemos à mesma idade. Faremos exercícios, jejua-rcmos, havemos de meditar. Mas nunca alcançaremos o *Nirvana,* nem ele, nem nós. Acharemos consolo, encontraremos esque cimento, aprenderemos técnicas mediante as quais nos possamos iludir. O essencial, porém, o caminho dos caminhos, jamais se nos descortina.

•— O Sidarta — exclamou Govinda — não pronuncies essas palavras assustadoras! Como então seria possível que entre tantos homens sábios, entre tantos brâmanes, entre tantos *samanas* austeros e veneráveis, entre tantos e tantos pesquisadores esforça-dos e puros, não houvesse nenhum que fosse capaz de encontrar o caminho dos caminhos?

Mas Sidarta respondeu numa voz que refletia, ao mesmo tempo, pesar e escárnio, voz baixa, um pouco triste e todavia, irônica:

7 *Nirvana:* extinção da individualidade, emancipação final.

— Em breve, ó Govinda, o teu amigo há de afastar-se da senda dos *samanas,* pela qual andou, lado a lado contigo, durante muito tempo. Sinto sede, Govinda

e no curso da longa caminhada que fiz junto com os *samanas,* a minha sede não diminuiu em absoluto. Sempre almejei o conhecimento; sempre abriguei em mim grande número de perguntas. Consultei cs brâmanes, ano por ano, e consultei os sagrados vedas, ano por ano, e consultei os piedosos *samanas,* ano por ano. Talvez, ó Govinda, fosse igualmente oportuno, sensato e proveitoso inter rogar uma ave ou um chimpanzé. Gastei muito tempo e ainda não cheguei ao fim, para apenas aprender isto: que não se pode aprender nada! Acho eu que a tal coisa que chamamos "apren der' de fato não existe. Existe, sim, meu amigo, uma única sabedoria, que se acha em toda a parte. É o *Átman,* que está em mim e em ti e em qualquer criatura. E por isso começo 2

crer que o pior inimigo dessa sabedoria é a sede de saber, é a aprendizagem,

Nesse momento, Govinda estacou no meio do caminho.

Levantando as mãos ao céu, implorou:

— ó Sidarta, não desencorajes teu amigo, falando assim!

Realmente, tuas palavras despertam em meu coração gravíssimos temores. Imagina apenas: onde ficaria a santidade das orações, que seria feito da respeitabilidade da classe dos brâmanes e da virtude dos *samanas,* se aquilo fosse verdade e não pudéssemos aprender nada? Dize-^ne, ó Sidarta: qual seria então o destino de todas as coisas sagradas, valiosas, dignas de reverência que existem nesta terra?

E num murmúrio, Govinda recitou um verseto de um upanichade:

"Quem, ao meditar, com o espírito purificado, se confundir com o *Átman,* propiciará ao seu coração indizível bem-aven-turança."

Sidarta, porém, permaneceu calado. Refletiu acerca das palavras pronunciadas por Govinda e, no seu pensamento, acompanhou-as até ao seu derradeiro significado.

"Sim, — pensou, enquanto se detinha também, sabisbaixo

— que nos restaria de tudo quanto se nos afigurava sagrado?

O que ficará? O que resistirá à prova?"

E sacudiu a cabeça.

Certa feita, quando os dois jovens já haviam passado três anos em companhia dos *samanas*, sempre participando dos exercícios recomendados por estes, alcançou-os por estranhos caminhos e desvios uma nova, um boato, um mito, a afirmar que acabava de surgir uma pessoa de nome Gotama, o Sublime, o Buda, aquele que dominara em si mesmo o sofrimento do mundo e fizera parar a roda das ressurreições. Dizia-se que ele percorria o país, a ensinar, rodeado de discípulos, desprovido de recursos, sem pátria, sem mulher, trajando o manto amarelo dos ascetas, mas mostrando uma fisionomia plácida, como um bem-aventurado. Brâmanes e príncipes, inclinando-se diante dele, tornavam-se seus discípulos.

Esse mito ou boato ou lenda ecoava em toda a parte, exalando aqui e ali o seu insinuante aroma. Nas cidades, os bíâmanés comentavam-no e na selva, os *samanas*. Sempre e sempre, o nome de Gotama, o Buda, chegava aos ouvidos dos jovens, por bem ou por mal, encomiado ou envilecido.

Dava-se então o que ocorreria quando, num país atacado pela peste, se espalhasse a notícia de que, em algum lugar, existia um homem, um sábio, um perito, cuja palavra e cujo sopro ba&-tassem para curar todas as pessoas acometidas pelo mal. Se tal nova se propagasse pela região e todos falassem dela, sempre haveria quem acreditasse nela e quem manifestasse dúvidas.

Muitos, porém, pôr-se-iam a caminho, a fim de irem ao encontro do sábio, do salvador. Da mesma forma, corria de boca em boca aquela lenda; a perfumada lenda de Gotama, o Buda, o sábio da estirpe dos Saquias. Coubera a ele — segundo afirmavam os crentes — o dom do conhecimento supremo e de recordar-se das suas existências anteriores. Tendo alcançado o *Nirvana*, nunca mais voltaria ao circuito; jamais tornaria a mer-gulhar na turva torrente das configurações. A seu respeito, divulgavam-se numerosos fatos maravilhosos, formidáveis. O

Buda fizera milagres, vencera o Diabo, conversara com os deuses.

Seus céticos inimigos, porém, diziam que o tal Gotama era apenas um sedutor vaidoso; que passava os seus dias numa vida ociosa, desprezando os sacrifícios; que não possuía a menor erudição e não tinha noção de exercícios e

mortificações.

Doce era o som da lenda do Buda; mágica, a fragrância dos boatos. Ora, o mundo estava doente. Tornara-se difícil *19*

suportar a vida. . . E, todavia, imaginem! lá manava uma fonte de consolo. Era como se ressoasse o brado de um arauto, chamado reconfortante, clemente, prenhe de generosas pro-cessas. Onde quer que se divulgasse a fama do Buda, em todos os recantos das terras da índia, os jovens aguçavam o ouvido, cheios de saudade e de confiança. Entre os filhos de brámanes, nas cidades e nas aldeias, era bem-vindo qualquer peregrino cai forasteiro que lhes trouxesse notícias de Gotama, o Sublime, o Saquia-Muni.

A nova, penetrando na própria selva, alcançou também os *$amana$.* Sidarta e Govinda ouviram-na, aos poucos, em gotas, gotas pejadas de esperanças e de dúvidas. Só raras vezes falavam a seu respeito, já que o decano dos *samanas* não gostava da lenda, porque fora informado de que o pretenso Buda outrora vivera oo mato, como ermitão, porém, retornara à boa vida e aos prazeres mundanos. Por essa razão, o velho *satnana* formara uma opinião desfavorável àquele Gotama.

— ó Sidarta, — disse Govinda certa feita ao amigo —

hoje estive na aldeia e um brâmane convidou-me para entrar tja sua casa. Ali se encontrava o filho de um brâmane de Magada, o qual viu o Buda com os próprios olhos e assistiu às suas aulas. Realmente, nesse momento, a respiração me doeu no peito. Fiquei pensando: quem me dera que eu, que Sidarta e eu, pudéssemos viver até àquela hora em que nos fosse per mitido ouvir da boca desse Ser Perfeito a sua doutrina! Que achas, meu amigo? Que tal, se nós também nos encaminhásse mos ali, a fim de recebermos os ensinamentos do Buda em pessoa?

Respondeu Sidarta:

— Eu sempre pensei, ó Govinda, que tu nunca te afastarias dos *samanas.* Sempre acreditei que fosse o propósito de Govinda chegar aos sessenta e aos setenta anos, praticando sem cessar os métodos e os exercícios que fazem honra ao *samana.* Mas, vejam só! eu não conhecia Govinda. Pouca coisa sabia do seu coração. Pois então, meu caro, tens realmente a intenção de trilhar uma senda nova e de encaminhar-te ao lugar onde o Buda proclama a sua doutrina?

Replicou Govinda:

— Estás zombando de mim. Não faz mal, Sidarta. Mas, olha: não despertaram também em ti a vontade e o desejo de *20*

conhecer essa doutrina? E não me disseste certa vez que não acompanharia» por mais tempo os caminhos dos *&amanas?*

Nesse momento riu-se Sidarta, à sua maneira, e quando falou em seguida, havia no som de sua voz um quê de mágoa e uma pitada de ironia:

— Muito bem, Govínda — disse. — Falaste bem, e certas são as tuas recordações. Oxalá te lembres também de outra frase que me ouviste proferir; a saber que me tornei desconfiado com relação a ensinamentos e aprendizagens, que me cansei deles e que minha fé em palavras pronunciadas por professores diminuiu muito. Mas, apesar disso, meu querido, vamo-nos!

Estou disposto a enfronhar-me naquela doutrina, ainda que, no fundo do coração, esteja convencido de que já saboreamos os seus melhores frutos.

Retorquiu Govinda:

— Minha alma alegra-se em face do teu intuito. Explica-me, porém, uma coisa; acho impossível aquilo que afirmaste.

Como poderia a doutrina do Buda nos proporcionar os seus melhores frutos antes que a conhecêssemos?

E Sidarta:

— Gozemos desses frutos e aguardemos o resto. O primeiro fruto cujo sumo devemos ao Buda consiste no fato de ele ter-nos aliciado para longe dos *samanas*. Resta saber se ele tem ainda outras coisas, coisas melhores, a oferecer-nos, mas isso, meu amigo, podemos aguardar com toda a calma.

Nesse mesmo dia, Sidarta comunicou ao decano dos *samanas* a decisão que tomara, no sentido de separar-se dele. Falou ao ancião com a cortesia e a modéstia que convém aos jovens e aos discípulos. Mas o *samana* enfureceu-se, ao saber que os dois rapazes desejavam abandoná-lo. Começou a gritar, usando nomes feios.

Govinda, todo assustado, ficou perplexo. Sidarta, porém, aproximou a boca da orelha do amigo e sussurrou-lhe:

— Agora mostrarei ao velho que aprendi dele algumas coisinhas.

Colocando-se perto do *samana*, com a alma concentrada, apanhou nos seus olhos o olhar do ancião. Dominou-o, fez com que ele se calasse e perdesse a vontade própria. A seguir ordenou-lhe que, sem protesto, executasse o que lhe fosse imposto.

O velho silenciou. Os olhos imobilizaram-se. Sua vontade *21*

tornou-se inerte. Os braços pendiam frouxos. Impotente, sucum-bia ao feitiço de Sidarta. E os pensamentos do jovem apodera-vam-se do *samana* que teve de fazer o que dele exigia. Curvan-do-se várias vezes, o decano esboçou gestos de bênção e, em voz embargada, proferiu votos de boa viagem. Os dois amigos, por sua vez, retribuíram as mesuras, agradecendo e afastaram-se cem uma saudação.

— Ó Sidarta, — disse Govinda durante a caminhada —

aprendeste dos *samanas* mais do que &u sabia. É difícil, muito difícil mesmo, enfeitiçar um *somaria* idoso. Falando sério, se tivéssemos permanecido ali, rapidamente terias aprendido a caminhar sobre as águas.

— Ora, não me tenta caminhar sobre as águas — respon deu Sidarta. — Que os velhos *somemos* se divirtam com truques dessa espécie!

GOTAMA

N,

A CIDADE de Savati, até as crianças

conheciam o nome do augusto Buda e todas as famílias apressavam-se em encher as tigelas de esmola dos discípulos de Gotama, cada vez que estes as imploravam, sem pronunciarem palavra alguma. Nas proximidades da cidade estava o sítio preferido do Buda: o bosque de Jetavana, que Anatapindica, abastado admirador do Majestoso, dera de presente a ele e seus adeptos.

Sem exceção, as descrições e as respostas que os dois jovens ascetas haviam

obtido, enquanto andavam à busca de Gotama, tinham-lhes indicado essa mesma região. Logo que chegaram à primeira casa de Savati e pararam diante da porta em posição súplice, alguém lhes ofereceu comida. Aceitaram os alimentos e Sidarta perguntou à mulher que os atendia:

— ó bondosa moça, nós ansiámos de saber onde se en contra o venerabilíssimo Buda. Somos *samanos* e saímos da selva, a fim de vermos o Inigualável e ouvirmos de sua boca a doutrina.

— Deveras, ó *samanas* da selva, — tornou a mulher —

repousais no lugar certo. Pois, o Augusto reside em Jetavana, no jardim de Anatapindica. Convém, ó peregrinos, passardes a *23*

noite ali, uma vez que naquele recinto não falta espaço para o sem-número de pessoas que afluem para ouvirem de sua boca a doutrina,

Com isso alegrou-se Govinda.

— Até que enfim! — exclamou jubilosamente. — Chega mos ao nosso destino. Terminou a viagem. Mas, dize-nos, ó mãe dos peregrinos: conheces o Buda? Já o viste com teus próprios olhos?

E a mulher:

— Muitas vezes vi o Augusto. Em numerosas ocasiões ob servei-o quando passava pelas ruas, sem falar, com seu manto amarelo, ou apresentava, silenciosamente, a tigela de esmola às portas das casas, ou ainda quando se afastava com a tigela cheia.

Encantado. Govinda escutou-a. Já se dispunha a fazer outras perguntas, para ouvir mais. Sidarta, porém, insistiu em que prosseguissem na caminhada. Agradeceram e partiram. Não havia necessidade de pedirem informações, quanto à direção, porquanto não era pequeno o número de peregrinos e de monges do séquito de Gotama que se encaminhavam a Jetavana. E, à noite, quando alcançaram o lugar, não cessou nunca o movimento de chegadas, gritos, vozerios, de pessoas que procuravam e achavam pouso. Os dois *somo nas*, habituados à vida na selva, encontraram facilmente um abrigo, onde pudessem descansar até à madrugada.

Ao nascer do sol, notaram, com espanto, a multidão de fiéis e curiosos que pernoitara a seu redor. Por todas as veredas do bosque sagrado perambulavam monges de trajes amarelos; estavam sentados sob as árvores, absorvidos na meditação; aqui e ali travavam diálogos sobre assuntos religiosos. Os hortos obumbrados pareciam uma cidade cheia de habitantes que ali fervilhavam, qual enxame de abelhas. A maioria dos monges punha-se a caminho com as tigelas de esmolas, a fim de obterem, na cidade, comida para a refeição do meio-dia, a única que costumavam fazer. Também o próprio Buda, o Iluminado, tinha o hábito de esmolar na parte da manha.

Sidarta deparou com ele e imediatamente o reconheceu, como se um deus lho tivesse indicado. Observou como ele andava calmamente, um homem simples, de batina amarela, com a tigela de esmoleiro na mão.

24

— Olha aí! — segredou Sidarta ao ouvido de Govinda.

— Es.se é o Buda.

Atentamente, Govinda examinou o monge trajado de amarelo e que em nada parecia distinguir-se de centenas de outros monges. E logo percebeu também Govinda: é ele! E seguindo-o, ambos contemplavam o Buda.

Este palmilhava a estrada, recatadamente, entregue a seus pensamentos. Seu semblante impassível não mostrava nem alegria nem tristeza. Era como se, no seu íntimo, sorrisse silenciosamente. Com um sorriso imperceptível, tranqüilo, comedido, feito criança sadia, avançava o Buda, vestindo os mesmos trajes e colocando os pés de modo igual ao de todos os seus monges, conforme a rigorosos preceitos. Mas seu rosto, seus passos, seu olhar sereno, abaixado, sua mão que pendia imóvel e os próprios dedos dessa mão — tudo isso proclamava paz, proclamava perfeição, sem buscar, sem imitar nada; tudo era respiração suave, em imperecível sossego, em imorredoura luz, em nunca per-turbada paz.

Assim caminhava Gotama, rumo à cidade, para pedir esmolas e os dois *samanGS* identificavam-no unicamente pela perfeição da serenidade, pela calma da aparência, que não deixava perceber nem ambição, nem vontade, nem arremedo, nem. esforço, senão apenas luz e paz.

— Hoje hemos de ouvir a doutrina da própria boca do Buda — disse Govinda.

Sidarta permaneceu calado. Sentia pouca curiosidade pela doutrina. Não acreditava que ela pudesse ensinar-lhe algo de novo, uma vez que, tanto ele como Govinda, haviam obtido freqüentes informações acerca do teor dos ensinamentos de Gotama, ainda que se tratasse de relatos de segunda ou terceira mão. Contudo fitava atentamente a cabeça do Buda, os ombros, os pés, a mão que pendia serenamente. Parecia-lhe que as falan-ges de cada dedo dessa mão eram doutrina, falavam, respiravam, exalavam aroma, derramavam o brilho da verdade. Esse homem, esse Buda, era sincero até no gesto do último dos seus dedos.

Era santo. Jamais Sidarta venerara tão fervorosamente nenhum ser humano. Jamais tributara tamanho amor a homem algum.

Ambos seguiram o Sublime até à cidade. Voltaram em silêncio, porquanto tencionavam abster-se de alimentos durante esse dia. Viram como Gotama regressava. Observaram como *25*

fazia a sua refeição, rodeado pelos discípulos. O que comia não teria bastado nem sequer a um passarinho. E eles acom-panharam-no com os olhos, quando se recolhia à sombra do mangueiral.

À tardezmha, porém, logo que o calor amainara e os habitantes do acampamento se reuniram, reanimados, escutaram ambos os ensinamentos do Buda. Ouviram a voz dele e também esta era perfeita, manifestava tranqüilidade total, irradiava paz.

Gotama ministrava a doutrina do sofrimento, da origem do sofrimento, do caminho à abolição do sofrimento. Calmamente, lücj-damente, fluía a exposição plácida. A vida era sofrimento; o mundo estava cheio de mágoas; mas encontrara-se a salvação capaz de livrar-nos das tristezas: achá-la-ia quem acompanhasse o caminho do Buda. Com voz suave e, todavia, firme, falava o Augusto. Ensinava os quatro axiomas fundamentais, ensinava a óctupla estrada. Pacientemente, percorria a vereda habitual da doutrina, dos paradigmas, das repetições. Clara e branda, a voz pairava por cima dos ouvintes, como uma luz, como um firmamento estrelado.

,Já anoitecera, quando o Buda cessou de falar, Em seguida, alguns peregrinos aproximaram-se dele e lhe pediram que os aco-ihesse na sua comunidade, para que a doutrina os abrigasse, E Gotama admitiu-os, dizendo:

— Bem ouvistes a doutrina. Bem foi ela explicada. Vinde então, para viverdes em santidade e acabardes com todo o sofrimento.

Eis que Govinda, por tímido que fosse, igualmente avançou, anunciando:

— Também eu procuro agasalho na proximidade do Au gusto e da sua doutrina. — Solicitou a sua admissão ao círculo dos discípulos e foi aceito.

Logo depois, o Buda recolheu-se ao repouso noturno. Nesse instante, Govinda dirigiu-se a Sidarta, falando com ardor:

— Olha, Sidarta, não me cabe certsurar-te. Mas tu e eu escutamos a voz do Augusto. Ambos assistimos à exposição da doutrina. Govinda assimilou-a e procurou agasalho nela. E tu, meu prezado amigo, não queres trilhar também a senda da sal vação? Por que hesitas? Que aguardas ainda?

Era como se Sidarta despertasse de um sono profundo, ao ouvir as palavras de Govinda. Por muito tempo olhou o 26

rosto do companheiro. A seguir, disse ern voz baixa, sem nenhuma ironia:

— Govinda, meu caro, acabas de dar o passo e de escolher o caminho. Sempre fôste meu amigo, ó Govinda, sempre andaste um passo atrás de mim. Freqüentemente pensei: será que Go vinda nunca dará um passo sozinho, sem mim, pela iniciativa da sua própria alma? Pois é, e agora te tornaste homem e tu mesmo detenninaste o teu destino. Oxalá consigas chegar ao fim da tua jornada, meu querido! Que encontres a salvação!

Govinda, que por enquanto não compreendia inteiramente o significado dessas palavras, repetiu a sua pergunta com certa impaciência:

— Decide-te, finalmente, meu caro, faze-me o favor! Dize-me, uma vez, que não pode haver outra solução, que também tu, meu sábio amigo, desejas procurar agasalho na proximidade do bublime Buda!

Deitando a mão no ombro de Govinda, respondeu Sidarta:

— Ó Govinda, não percebeste a bênção que pronunciei.

Repito-a; oxalá que possas chegar ao fim da tua jornada! Que encontres a

salvação!

Nesse momento, Govinda deu-se conta de que o compai.heiro o abandonava. Rebentou em pranto.

— Sidarta! — exclamou em voz lamentosa

Mas este prosseguiu jovialmente:

— Não esqueças, Govinda, que daqui por diante fazes parte dos *samonas* do Buda. Renunciaste á pátria e aos pais; rs-mmciaste à estirpe e às posses; renunciaste à tua própria vontade; renuüciaste à amizade. Assim o requer a doutrina. Assim o de seja o Augusto. Tu mesmo o quiseste assim. Amanhã, ó Go vinda, hei de separar-me de ti.

Por muitas horas, ainda, os amigos passearam pelo bosque. Por muitas horas, permaneceram deitados, sem conciliarem o sono. Uma e outra vez, Govinda insistiu com o companheiro para que este lhe dissesse por que se recusava a acolher a doutrina de Gotama e que defeitos encontrava nela. Mas Sidarta sempre se negava às 'súplicas do amigo, dizendo:

— Sossega, Govinda! A doutrina do Augusto é excelente.

Como poderia eu encontrar nela um defeito sequer?

Ao primeiro clarão da madrugada, um dos mais velhos de entre os monges adeptos do Buda atravessou o jardim, a fira **27**

de convocar todos aqueles que desejassem procurar agasalho na doutrina. Queria vestir os neófitos com os trajes amarelos e ensinar-lhes os conhecimentos básicos, bem como as obrigações das pessoas do primeiro grau. Eis senão quando Govinda, como que desarraigado, abraçou, mais uma vez o companheiro. Em seguida, entrou no séquito dos noviços.

Sidarta, porém, vagueou pelo bosque, entregue aos seus pensamentos.

Foi nesse momento que Gotama, o Augusto, cruzou-lhe o caminho. O jovem saudou-o reverentemente e quando notou o olhar bondoso, sereno, do Buda, encheu-se de coragem. Pediu ao Venerável que lhe desse licença para falar. Com um aceno silencioso, o Augusto anuiu.

E Sidarta começou:

— Ontem, ó Majestoso, coube-me em sorte ouvir a tua maravilhosa doutrina. Junto com meu amigo, vim de longe, a tim de conhecê-la. E agora meu amigo aderiu aos teus discí pulos, abrigando-se na tua proximidade. Eu, porém, hei de rei niciar a minha peregrinação.

— À vontade — tornou o Venerável, cortêsmente.

— Minha palavras são excessivamente audaciosas — con tinuou Sidarta — mas não quero separar-me do Augusto, sem ter-lhe comunicado, com toda a franqueza, os meus pensamen tos. Consentiria o Venerável em prestar-me atenção por mais um instante?

Silencioso, o Buda deu anuência.

— Há uma coisa, ó Venerabilíssimo, — prosseguiu Sidaría

— que despertou em mim especial admiração, logo que conheci a tua doutrina. Nessa doutrina, tudo fica completamente claro.

Tudo é demonstrado. Tu mostras o mundo sob a forma de uma corrente perfeita, jamais e nenhures interrompida, corrente eter na, constituída de causas e efeitos. Nunca, em parte alguma, isso se percebeu com tamanha nitidez, nem tampouco foi exposto tão irrefutavelmente. Realmente, os corações de todos os brâmanes deverão vibrar de alegria, quando seus olhos enxergarem o cosmo através de tua doutrina, esse cosmo que forma um conjunto inteiriço, sem lacunas, límpido como cristal, não depen dente nem do acaso nem dos deuses. Se o mundo é bom ou mau, se a vida em seus confins é sofrimento ou prazer, essa pergunta pode permanecer sem resposta. Pede ser que aquilo *28*

tenha pouca importância. Mas a unidade do mundo, o nexo existente entre todos os acontecimentos, o fato de todas as coisas, tanto as grandes como as pequenas, estarem incluídas no mesmo decorrer, na mesma lei das causas, do *devir* e do *morrer* — tudo isso, ó Augusto, ressalta luminosamente na tua excelsa doutrina.

Mas, nessa mesma doutrina, há um único lugar em que tal unidade e lógica das coisas estejam interrompidas. Por uma minúscula lacuna penetra na unidade desse mundo um elemento estranho, novo, que antes não existiu, que não pode ser mostrado nem comprovado. Refiro-me à tua tese acerca da possibilidade de

superarmos o mundo e alcançarmos a redenção. Ora, essa pequeníssima lacuna, essa brechazinha, basta para destruir e liquidar toda a unidade e eternidade da lei cósmica. Perdoa-me a audácia de ter feito esta objeção.

Silencioso, impassível, escutara Gotama. A seguir falou o Homem Perfeito, na sua voz delicada e clara:

— Ouviste a doutrina, ó filho de brãmane e honra-te teres meditado profundamente a seu respeito. Enconíraste nela uma lacuna, uma falha. Continua a refletir sobre ela. Permite-me, porém, ó moço ávido de saber, que te advirta do emaranhamento das opiniões e da disputa acerca das palavras. Pouco valor têm as opiniões, sejam elas lindas ou feias, sensatas ou estúpidas.

Qualquer um pode agarrar-se a elas ou também refutá-las. Mas a doutrina que ouviste da minha boca não é nenhuma opinião e não tem o propósito de explicar o mundo a pessoas ávidas de saber. Seu desígnio é a redenção do sofrimento. O que Gotama ensina é ela e nada mais.

— Não tenhas rancor contra ,ním, ó Augusto — disse o jovem. — Não me dirigi a ti para discutir contigo, para provocar uma disputa em torno de palavras. Deveras tens razão: pouco valor têm as opiniões. Mas, com tua licença, direi mais uma coisa: não duvidei de ti nenhum instante. Não duvidei em ab soluto de que és o Buda, de que alcançaste o objetivo supremo a cuja busca se encaminharam tantos milhares de brâmanes e filhos de brâmanes. Obíiveste a redenção da morte! Ela te cou be em virtude do teu próprio empenho, pelo método que é teu, pelo pensamento, pela meditação, pelo conhecimento, pela ilu minação. Não a conseguisíe através da doutrina! E — eis o meu raciocínio, ó Augusto — ninguém chega à redenção me diante a doutrina! A pessoa .alguma, ó Venerável, poderás **29**

comunicar e revelar por meio de palavras ou ensinamentos o qus se deu contigo na hora da tua iluminação! Ela contém muita coisa, a doutrina do esclarecido Buda. A numerosas pessoas indica o caminho para uma vida honesta, afastada do Mal.

Mas há uma única coisa que não se acha nessa doutrina, por mais clara e veneranda que ela seja. Não nos é dado saber o segredo daquela experiência que teve o próprio Augusto, só êU

entre centenas de milhares de homens. São esses os pensamentos e as percepções

que me vieram» quando ouvi a doutrina. Por isso, hei de prosseguir na minha peregrinação, não para ir à procura de outra doutrina melhor, já que sei muito bem que não há nenhuma, senão para separar-me de quaisquer doutrinas e mestres, a fim de que possa alcançar sozinho o meu destino ou então morrer. Contudo me lembrarei freqüentemente deste dia, ó Sublime, e desta hora, na qual um santo se deparou aos meus olhos.

Serenamente, o Buda fitava o chão. Plàcidamente, com perfeita impassibilidade, luzia o rosto mescrutável.

—• Oxalá — disse lentamente o Venerável — que teus pensamentos não sejam erros! Que te seja permitido alcançar o teu destino! Mas, dize-me: viste a multidão de meus *samaws,* o sem-número de meus irmãos, que se agasalharam na minha doutrina? E achas, ó *samana* forasteiro, achas realmente que seria melhor para todos eles que abandonassem a doutrina e regres-sassem à vida do mundo e dos prazeres?

— Longe de mim pensar semelhante coisa — exclamou Sidarta. — Que eles continuem fiéis à tua doutrina e realizem os seus propósitos! Não me cumpre julgar a vida de outrem.

Devo opinar, escolher, rejeitar unicamente no que se refere a mim mesmo. Nós, os *samanas,* procuramos a redenção do *eu, ó* Augusto. Ora, se eu fosse um dos teus discípulos, ó Venerável, poderia acontecer-me — assim receio — que meu *eu* só aparen-temente, falazmente obtivesse sossego e redenção, mas na realidade continuasse a viver e a crescer, uma vez que eu teria então a tua doutrina, teria o fato de ser teu adepto, teria meu amor a ti, teria a comunidade dos monges e faria de tudo isso o meu *eu.*

Esboçando um meio-sorriso, Gotama contemplava o forasteiro com inabalável clareza e bondade. A seguir, despedindo-o com um gesto quase imperceptível, disse o Augusto: *30*

— És inteligente, ó *samana.* Sabes falar inteligentemente, mas, meu amigo, acautela-te contra o excesso de inteligência!

O Buda afastou-se 2 seu olhar, seu meio-sorriso gravaram-se para sempre na memória de Sidarta.

"Nunca vi homem algum que me olhasse e sorrisse assim, que tivesse esse modo

de andar e sentar-se — pensou o jovem.

— Quem me dera olhar, sorrir, caminhar, manter-me sentado à sua maneira, com esse quê de liberdade, de dignidade, de discrição, de ingenuidade, de franqueza e de mistério! Realmen te, assim só pode olhar e caminhar quem tiver penetrado no âmago de sua personalidade. Pois então, também eu me empe nharei em penetrar no âmago de minha alma."

"Vi um homem — continuou Sidarta nos seus pensamentos

— um único homem, diante do qual tivesse de baixar os olhos Não tenciono baixar os olhos diante de mais ninguém, ninguém!

Já não me tentará doutrina alguma, uma vez que a dele não me seduziu."

"O Buda privou-me de muita coisa — ponderou Sidarta.

—, Tirou-me algo e ainda mais me deu de presente. Privou-me **do** amigo, do homem que acreditava em mim e agora crê nele, da pessoa que era minha sombra e passou a ser a sombra de Gotama. E, no entanto, ele me deu Sidarta, deu-me a mim mesmo.

O DESPERTAR

E

NQUANTO Sídarta saía do bosque, onde

permanecia o Buda, o Perfeito, onde também

permanecia Govinda, sentia que deixara atrás, nesse recinto, toda a sua vida anterior, a qual daí por diante se separaria dele. Essa sensação que tomava conta do seu espírito preocupou-o durante a vagarosa caminhada. Sidarta refletia profundamente. Mergulhava até o fundo dessa emoção, assim como se mergulha na água, para alcançar-se o ponto onde repousam as causas. Pois lhe parecia que o verdadeiro pensar consistia no reconhecimento das causas e que, desse modo, o sentir se convertia em saber, o qual, ao invés de dissipar-se, criaria forma concreta e irradiaria o seu teor.

Enquanto lentamente avançava pelo caminho, Sidarta refletia. Verificou que já não era adolescente, senão homem maduro. Constatou que uma coisa se distanciara dele, assim como a pele gasta se despega da serpente e que ele cessara de sentir aquele desejo que o acompanhara através de toda a sua juventude, fazendo parte da sua personalidade: o desejo de ter mestres e de receber ensinamentos. Sidarta acabava de abandonar o último mestre que surgira no curso da sua jornada; abandonara também a ele, o mestre supremo, o mais sábio de todos, o Santíssimo, o Buda. Fizera-se necessário distanciar-se dele. Já não fora possível aceitar os preceitos de Gotama.

Caminhando cada vez mais devagar, absorvido pelos pensamentos, Sidarta perguntou-se a si mesmo: "Mas que desejaste aprender dos teus mestres e extrair dos seus preceitos? Que será aquilo que eles, que tanto te ensinaram, não conseguiram propiciar-te?" E ele encontrou a resposta: "Era meu desejo conhecer o sentido e a essência do *eu,* para desprender-me dele e para superá-lo. Porém não pude superá-lo. Apenas logrei iludi-lo.

Consegui, sim, fugir dele e furtar-me às suas vistas. Realmente, nada neste mundo preocupou-me tanto quanto esse *eu,* esse mistério de estar vivo, de ser um indivíduo, de achar-me separado e isolado de todos os demais, de ser Sidarta! E de coisa alguma sei menos do que sei quanto a mim, Sidarta!"

Como que agarrado a esse raciocínio, o moço interrompeu a lenta caminhada e de um pensamento nasceu outro, diferente:

"O fato de eu não saber nada a meu próprio respeito, o fato de Sidarta ter permanecido para mim um ser estranho, desconhecido, tem sua explicação numa única causa: tive medo de mim; fugi de mim mesmo! Procurei o *Átman*, procurei o *Brama,* sempre disposto a fraturar e a pelar o meu *eu*, a fim de encontrar no seu âmago ignoto, o núcleo de todas as cascas, o *Áimcm*, a vida, o elemento divino, o Ultimo. Mas, enquanto fazia isso, perdi-me a mim mesmo."

Abrindo os olhos, Sidarta olhou ao seu redor, com o rosto iluminado por um sorriso, Perpassava-lhe pelo corpo, até aos dedos dos pés, a profunda sensação de ter acordado de um sonho prolongado. Em seguida, reiniciando a sua marcha, estugou o passo, como quem sabe o que lhe convém realizar.

"Ah, não!" — pensou, aliviado, respirando a plenos pulmões

— "daqui em diante não admitirei nunca mais que Sidarta me escape! Nunca mais o meu pensar e a minha vida terão por ponto de partida o *Átrrtan* e o sofrimento do mundo! Cessarei de matar-me e de fraturar-me, com o intuito de achar um mistério atrás dos destroços. Não me deixarei orientar nem pelo *Yoga-Veda,* nem pelo *Atarva-Veda,* nem por ascetas, nem por doutrina alguma. Aprenderei por mim mesmo; serei meu próprio aluno; procurarei conhecer-me a mim e desvendar aquele segredo que é Sidarta!"

Olhou o mundo a seu redor, como se o enxergasse pela primeira vez. Belo, era o mundo! Era variado, era surpreendente e enigmático! Lá, o azul; acolá, o amarelo! O céu a flutuar e o rio a correr, o mato a eriçar-se e a serra também! Tudo lindo, tudo misterioso e mágico! E no centro de tudo isso achava-se ele, Sidsrta, a caminho de si próprio. Todas essas coisas, esses azuis, amarelos, rios, matos, penetravam nele pela primeira vez, através dos seus olhos. Já não eram feitiço do *Mam?*

Deixavam de ser o véu da *Maia.*° Não havia mais aquela multiplicidade absurda, casual, do mundo dos fenômenos, desprezados pelos profundos pensadores brâmanes, que rejeitam a multiplicidade e esforçam-se por achar a unidade. O azul era azul, o rio era rio e, posto que, nesse azul e nesse rio abrangidos por Sídarta existisse, escondida, a idéia da unidade, o Divino, era, contudo, peculiar do Divino, ser amarelo aí e azul lá, céu ali e mato acolá, e também ser Sidarta,

aqui, neste lugar. O sentido e a essência não se encontravam em algum lugar atrás das coisas, senão em seu interior, no íntimo de todas elas.

"Andei deveras surdo e insensível!" — disse de si para si, enquanto avançava rapidamente pela estrada. — "Quem se puser a decifrar um manuscrito, cujo significado lhe interessar, tampouco menosprezará os sinais e as letras, qualificando-os de ilusão, de casualidade, de invólucro vil, senão os lera, estudá-los-á amá-los-á, letra por letra. Eu porém, que- almejava ler o livro do mundo e o livro da minha própria essência, desprezei os sinais e as letras, em prol de um significado que lhes atribuía de antemão. Chamei de ilusão o mundo dos fenômenos. Con-siderei meus olhos e minha língua apenas aparentes, casuais, desprovidos de valor. Ora, isso passou. Despertei. Despertei de fato, Nasci somente hoje."

No curso desses pensamentos, Sidarta estacou mais uma vez, de repente, como se uma cobra lhe cruzasse o caminho.

Pois, subitamente, outra coisa ainda se decantava no seu espírito; ele, que realmente se parecia com uma pessoa que 8

Mara: literalmente: morte, destruição. Em sentido figurado: o de mônio, o tentador. *(N, do T.)*

9

Maia: na terminologia brámsne, é matéria imperecível, preexistente a todas as coisas, e da qual se servem os deuses para criar as formas aparentes, irreais, falazes. Assim se torna sinônimo de ilusão, magia, feitiço. *(N. do T.)*

acabava de acordar ou de renascer, deveria iniciar nesse instante uma vida totalmente nova. Ao abandonar, na manhã desse mesmo dia, o bosque de Jetavana, o jardim daquele ser sublime, já estivera a ponto de despertar, de encontrar o caminho que o levasse a seu próprio *eu*. Fora então a sua intenção e se lhe afigurara perfeitamente natural regressar ao torrão natal, para junto do pai, depois de tantos anos de ascetismo. A essa altura, porém, nesse momento em que se detinha, como se se deparasse com uma serpente, impôs-se-lhe a percepção: "Já não sou aquele que tenho sído. Cessei de ser sacerdote, de ser brâmane. Que farei então lá em casa, ao lado de meu pai? Estudar? Sacrificar?

Entregar-me à meditação? Tudo isso pertence ao passado, deixou de ladear meu caminho."

Sidarta parou. Quedou-se imóvel. Notando a que ponto iria a sua solidão, sentiu, por um instante, pela duração de um respiro, que o coração se lhe gelava no peito, estremecendo de frio, como um bichinho, um pássaro, uma lebre. Durante muitos anos'andara sem lar e, no entanto, não o percebera. Nesse momento, porém, dava-se conta da falta. Sempre, ainda que se distanciasse de tudo, nas mais longínquas meditações, pros-seguira sendo o filho de seu pai, fora brâmane, aristocrata, intelectual. Daí por diante, seria apenas Sidarta, o homem que acabava de acordar e nada mais. -Com toda a sua fôfça, aspirou o ar. Por um momento, tremeu de frio e de horror.

Ninguém estaria tão solitário quanto ele. Não havia nenhum nobre que não fizesse parte dos nobres; nenhum artesão que não pertencesse à classe dos artesãos, encontrando agasalho entre seus semelhantes, vivendo a vida deles e falando a mesma língua; nenhum brâmane que não se incluísse no grupo dos seus pares e convivesse com eles; nenhum asceta que não pudesse buscar abrigo entre os *samanas,* Nem sequer o mais isolado de todos os ermitões da selva era um homem só, não levava uma existência solitária, porquanto também ele pertencia a uma classe que lhe propiciava um lar. Govinda tornara-se monge e milhares de monges eram seus irmãos, vestiam os mesmos trajes, tinham a mesma fé, falavam a mesma língua. E ele, Sidarta? Qual seria o seu lugar? Participaria ele da existência de outrem? Haveria pessoas que falassem a mesma língua que ele?

35

Dês&e minuto, durante o qual o mundo que o cercava dissolvia-se em nada, durante o qual Sidarta estava só corno um astro no firmamento, desse minuto transido de frio e de temores, emergiu Sidarta, mais *eu* do que nunca, mais firme, mais con-centrado, Sentiu nitidamente: aquilo fora o derradeiro tremor do despertar, o último espasmo do parto. E logo tomou a caminhar, em marcha rápida, impaciente, afastando-se da sua terra, do lar paterno, de tudo quanto jazia atrás dele.

Segunda Parte

KAMALA

A

CADA PASSO da sua jornada, Sidarta

aprendia coisas que antes desconhecera. O mundo parecia-lhe diferente. Seu coração batia como que enfeitiçado. E

ele mirava o sol, sempre que este se levantava acima das montanhas cobertas de florestas ou se punha atrás da longínqua praia orlada de palmeiras. Contemplava a ordem dos astros no fírmamento noturno e o crescente da lua, a singrar, feito barco, pelo espaço azul. Olhava árvores, estrelas, animais, nuvens, arcos-íris, rochedos, ervas, flores, arroios e rios. Percebia o orvalho da madrugada, a cintilar nos galhos dos arbustos, e também o gxis esmaecido de serras distantes. Cantavam os pássaros, zumbiam as abelhas. Nos arrozais ressoava o argentino zunir da aragem. Tudo aquilo, esse sem-número de formas e cores, existira sempre. Em todos os tempos houvera o murmúrio de regatos e o zumbir de abelhas, mas outrora esses fenômenos tinham-se afigurado a Sidarta como um véu falaz, passageiro, estendido diante de seus olhos e que apenas merecesse desconfiança; um véu cujo destino fosse ser penetrado e destruído pelo pensamento, já que nada dísso ei a essencial e a realidade se encontrava além dos objetos visíveis.

Agora, porém, seu olhar libertado atinha-se a este lado das coisas, acolhendo e identificando o que se lhe *41*

deparava. Procurava radicar-se neste mundo. Já não ia em busca do essencial. Já não visava o além. Como era belo o mundo, para quem o olhasse assim, ingenuamente, simplesmente, sem nada procurar nele! Como eram lindos os astros e a lua, os arroios e as ribeiras, as florestas e os penedos, a cabra e o besouro dourado, a flor e a borboleta! Era prazeroso e ameno passear assim pelo mundo, cândidamente, como quem acabasse de despertar e se abrisse a tudo quanto o rodeasse, sem o menor receio. Diferente era o sol que ardia por cima da sua cabeça; diferente, a frescura da sombra do mato; diferente, o sabor da água de regato e cisterna; diferente, o aroma de abóboras e bananas. Breves se tornavam os dias; fugazes as noites. Cada hora voava, impelida qual veleiro no mar, e sob as velas achava-se o casco cheio de tesouros, de delícias. Sidarta espreitou o povo dos macacos, enquanto percorriam a alta abóbada formada pela ramagem da selva; observou-os, como pulavam de galho em galho; escutou os gritos ávidos, ferozes. Viu um carneiro a correr atrás de uma ovelha,1 para cobri-

la. Ao entardecer, no juncal da lagoa, espiou um lúcio que ia à caça, acossado pela fome, e o cardume de peixinhos apavorados, a saltar das águas, nervosos e brilhantes. A violência da perseguição provocou turbilhões passageiros que exalavam um perfume impregnado de paixão e vigor.

Tudo isso existira em todos os tempos, e todavia escapara a Sidarta. Ele não estivera presente. Nes.se instante, porém, estava presente, fazia parte dos acontecimentos. Pelos seus olhos passavam luzes e sombras. Os astros e a lua entravam no seu coração.

Durante a caminhada, Sidarta rememorou tudo o que lhe ocorrera no jardim de Jetavana: a doutrina que ali ouvira, o divino Buda, a despedida de Govinda, o diálogo travado com o Augusto. Chamou à memória as frases que ele mesmo dirigira ao Sublime, palavra por palavra e com espanto verificou que naquela hora proferira coisas que então, no fundo, nem sequer sabia. Dissera a Gotama que o tesouro e o mistério do Buda não consisteir na doutrina, senão num quê indizível, não suscetível de ser ensinado e cuja experiência coubera ao Augusto na hora de sua iluminação. Ora, o desígnio da sua própria jornada seria precisamente ter essa mesma experiência. Ele recém-começara a viver. Agora carecia'sondar o seu íntimo. Na ver-42

dade percebera, havia muito, que seu *eu* e o *Átman* eram uma e a mesma coisa e tinham a sua essência eterna em comum com o *Brama.* Mas nunca lograra achar esse *eu*, portanto se empenhara em enredá-lo nas malhas do pensamento. Posto que o corpo e o jogo dos sentidos certamente não fossem o *eu*, não convinha tampouco identificar com ele o pensamento, a inteligência, a sabedoria assimilada ou, finalmente, a técnica de tirar conclusões e de tecer, à base de raciocínios feitos, pensamentos novos. Não! também essa esfera do espírito pertencia ainda a este mundo. Quem matasse o *eu* casual dos sentidos e, em compensação, alimentasse o *eu* igualmente casual do pensar e da erudição não alcançaria nenhum objetivo. Uns e outros, os pensamentos tanto como os sentidos, eram coisas bonitas. O derradeiro significado jazia, porém, atrás de ambos. Era preciso ouvir os dois, brincar com eles, sem desprezá-los nem superestimá-los. Cumpria depreender de tudo quanto diziam a voz secreta do nosso íntimo. Sidarta estava decidido a aspirar somente àquilo que a voz mandasse perseguir. Não se ateria a coisa alguma a não ser àquela que a voz lhe recomendasse. Por que se sentara Gotama em determinado momento, na hora das horas, ao pé daquele baobá, onde lhe viesse a iluminação? Por ter ouvido uma voz, a ressoar dentro do seu próprio coração, e que lhe ordenava repousar

na sombra dessas árvores. E ele, sem dar preferência às mortificações, aos sacrifícios, aos banhos, às orações, sem pensar em comer, beber, dormir, sonhar, obede-cera à ordem. Tal obediência prestada, não a prescrições vindas de fora, senão unicamente à voz íntima, tal prontidão irrestrita, era boa, era necessária e o mais não tinha importância alguma.

À noite, enquanto dormia na choupana de palha de um balseiro, junto à ribeira, Sidaría teve uma visão: aparecia-lhe Govinda, vestindo os trajes amarelos dos ascetas. Seu rosto parecia abatido e em voz triste disse ele: "Por que me abandonaste?"

E Sidarta abraçou o amigo. Mas, enquanto o enlaçava nos bra-

ços e o estreitava ao peito, já não era Govinda a quem cingia, senão uma mulher, de cujo vestido saía um seio opulento. Sidarta encostou a boca nesse seio e bebeu. O sabor do leite era doce e forte. Sabia a macho e fêmea, a sol e mato, a animal e flor, a todas as frutas, a todos os prazeres. Embriagava e provocava tonturas.

Quanto Sidarta acordou, cintilavam as águas do rio, lan-

çando um clarão lívído pela porta da choupana. Da selva ressoava, profundo e distinto, o grave chamado de uma coruja.

Logo que raiou o dia, Sidarta pediu a seu anfitrião que o conduzisse ao outro lado, Na jangada de bambu, o balseiro transportou-o através do vasto rio, cuja água resplandecia rosada à luz da aurora.

— Que lindo rio! — disse Sidarta ao companheiro.

— Pois é — respondeu o balseiro. — Ê muito lindo. Pre firo esse rio a todo o resto do mundo. — Muitas vezes escutei o seu murmúrio, muitas vezes observei o seu olhar e nunca deixei de aprender dele. Um rio pode ensinar-nos tanta coisa.

— Agradeço-te, ó meu benfeitor — disse Sidarta, ao desem barcar. — Não te posso dar nenhum presente, para retribuir a tua hospitalidade. Não tenho com que te pagar, meu caro.

Sou um homem ser lar. Sou filho de brâmane e *samana*.

— Eu sabia disso — replicou o balseiro — e não esperei da tua parte nenhuma recompensa, nenhum presente. Em outra ocasião me darás algum mimo.

— Achas mesmo? — perguntou Sidarta jovialmente.

— Tenho certeza. Também isso aprendi do rio: tudo volta. Tu também voltarás, ó *samana*. Passa bem! Que tua amizade seja meu salário. Lembra-te de mim, quando oíereceres um sacrifício aos deuses.

Separaram-se com um sorriso. Risonho, Sidarta aprazía-se com a gentileza e a amabilidade do balseiro. "Ele se parece com Govinda — pensou, sorrindo. — Tais pessoas ficam gratas, apesar de poderem, elas mesmas, reivindicar gratidão. Todas elas são submissas, querem ser amigas, gostam de obedecer, não gostam de pensar muito. Esses homens são verdadeiras crianças."

Por volta do meio-dia, passou por uma aldeia. Diante das cabanas de barro, a garotada revolvia-se na poeira da rua, brincando com sementes de abóbora e conchas. Os meninos gritavam e lutavam uns com os outros, mas todos fugiam, assustados, do *samana* desconhecido, Na outra extremidade da aldeia, a estrada

"atravessava um arroio. À sua beira, uma rapariga, de joelhos, lavava roupa. Levantou a cabeça, quando Sidarta a saudou e examinou-o, sorrindo, de baíxo para cima, de modo que reluzia o branco de seus olhos. O jovem proferiu uma frase de bênção, à maneira dos peregrinos. Em seguida perguntou-lhe se a cidade grande ficava ainda longe. Ela levantou-se. Aproximou-se de Sidarta. Os lábios úmidos brilhavam formosos, no rosto da moça.

Os dois trocaram então gracejos. Ela indagou se Sidarta já almoçara. Quis saber se era verdade que os *samanas* passavam a noite sozinhos no mato e não unham o direito de gozar a companhia de mulheres. Enquanto isso, colocou o pé esquerdo sobre o pé direito de Sidarta e esboçou o gesto que fazem as mulheres, quando excitam os homens àquele jogo de amor que os manuais didáticos denominam: "Trepar na árvore". Sidaría sentiu que seu sangue escaldava *c*, recordando-se do sonho que tivera, inclinou-se levemente em direção da mulher, para apertar a boca no bico pardo do seio. Erguendo o rosto, viu que a mulher sorria, cheia de desejo. Nos olhos semicerrados liam-se a imploração e a cupidez.

Também Sidarta experimentava o mesmo desejo. Sentia a vibração da fonte do sexo. Mas, como jamais se acercara de mulher alguma, hesitou por um instante,

com as mãos já dispostas a agarrá-la. E nesse momento ouvia, estremecendo, a voz da sua alma e a voz dizia: "Não!" De súbito, o semblante risonho da rapariga perdeu todo o seu encanto. O que se lhe deparava era apenas o olhar úmido de uma fêmea no cio. Gentilmente, Sidarta acariciou-lhe a face. Em seguida, afastando-se a passo lépido da mulher desapontada, sumiu no bambual.

No mesmo dia, antes do entardecer, alcançou uma cidade grande. Alegrou-se com isso, uma vez que tinha saudade de criaturas humanas. Por longos anos, vivera na floresta e a choupana de palha do balseiro, onde ele passara a noite anterior, era, desde muito tempo, o único teto a abrigá-lo.

Diante das portas da cidade, nas proximidades de um belo bosque cercado, um1 grupinho de servos e aias, carregados de cestas, ia de encontro ao caminhante. Dentro de uma liteira conduzida por quatro homens e coberta de um baldaquim de muitas cores, uma senhora, a patroa, estava sentada num coxim vermelho. Sidarta estacou junto à entrada do arvoredo, a fim de contemplar o cortejo. Observou os criados, as raparigas, as cestas. Olhou a liíeira e dentro dela, enxergou a dama. Sob uma alta torre de cabelos negros, avistou um semblante muíto claro, bem delicado, bastante inteligente, com a boca rosada, como um figo recém-cortado. Cuidadosamente pintadas, arqueavam-se *45*

as sobrancelhas. A mirada dos olhos escuros revelava siso e vigilância. Alvo e comprido, o pescoço saía do corpete verde e jajde. As mãos brancas, graciosas, delgadas, repousavam, imóveis e largos braceletes de ouro adornavam os pulsos.

Sidarta admirou-se de tanta beleza e seu coração deliciou-se.

Curvou-se profundamente, quando a liteira chegou perto dele. Ao erguer-se, fitou o rosto luzente, simpático. Por um instante, lia nos olhos inteligentes, por cima dos quais se abobadavam as altas sobrancelhas. Inalava a aura de um perfume desconhecido.

Sorridente, a formosa mulher saudou-o com uma inclinação apenas perceptível da cabeça. Logo depois, desapareceu no bosque, seguida pela criadagem.

"Ora — pensou Sidarta — desta forma entro na cidade sob um signo auspicioso." Teve vontade de penetrar no arvoredo sem perda de tempo, mas, refletindo, lembrou-se de que os servos e as aias o haviam examinado com menosprezo e desconfiança, ao cruzarem com ele, junto à porta do bosque.

"Por enquanto sou *samana* — disse de si para si. — Não cessei ainda de ser um asceta e um mendigo. Não posso ficar assim. Deste jeito, não é possível entrar num parque."

E riu-se gostosamente.

À primeira pessoa que encontrou na estrada perguntou a quem pertencia o bosque e como se chamava a mulher. Soube então que se encontrava no parque de Kamala, célebre cortesã, que além dessa propriedade ainda possuía uma casa na cidade.

Sem demora, Sidarta entrou nessa cidade. Daí por diante, teria um objetivo.

Sem perdê-lo de vista, deixou-se tragar pela multidão.

Depois de boiar na corrente das vielas, parava nas praças. Des-cansava na escadaria, à beira do rio. De íardezinha, travou amizade com um oficial de barbearia, ao qual vira trabalhar à sombra de um portão e que reencontrou a orar num templo de Visnu. Contou-lhe a história de Visnu e Laksmi. Pernoitou perto dos barcos ancorados no rio e ria manhã seguinte, bem cedo, antes de chegarerr os primeiros fregueses, pediu ao rapaz para barbeá-lo, cortar-lhe o cabelo, arranjar-lhe o penteado e uniá-lo com óleos finíssimos. Feito isso, foi banhar-se no rio.

Ao entardecer, quando a formosa Kamala na sua liteira acercava-se do bosque, Sidarta achava-se junto à entrada. Inclinou-se e recebeu a saudação da cortesã. Fazendo um sinal ao *46*

servo que encerrava o cortejo, solicitou dele que informasse a patroa de que um jovem brâmane desejava falar com ela. Depois de alguns minutos, o criado voltou e lhe deu um sinal para que o acompanhasse. Sem falar, conduziu-o a um pavilhão, onde Kamala jazia num sofá. Deixou-o a sós com ela.

__ Não és aquele moço que esteve ontem na entrada do bosque e me cumprimentou? — perguntou Kamala.

_ Pois é. Já te vi e te cumprimentei ontem.

_ Mas, não tinhas ontem uma barba e cabelos compridos, cobertos de poeira?

— Observaste-me muito bem. Enxergaste tudo. Viste Sidarta, o füho de brâmane, que abandonou o seu lar, para ser um *samana* e viveu três anos a vida dos ascetas. Agora, porém, abandonei essa senda. Cheguei a esta cidade e, a primeira pessoa que encontrei, ainda antes do portão, fôste tu. Para dizer-te isso, vim tem contigo, ó Kamala! Tu és a primeira mulher à qual Si darta dirige a palavra sem baixar os olhos. Nunca mais baixarei os olhos, quanto topar com uma formosa' mulher.

Sorrindo, Kamala brincava com o leque de penas de pavão.

— E Sidarta veio visitar-me, unicamente para dizer-me isso? — indagou.

— Para dizer-te isso, sim, e para expressar a sua gratidão por seres tão linda. E se minha ousadia não te desaprouver, ó Kamala, gostaria de pedir-te que sejas minha amiga e mestra.

Pois nada sei ainda da arte que tu exerces tão magistralmente.

Kamala deu uma gargalhada.

— Olha, meu amigo, nunca me ocorreu que um *samana* pudesse sair do mato, a fim de estudar comigo! Pela primeira vez me procura um *samana* de cabelos compridos, com uma tanga velha, esfarrapada! Muitos jovens vêm ter comigo e entre eles há também filhos de brâmanes. Mas todos andam bem ves tidos, calçando sapatos elegantes. Têm cabelos perfumados e dinheiro nos bolsos. Ê assim, meu amigo *santana*, que devem ser os jovens que me visitem.

— Já começo a aprender de ti — respondeu Sidarta.

— Ontem também aprendi alguma coisa. Já me desfiz da barba, penteei o cabelo, perfumei a cabeça. O que ainda me falta, ó magnífica senhora, é pouca coisa apenas: roupas finas, sapatos distintos, dinheiro nos bolsos. Olha, Sidarta enfrentou tarefas muito mais difíceis do que bagatelas dessa espécie e realizou-as. Como não conseguiria então o que se propôs ontem: ser teu amigo e aprender de ti as delícias do amor! Tu terás era mim um aluno dócil, ó Kamala. Assimilei ensinamentos mais complicados do que aqueles que tu terás de ministrar-me. Pois então, Sidarta não te basta assim como é, com os cabelos besun-tados de óleo, mas sem roupas, sem sapatos, sem dinheiro?

Com uma risada, replicou Kamala:

—• Não, meu caro, ele não me basta. Deve ter roupas, mas roupas bonitas, e sapatos, mas dos melhores, muito dinheiro nos bolsos e presentes para Kamala. Compreendeste, ó *samana* do mato? Gravaste tudo na memória?

—• Gravei tudo, perfeitamente — exclamou Sidarta. —

Como me esqueceria de algo que viesse de uma boca igual à tua?

Tua boca parece um figo recém-cortado, ó Kamala. Também a minha é rubra e fresca. Hás de notar que ela combinará bem com a tua. Mas dize-me, ó bela Kamala, não tens nenhum medo do *samana* saído do mato, e que veio aprender de ti o amor?

—• Por que sentiria eu medo de um *samana*, de um palerma do mato, que só conviveu com os chacais e não tem a menor idéia do que é uma mulher?

—• Olha, ele é forte, esse *samana*, e nada o assusta. Ele poderia tomar-te pela força, ó formosa moça. Poderia raptar-te.

Poderia fazer-te mal.

— Não, ó *samana*, assim não me aíemorizas. Por acaso existiu jamais um *samana* ou um brâmane receoso de que alguém pudesse aproximar-se dele, para agarrá-lo e roubar-lhe a erudição, a piedade, a profundeza do espírito? Nunca! Essas qualidades lhe pertencem exclusivamente e ele distribui delas só aquilo que quiser dar e a quem lhe aprouver. O mesmo, exatamente o mesmo, acontece com Kamala e com os prazeres do amor. Bela e rubra é a boca de Kamala, mas procura apenas beijá-la contra a sua vontade e não obterás nenhuma gota da doçura desses lábios que tanta doçura sabem propiciar! Uma vez que és dócil, ó *samanü*, aprende também isto: o amor pode-se mendigar, comprar, receber de presente, mas nunca roubar pela força. O caminho que imaginaste está errado. Realmente, seria uma lástima, se um moço tão bonito como tu lançasse mão de meios tão absurdos.

Sidarta inclinou-se com um sorriso.

— Seria de fato uma lástima, ó Kamala, Tens razão.

Uma verdadeira lástima! Não, não devo perder nenhuma gota da doçura da tua boca, assim como tu não perderás nenhuma da minha! Está combinado: Sidarta

voltará quando tiver o que ainda lhe falta, as roupas, os sapatos, o dinheiro. Mas, dize-me, ó graciosa Kamala; não queres dar-me um pequeno conselho?

— Um conselho? Por que não? Quem não gostaria de orientar um pobre e ignorante *samana* que vem diretamente dos chacais do mato?

— Aconselha-me então, minha querida Kamala: aonde devo dirigir-me para encontrar aquelas três coisas o mais depressa possível?

— Ora, meu amigo, há muita gente que gostaria de saber a resposta a essa pergunta. Terás de utilizar teus conhecimentos e conseguir que paguem o teu trabalho, oferecendo-te dinheiro, roupas e sapatos. É só assim que os pobres chegam a enriquecer.

Que é que sabes fazer?

—• Sei pensar. Sei esperar. Sei jejuar.

— Nada mais?

— Nada mais. Mas, como? Sei ainda fazer poesia. Não me darias um beijo por um poema?

— Darei, sim, se teu poema me agradar. Quero ouvi-lo.

Após ter refletido um instante, Sidarta recitou os seguintes versos:

"Na sombra do seu bosque entrou a beta Kamala, Ate *entrada do arvoredo achava-se o pardo* samana.

Quando avistou a jlor de lótus,

Profundamente se inclinou.

Sorrindo, agradeceu Kamala,

E o jovem disse de si para si:

Faz bem quem imolar tudo aos deuses,

Mas melhor ainda quem sacrificar

Ã bela Kamala."

A moça aplaudiu com tanta força que os braceletes de ouro tiniam.

—i Teus versos são lindos, ó pardo *samana*. Realmente, acho que não perco nada, se te der um beijo em troca.

Atraiu-o para junto de si e Sidarta inclinou o rosto sobre o de Kamala. Pousou a boca sobre os lábios dela, que pareciam *49*

um figo recém-cortado. Era demorado o beijo de Kamala e com imenso espanto sentiu Sidarta que ela o ensinava. Percebeu a perícia da mulher. Observou que o dominava, ora afastando-o, ora convidando-o. Notou que a esse primeiro beijo sucedia toda uma seqüência de beijos bem calculados e estudados, cada quai diferente do anterior e dos que ainda o aguardavam. Respirando profundamente, Sidarta permaneceu imóvel, pasmado, como uma criança, em face da extensão da arte que se lhe descortinava, e de tudo quanto lhe restava aprender.-

— São muito lindos, os teus versos — exclamou Kamala

— e se eu fosse rica, receberias de mim umas moedas de ouro.

Mas será difícil para ti ganhar com versos tanto dinheiro quanto necessitarás. Pois, precisarás de bastante dinheiro, se quiseres tornar-te o amigo de Kamala,

— Corno saber beijar bem, ó Kamala! — balbuciou Si darta. —. Sim, sei dar beijos e por isso não me faltam vestidos, sapatos, pulseiras e todas as outras coisas bonitas. Mas que será de ti? Não sabes fazer nada, a não ser pensar, jejuar e fazer versos?

— Sei também as orações dos sacrifícios — respondeu Sidarta — mas não quero voltar a cantá-las. Também conheço fórmulas mágicas, mas não quero pronunciá-las novamente.

Li as escrituras...

— Pára! — ínterrompeu-o Kamala. — Então sabes ler e escrever?

— Claro que sei, e não sou o único a sabê-lo.

— Mas a maioria das pessoas não sabe. Nem eu sei. Está ótimo que aprendesíe a ler e escrever, está ótimo! E também poderás servir-te das fórmulas mágicas.

Nesse momento, uma das aias, que entrara a toda pressa, soprou algumas palavras ao ouvido da patroa.

— Vem uma visita — disse Kamala. — Vai-te embora, Sidarta, e que ninguém te veja aqui! Compreendeste? Amanhã tornarei a receber-te.

A seguir ordenou à criada que desse um manto branco ao piedoso brâmane. Antes que se desse conta do que lhe acontecia, o jovem sentiu-se arrastado pela rapariga que, por um caminho secreto, conduziu-o a uma casa de jardineiro. Brin-dou-o com um manto, levou-o ao arvoredo e pediu-lhe insis-50

tentemente que se apressasse a sair do recinto, sem que ninguém o avistasse.

Satisfeito, Sidarta obedeceu. Como aprendera na floresta, atravessou silenciosamente o bosque e passou por cima da cerca viva. Todo feliz, regressou à cidade, com o manto enrolado sob o braço. Num albergue freqüentado por viajantes, colocou-se nas proximidades da porta. Com um gesto mudo, rogou que lhe dessem alguma comida e, sem falar, aceitou um pedaço de bolo de arroz. "Pode ser que amanhã eu não precise mais pedir comida a ninguém!" — pensou.

Subitamente, um sentimento de orgulho apoderou-se dele-Depois de ter cessado de ser *samana,* já não lhe convinha mendigar. Atirando o bolo de arroz a um cão, absteve-se de alimentos.

"Como é simples a vida que se leva neste mundo!" — ponderou Sidaría. — "Não existe nenhuma dificuldade. Quando eu era *samana,* tudo era complicado e penoso, Ao fim, já não havia nenhuma esperança. Agora tudo se torna fácil, tão fácil quanto são as aulas de beijos que me ministra Kamala. Preciso unicamente de dinheiro e de roupas. É um objetivo próximo, insignificante, que não me tirará o sono."

Fazia muito que localizara a casa que Kamala habitava na cidade. No dia seguinte, lá apareceu.

— Tudo vai bem! — exclamou ela, ao vê-lo. — Kamasvami te aguarda. É o comerciante mais rico da cidade. Se lhe agradares, serás contratado por ele. Usa a tua inteligência, ó pardo *samana*. Consegui que outras pessoas lhe falassem de

ti.

Mostra-te gentil para com ele. Kamasvami é muito poderoso.

Mas não sejas demasiado modesto! Não quero que ele te em pregue como servo. Deveras ser seu igual, de outro modo não ficarei satisfeita contigo. Kamasvami começa a envelhecer e torna-se preguiçoso. Se ele gostar de ti, certamente te entregará muitos assuntos.

Sidarta agradeceu-lhe, radiante, e Kamala, quando soube que o moço nada comera, nem naquele dia, nem na véspera, deu ordem para que lhe trouxessem pão e frutas, que ela mesma lhe serviu.

— Tiveste sorte — disse na hora da despedida. — Uma porta após outra abre-se diante de ti. Como se explica isso?

Dispões, por acaso, de algum feitiço?

51

E Sidarta:

— Ontem te contei que sei pensar, esperar, jejuar e tu achaste que isso não valia nada. Mas, na realidade vale muito, ó Kamala, como verás em breve. Então perceberás que os estúpidos *samanas* da selva aprendem muita coisa bonita que vós, os outros, ignorais. Anteontem, eu era um mendigo hirsuto.

Ontem já beijei Kamala e daqui a pouco serei um comerciante e terei dinheiro e todas as demais coisas às quais ligas tamanha importância.

— Pois é — concordou ela. — Mas que farias sem mim?

Que seria de ti, se Kamala não te ajudasse?

—> Minha querida Kamala — replicou Sidarta, emperti-gando-se. — Quando entrei no teu bosque, dei o primeiro passo.

Era o meu propósito aprender o amor pelos ensinamentos da mais formosa de todas as mulheres. A partir do momento em que me propus a isso, sabia também que realizaria as minhas intenções. Tinha certeza de que tu me ajudarias. Sabia-

o, desde que me olhaste pela primeira vez, na entrada do teu parque.

—• E se eu não quisesse fazê-lo?

— Já o fizeste. Olha, Kamala: uma pedra que atirares na água, dirige-se ao fundo pelo caminho mais rápido. O mesmo sucede, cada vez que Sidarta tem um objetivo, um propósito.

Sidarta não faz nada. Apenas espera, pensa e jejua. Mas passn através das coisas deste mundo como a pedra passa pela ágt , sem mexer-se, sentindo-se atraído, deixando-se cair. Sua met.

puxa-o para si, uma vez que ele não admite no seu espírito nada que se possa opor a ela. Eis o que Sidarta aprendeu dos *samanas.* É aquilo que os tolos chamam de feitiço e que na opinião deles é obra dos demônios. Nada é obra dos demônios, já que não há demônios. Cada um pode ser feiticeiro. Todas as pessoas são capazes de alcançar os seus objetivos, desde que saibam pensar, esperar, jejuar.

Kamala escutou atentamente. Adorava a voz de Sidarta e também a expressão de seus olhos.

— Talvez seja mesmo assim como afirmas — disse ela em voz baixa. — Mas também pode ser que Sidarta seja apenas 52

um bonitão, cujo olhar agrade às mulheres, e que, por isso, a sorte o bafeje.

Sidarta despediu-se com um beijo. — Oue assim seja, minha mestra! Tomara que meu olhar nunca cesse de agradar-te, paia que minha sorte sempre venha de ti!

53

ENTRE OS HOMENS TOLOS

encaminhou-se ao comerciante Kamasvami. In-

dicaram-lhe uma casa luxuosa. Alguns criados conduziram-no por corredores decorados com tapetes preciosos até a uma sala onde ele devia aguardar a chegada do amo.

Entrou Kamasvami, homem ágil, desembaraçado, de cabelos grisalhos. Seu olhar revelava siso e prudência e a boca, sensua-lidade. O dono da casa e o visitante cumprimentaram-se amàvelmente.

— Fiquei sabendo — começou o comerciante — que és um brâmane erudito, mas procuras um emprego no comércio.

Explica-me, pois, ó brâmane; estás na miséria, de modo que a necessidade te obriga a empregar-te?

— Absolutamente — respondeu Sidarta. — Não estou na miséria, e nunca padeci miséria. É preciso que saibas que fiz parte dos *samanas* e convivi com eles durante muito tempo.

— Ora, se viveste a vida dos *samanas*, como dizes que não estás na miséria? Desde quando não andam os *samanas* des providos de tudo?

— Não tenho nada que me pertença — replicou Sidarta

— se fôr a isso que te referes. Estou desprovido de tudo, como *54*

não? Mas vivo assim por minha livre vontade e por isso não careço de nada.

— Mas de que tencionas viver, uma vez que não possuis nada? — Nunca me preocupei com esse problema, meu caro se nhor. Por mais de três anos vivi sem ter bens materiais e nunca me perguntei como me sustentaria no futuro.

— De maneira que viveste do que outros possuíam.

— Provavelmente foi assim. Também o comerciante vive do que possuem os outros.

— Muito bem. Mas não recebe os bens dos outros de graça, uma vez que lhes dá em troca a sua mercadoria.

— De fato parece que seja assim. Todos recebem e dão alguma coisa. Assim é a vida.

—• Permite-me, porém, uma objeção: tu que não possuis nada, que é que tencionas dar?

— Cada um dá o que tem. O guerreiro dá a sua força; o comerciante, a sua mercadoria; o mestre, a sua doutrina; o pescador, os seus peixes.

— Ótimo. E qual será o bem que tu poderás oferecer?

Que aprendeste? Que sabes fazer?

— Sei pensar. Sei esperar. Sei jejuar.

— Só isso?

— Acho que é só isso.

— E que valor têm esses conhecimentos? O jejum, por exemplo. Para que serve o jejum?

— Para muita coisa, meu caro senhor. Para quem não tiver nada que comer, o jejum será a coisa mais inteligente que se possa fazer. Se, por exemplo, Sidarta não houvesse aprendido a suportar o jejum, estaria obrigado a aceitar hoje mesmo um ser viço qualquer, seja na tua casa, seja em outro lugar, já que a fome o forçaria a fazê-lo. Assim, porém, Sidarta pode aguardar os acontecimentos com toda calma. Não sabe o que é impa ciência. Para ele não existem situações embaraçosas. Sidarta pode agüentar por muito tempo o assédio da fome e ainda rir-se dela. É para isso, meu caro senhor, que serve o jejum.

—

Tens razão, ó *samana.* Espera um instante, Kamasvami saiu e voltou com um rolo na mão. Esten dendo-o ao visitante, perguntou:

— Sabes ler isto?

Sidarta olhou o rolo, no qual se achava registrado um con-trato de compra e venda. Começou a ler o conteúdo em voz alia. •— Ótimo — disse Kamasvami. — E agora tem a gentileza de escrever qualquer coisa nesta folha.

Entregou-lhe uma folha de papel e um lápis. Sidarta escreveu e devolveu-lhe a folha.

— Kamasvami leu: — Escrever é bom. Pensar é melhor.

A inteligência é boa, A paciência é melhor.

•— Sat>es escrever magnificamente — elogiou-o o comerciante. — Há ainda muita coisa de que teremos de tratar. Por hoje rogo-te que sejas meu hóspede e te alojes nesta casa.

Agradecendo, Sidarta aceitou o convite. Daí por diante, morava no lar do comerciante. Trouxeram-lhe roupas e sapatos.

Todos os dias, um criado preparava-lhe o banho. Duas vezes por día serviam-lhe copiosos repastos, mas Sidarta limitava-se a- uma refeição diária. Não comia carne nem tampouco tomava vinho. Kamasvami enfronhava-o nos seus negócios. Mostrava-lhe as mercadorias e os armazéns. Explicava-lhe os cálculos.

Sidarta chegava a conhecer inúmeras coisas novas. Ouvia muito, falava pouco e, recordando-se do conselho de Kamala, jamais se subordinava ao comerciante. Obrigava-o a tratá-lo como seu igual e mesmo como uma pessoa superior. Kamasvami dedicava-se aos negócios com esmero e, às vezes, com verdadeira paixão. Sidarta, porém, considerava tudo aquilo um mero jogo, cujas regras desejava aprender inteiramente, mas cujo decorrer o deixava perfeitamente frio.

Ainda não se passara muito tempo, desde que tomara residência na casa de Kamasvami, quando já começava a tomar parte no comércio de seu anfitrião. Mas todos os dias à hora marcada por ela, ia tem com a formosa Kamala, trajando belas roupas e sapatos elegantes. Em seguida, também lhe trazia presentes. Muitas coisas lhe revelava a boca rubra, perita, da mulher. Muitas coisas lhe mostrava a mão delicada, ágil, de Kamala. A Sidarta que, em matéria de amor, era ainda um menino e tendia para lançar-se cegamente, com apetite insaciável, no gozo, como que num abismo, ensinava ela, desde os princípios, o fato de que não se pode receber prazer sem dar prazer; que cada gesto, cada carícia, cada aspecto, cada parte do corpo esconde em si um segredo, cuja descoberta causará delícia a 56

quem a fizer. Dela aprendia Sidarta que os amantes não devem separar-se após a festa do amor, sem que um parceiro sinta admiração do outro; sem que ambos sejam vencedores tanto como vencidos, de maneira que em nenhum dos dois possa surgir a sensação de enfado ou de vazio e ainda menos a impressão desagradável de terem-se maltratado mutuamente.

Maravilhosas eram as horas que ele passava em companhia dessa linda e experiente artista, tornando-se sucessivamente seu discípulo, seu amante, seu amigo. Era ali, nos braços de Kamala, que residiam nessa fase da sua vida o valor e o significado da sua existência e não no escritório de Kamasvami.

O comerciante encarregou-o da redação de cartas e contra-tos de grande importância. Habituou-se a aconselhar-se com Sidarta sobre quaisquer assuntos ponderosos. Depois de pouco tempo verificou que Sidarta quase nada entendia de arroz, de lã, de navegação, de comércio, mas tinha a mão feliz e superava a ele, Kamasvami, no que se referia à calma, à equanimidade, à arte de escutar e de penetrar na alma .alheia. "Esse brâmane

— disse certa feita a um amigo — não é e nunca será um genuíno comerciante. Seu espírito jamais se apaixona pelos negócios. No entanto tem aquele quê misterioso, peculiar das pessoas das quais o êxito se aproxima espontaneamente, trate-se de uma boa estrela nascida com elas, ou de certo poder mágico, ou ainda de algo que os *samanas* lhe tenham ensinado. Ele sempre me dá a impressão de brincar com os negócios. Nunca se entrega inteiramente ao comércio, nunca se deixa dominar por ele, nunca receia reveses, nunca se preocupa com alguma perda."

E o amigo deu-lhe o seguinte conselho:

"Concede-lhe um terço do lucro de todos os negócios que ele empreender para ti, mas deixa claro que ele terá de arcar na mesma proporção com eventuais prejuízos. Assim se inten-sificará o seu interesse."

Kamasvami obedeceu à sugestão. Mas Sidarta não ligava a menor importância a tudo aquilo. Quando lhe cabia algum lucro, aceitava-o com displicência e cada vez que houvesse con-tratempo, dava uma risada, dizendo: "Vejam só, desta vez nos saímos mal!"

Parecia de fato que os negócios o deixavam completamente indiferente. Certa vez, encaminhou-se a uma aldeia, a fim de 57

adquirir ali grande quantidade de arroz. Quando chegou ao destino da viagem, soube que o arroz já fora vendido a um concorrente. Mesmo assim, permaneceu "vários dias naquela aldeia. Convidou os camponeses a comerem e bebêrem. Pre-senteou a criançada com moedas de cobre. Participou dos fes-tejos de um casamento e, finalmente regressou, satisfeitíssimo.

E quando Kamasvami o repreendeu pela demora do retorno *c* pelo desperdício de tempo e dinheiro, respondeu Sidarta:

— Pára de ralhar comigo, meu caro! Nunca ninguém conseguiu coisa alguma por meio de resmungos. Se houve prejuízo, deixa que eu arque com ele. Fico muito contente com o resultado desta viagem. Conheci muita gente. Um brâmane tornou-se meu emigo. Criancinhas cavalgaram nos meus joelhos. Camponeses mostraram-me os seus campos. Ninguém me tomou por um negociante.

—Tudo isso é muito bonito — exclamou Kamasvami, agastado. —- Mas, na realidade, és um negociante, acho eu'

Ou fizeste essa viagem unicamente para divertir-te?

—.. Claro! —- disse Sidarta, soltando uma gargalhada. —

Claro que viajei para divertir-me, por que outra razão o teria feito? Cheguei a conhecer pessoas e regiões. Obtive gentilezas e confiança. Encontrei amizade. Olha, meu amigo, se eu fôsss Kamasvami, teria regressado imediatamente, a toda a pressa, cheio de raiva, ao constatar que a compra não sairia. Nesse caso, o resultado da viagem seria de fato uma perda de tempo e dinheiro. Mas assim, tive alguns dias amenos. Aprendi alguma coisa. A]egrei-me e não prejudiquei nem a mim nem a outras pessoas por nervosismo ou precipitação. E se eu mais uma vez, voltar àquele lugar, talvez para comprar outra colheita ou para fazer o que quer que seja, serei recebido amistosa e jovialmente por homens simpáticos. Então me elogiarei a mim mesmo por não ter dado naquela ocasião nenhum sinal de mau humor ou de pressa desnecessária. Sossega, pois, meu amigo, e não estragues a tua saúde pela bílis! Logo que verifícares que êsso Sidarta te causa prejuízo, bastará uma única palavra para que ele se vá embora. Até esse dia, porém, continuemos a conviver satisfeitos um com o outro.

Igualmente inúteis eram quaisquer tentativas que fazia o comerciante no sentido de convencer Sidarta de que, afinal de contas, o pão que lhe serviam era dele, Kamasvami. Sidarta 58

achava, no entanto, que comia o seu próprio pão, ou melhor: que ambos comiam o pão de outrem, o pão comum a todos.

Nunca o moço prestava a menor atenção às preocupações de Kamasvami, e

Kamasvami as tinha em grande quantidade.

Sempre que um negócio em andamento estivesse ameaçado de malogro, quer se houvesse extraviado uma remessa de mercadorias, quer um devedor não pudesse pagar, esforçava-se o comerciante em vão por persuadir o seu colaborador da necessidade de proferir palavras pesarosas ou iradas e da utilidade de andar com o rosto carrancudo ou de perder o sono. Certa feita, quando Kamasvami se gabava de que Sidarta aprendera dele tudo quanto sabia, este lhe respondeu:

—- Não brinques comigos! O que aprendi de ti foram o preço de uma cesta de peixes e os juros que se pode pedir por um espréstimo. Assim é a tua sabedoria. Mas, o modo de pensar prezado amigo Kamasvami, isso não aprendi de ti.

Melhor seria que tu o aprendesses de mim.

Era bem verdade que seu coração permanecia distante do comércio. Os negócios serviam para propiciar-lhe dinheiro para Kamala, e o lucro que provinha deles dava-lhe muito mais do que apenas o necessário. De resto, a simpatia e a curiosidade de Sidarta pertenciam às criaturas humanas, cujos trabalhos, ofícios, cuidados, diversões e tolices outrora não lhe haviam interessado em absoluto. Ainda que não encontrasse nenhuma dificuldade em conversar ou conviver com qualquer um e em aprender alguma coisa de todos, percebia com crescente nitidez que existia algo que o separava dos demais homens: seu passado de *samana*. Ao observar aquela existência infantil ou animalesca que levavam os seres humanos, ao mesmo tempo adorava e des-prezava tal estilo de vida. Via como labutavam, sofriam, enve-lheciam por causa de assuntos que não lhe pareciam valer tamanho esforço e como se empenhavam em obter dinheiro, prazeres minúsculos, honrarias insignificantes. Ouvia como se censuravam e se insultavam mutuamente, como choravam suas dores que fariam rir a um *samana,* e notava o quanto lhes custa-vam certas privações que um *samana* nem sequer sentiria.

Mantinha-se acessível a tudo o que lhe comunicavam esses homens. Acolhia amàvelmente ao mercador que lhe quisesse vender linho; ao moço endividado que lhe solicitasse um emprés-timo; ao mendigo que lhe roubasse uma hora, contando a história *59*

da sua pobreza que, freqüentemente, era muitíssimo menor do que a de qualquer *somana,* O abastado comerciante estrangeiro recebia da sua parte o mesmo

tratamento que o servo que o barbeasse ou o vendedor de rua, do qual comprasse bananas, sempre permitindo que o homem ganhasse algumas moedinhas no peso. Quando Kamasvami o procurava, para lamentar-se de suas preocupações ou para censurar-lhe algum negócio mal suce-dido, Sidarta, entre curioso *c* bem-humorado, prestava-lhe '

atenção. Escutava com espanto o que o outro lhe dizia. Empenhava-se em compreendê-lo. Dava-lhe razão até ao ponto que lhe parecia conveniente e, em seguida, virava-lhe as costas, a fim de atender outra pessoa qualquer que desejasse falar com ele. Muita gente vinha ter com Sidarta, alguns para fazer negócios, outros para lográ-lo, outros para espiá-lo, outros para despertar a sua compaixão e ainda outros para serem orientados por ele. E Sidarta dava conselhos, compadecia-se, oferecia presentes, admitia pequenas trapaças. Tanto esse jogo como a paixão com que os homens se lhe abandonavam preocupavam o espírito de Sidarta com a mesma intensidade que ele outrora devotara aos deuses e ao

De quando em quando, ressoava no âmago do seu peito uma vozinha suave, como que agonizante, a exortá-lo bem baixinho e a queixar-se quase imperceptjvelmente. Nessas horas, Sidarta, por uns poucos instantes, dava-se conta de que levava uma existência estranha, de que se limitava a fazer coisas que não passavam de um brinquedo. Notava então que tudo isso lhe causava um certo prazer e amiúde o alegrava, mas que a verdadeira vida decorria longe dêje, sem tocá-lo. Assim como um malabarista brinca com suas bolas, assim brincava ele com seus negócios e com os homens que o rodeavam. Contemplava-os, divertia-se à sua custa, sem que o seu coração e a fonte da sua alma participassem dessas atividades. Essa fonte jorrava em outra parte, muito distante da sua pessoa; jorrava e prosseguia jorrando, invisível, sem nada ter que ver com a vida de Sidarta.

E momentos houve em que ele se assustou de tais pensamentos, desejando que lhe fosse dado, também a ele, participar apaixo-nadamente, de todo o coração, daquelas ocupações cotidianas, infantis. Almejava viver realmente, gozar realmente, agir realmente, ao invés de restringir-se ao papel de um mero espectador.

60

Mas, volta e meia ia visitar a formosa Kamala. Estudava a arte de amar.

Exercitava-se no culto das delícias, no qual, mais do que em nenhum outro, os atos de dar e de tomar fun-dem-se nunx só. Conversava com a moça, aprendia dela, aconselhava-a e recebia, por sua vez, conselhos. Ela o compreendia melhor do que Govinda jamais o compreendera, uma vez que tinha maior afinidade com ele.

Certa feita, disse-lhe Sidarta.

— Tu és como eu. ÉS diferente dos outros seres humanos.

És Kamala, e nada mais. No teu íntimo há calma e asilo, e a qualquer instante podes retirar-te dali, para estares a sós contigo mesma, assim como eu também o sei fazer. Poucos homens têm essa faculdade e, todavia, não há nenhum que não possa gozar dela.

— Nem todos são inteligentes — replicou Kamala.

—- Não — continuou Sidarta — essa não é a razão.

Kamasvami é tão inteligente quanto eu e, todavia, não encontra nenhum refúgio no seu íntimo, ao passo que outras pessoas o conseguem, embora não tenham mais siso do que uma criancinha. Olha, Kamala, a maioria das criaturas humanas é como folha arrancada, a flutuar e revolver-se no ar, até ir ao chão. Outras, porém, parecem-se com os astros que andam rmma órbita fixa, sem que nenhum vento possa alcançá-los, e têm em si próprios sua lei e sua rota. Entre todos os eruditos e *samanas*, com os quais travei contato, um único era assim, um homem perfeito, que jamais poderei esquecer. É aquêie Gotama, o Sublime, o criador da doutrina que conheces. Dia a dia, milhares de discípulos ouvem essa doutrina; hora por hora, obedecem aos seus preceitos. Mas, todos eles são folhas arrancadas, uma vez que não possuem em si a doutrina e a lei.

Kamala olhou-o com um sorriso:

— Novamente andas falando dele — disse. — Voltaste a ter idéias de *samana.*

Sidarta calou-se e ambos deram-se ao jogo do amor, a um dos trinta ou quarenta jogos diferentes que Kamala conhecia.

Seu corpo era flexível, como o do jaguar ou como o arco de um caçador. Quem aprendesse dela o amor saberia grande número de prazeres e de mistérios. Por

muito tempo, Kamala brincava com Sidarta, atraindo-o, afastando-o de si, cingindo-o *61*

com os braços, regozijando-se da sua maestria, até que ele des-cansasse a seu lado, vencido e exausto.

Inclinando-se sobre ele, a hetera espreitou-lhe demorada-mente a fisionomia e os olhos fatigados.

— Tu és o melhor amante — disse então, pensativa —

que já tive em toda a minha vida. És mais forte, mais desem baraçado, mais dócil do que qualquer outro. Muito bem assimi-laste a minha arte, ó Sidarta. Um dia, quando eu for mais velha, gostaria de ter um filho teu. E, todavia, meu caro, és ainda um *óamana.* Apesar de tudo não me amas. Não amas a ninguém. Não é?

— Pode ser que seja assim — respondeu Sidarta, lassa-mente. — Sou igual a ti. Tampouco sabes amar. De outra forma, nunca serias capaz de fazer do amor uma arte. Possi velmente, criaturas como nós não poderão jamais amar. Os outros homens, por tolos que sejam, têm essa faculdade. Nisso reside o seu segredo.

62

S A N S A R A

JL OR muito tempo, Sidarta ia vivendo a vida do mundo c dos prazeres, sem todavia pertencer a ela. Seus sentidos, quase extintos no fervor dos anos passados em companhia dos *samanai* haviam voltado a agitar-se. Sidarta saboreava a riqueza tanto como a volúpia e o poder. No fundo do coração, porém, continuava, mesmo assim, sendo um *samana,* como claramente percebera a inteligente Kamala. O que norteava a sua existência era ainda a arte de pensar, de esperar, de jejuar. Os homens do mundo, aqueles tolos, permaneciam estranhos a ele, assim como o próprio Sidarta sempre se sentia um estranho em seu meio.

Escoavam-se os anos. Agasalhado no conforto dessa vida, Sidarta mal e mal notava a sua fuga. Era rico. Havia muito que possuía casa própria. Dispunha de criados. Adquirira um jardim fora da cidade, à beira do rio. ,X>s homens gostavam dele. Procuravam-no sempre que careciam de dinheiro ou de conselhos. Mas ninguém, a não ser Kamala, tinha intimidade com ele.

Aquela vigília sublime, nítida, que em outros tempos lhe coubera em sorte, nos dias que se seguiam ao sermão de Gotama e a separação de Govinda; aquela tensão de expectativa; aquele isolamento altivo, longe de doutrinas e de mestres; aquele estado 63

de desembaraçada presteza de ouvir a voz divina, cada vez que ela ressoava no âmago do próprio coração — tudo isso transformara-se aos poucos em meras recordações, mostrando-se efêmero. Distante, quase inaudível, ficara o murmúrio da sagrada fonte que outrora jorrava bem perto dele, brotada da sua alma.

Era bem verdade que muita coisa que ele aprendera dos *gamaria*,* que lhe haviam ensinado Gotama e o brâmane, seu pai, mantive-ra-se viva em seu espírito por muito tempo ainda. A sobriedade, o gosto de pensar, as horas de meditação, o conhecimento secreto da própria personalidade, do eterno *eu,* qus não é nem corpo nem consciência, tinham-se conservado nele, mas um após outro desses bens haviam ficado soterrados, cobertos de poeira. Assim como um torno de oleiro, uma vez posto em movimento, prosse-gue girando, longamente, até que, aos poucos canse e se imobilize, assim continuavam a girar na alma de Sidarta as rodas do ascetismo, do pensar, do discernimento. Ainda andavam em giro, mas seu movimento tornara-se mais lento, hesitante, acercando-se do estado de imobilidade. Devagar, semelhante à umidade a penetrar o tronco moribundo de uma árvore, espalhando-se constantemente e fazendo com que ela apodreça, o mundo e a preguiça tinham tomado conta do coração de Sidarta. Em lento avanço, enchiam-lhe o espírito, que ficava lerdo, fatigado e violento. Seus sentidos, em compensação, vinham a ser muito ativos, sabidos, experientes,

Sidarta aprendera a fazer comércio, a dominar os homens, a divertir-se com a mulher; aprendera a usar roupas elegantes, a dar ordens à criadagem, a banhar-se em águas perfumadas; aprendera a comer pratos finos, preparados com esmero, inclusive peixes, carne e aves, doces e especiarias, e a beber vinho, o qual produz inércia e esquecimento; aprendera a jogar dados e xadrez, a contemplar bailarinas, a andar de Jiteira, a dormir num leito macio. Mas, sempre e sempre prosseguia sentindo-se diferente dos outros e superior a todos. Nunca cessara de observá-los um tanto ironicamente, com certo desdém sarcástico, precisamente aquele desdém com que os *samanas* costumam encarar os homens do mundo. Cada vez que Kamasvami estivesse adoentado, ou se enfurecesse, melindrado, ou ainda se preocupasse com seus problemas comerciais, Sidarta olhava-o com uma expressão zombeteira. Apenas íenta, imperceptível-

ínente, no curso das monções e das estações de safra, seu escárnio *64*

tornara-se mais lasso, e menos intenso, o seu sentimento de superioridade. Lentamente também, em meio a seus tesourts sempre crescentes, o próprio Sidarta assimilara algo das atitudes peculia-res dos homens tolos, da sua ingenuidade e de seus receios. E, todavia, tinha inveja deles, tanto maior quanto mais se lhes assemelhava. Invejava-lhes aquela única coisa que lhe faltava e que eles possuíam, a saber — a importância que lograva ligar à sua vida, a violência das suas alegrias e dos seus temores, a angustiada e, todavia, doce felicidade dos seus eternos namo-ricos. Essa gente apaixonava-se ininterruptamente por si mesma, por mulheres, por filhos, por honradas ou por dinheiro, por projetos ou por esperanças. Ele, porém, era incapaz de aprender isso, precisamente aquilo, aquela alegria infantil, aquela tolice ingênua. O que os homens lhe ensinavam era justamente o comportamento antipático, que ele mais abominava. Com freqüência cada vez maior, ocorria-lhe, após uma noite passada em sociedade, não se levantar de manhã por sentir-se abatido e fatigado. Às vezes, chegava a irritar-se e impacientar-se, quando Kamasvami o entediava com as suas preocupações. Em outras ocasiões ria-se exageradamente ao perder no jogo de dados.

Sua fisionomia continuava mais inteligente e espirituosa do que a dos outros mas, raramente, estava risonha. Uma a uma, assumia aquelas expressões que geralmente se encontram nos rostos de ricaços, os sinais do descontentamento, da morbidez, da indolência, do desânimo, da ausência de amor. Pouco a pouco, apossava-se dele o mal que acontece às almas dos ricos.

Como um véu, qual névoa fininha, a fadiga envolvia Sidarta, lentamente, tornando-se mais densa dia a dia, mais turva de mês em mês, mais pesada de ano em ano. Assim como um belo vestido se desgasta com o tempo, e com o tempo desbotam as suas belas cores, assim como nele se criam rugas, e os debruns se tornam puídos, e a fazenda em alguns lugares começa a desfiar, assim envelhecera também aquela vida diferente que Sidarta iniciara, depois de separar-se de Govinda. Enquanto os anos se escoavam, perdera seu brilho e seu colorido. Rugas e manchas apareciam nela e, no seu fundo, ainda ocultos, porém de quando em quando exibindo o semblante feio, repousavam o nojo e a desilusão. Sidarta não notou nada disso. Apenas percebeu que silenciara aquela voz clara, firme,' que outrora **65**

ressoava .em seu coração e o norteara continuamente no apogeu da sua

existência.

O mundo apanhara-o nas suas malhas, o prazer, a cobiça, a inércia e, finalmente, também aquele vício que sempre se lhe afigurara o mais estúpido de todos: a avareza. Também a posse, os bens materiais, a riqueza haviam-se apoderado dele, cessando de representar para ele um brinquedo, uma bagatela e transformando-se em grilhões e cargas. A essa derradeira dependência, à mais vil de todas, chegara Sidarta por um caminho curioso e pérfido: pelo jogo de dados. Desde aqueles dias em que, no fundo do coração, desistira de ser *somaria*, dedicava-se ele com sempre crescente fervor e paixão a esse jogo por dinheiro ou objetos preciosos. Antigamente tomara parte nele com bom humor, indolentemente, considerando-o um hábito peculiar aos tolos. Como jogador, era temido. Poucas pessoas arriscavam-se a enfrentá-lo, devido às apostas muito altas e ousadas que ele costumava fazer. O que o impelia a jogar era a tristeza da sua alma. Perder dinheiro, dissipá-lo, causava-lhe certa alegria mesclada de raiva. De nenhum outro modo podia-se manifestar mais clara e cinicamente o desdém que Sidarta sentia pela riqueza, ídolo dos comerciantes. Por isso, jogava por somas elevadas, inexorável, odiando-se a si mesmo, fazendo moda do seu ardor. Ganhava ou desperdiçava milhares de moedas, perdia jóias, perdia uma casa de campo, tornava a ganhar, a perder.

Aquele medo, o receio terrível, angustiante, que o acossava, enquanto lançava os dados, preocupado com, o enorme valor da parada, aquele pavor irresistível — Sidarta adorava-o, procurava renová-lo uma e outra vez, intensificá-lo mais e mais, levá-lo ao auge, porquanto era unicamente essa sensação que ainda lhe proporcionava algo parecido com a felicidade, um quê de ine-briamento, uma fagulha de elevação em meio à sua vida saturada, preguiçosa, insípida. E após uma perda vultosa, invariavelmente intentava obter novos tesouros. Entregava-se ao comércio com redobrado afã. Com severidade sempre maior, obrigava os devedores a resgatarem as suas dívidas, uma vez que desejava prosseguir jogando, esbanjando, manifestando o seu menosprezo à riqueza. Chegava a irritar-se quando a má sorte o perseguia.

Mostrava-se impaciente com pagadores morosos. Já não tinha a antiga generosidade para com os mendigos. Abandonara o prazer que antes sentia ao dar ou emprestar dinheiro a quem *66*

o implorasse. O mesmo Sidarta que jogava fora dez mil moedas numa só parada e ainda se ria do prejuízo, tornava-se mais e mais duro, mais e mais mesquinho

nos negócios. **De** noite, acontecia-lhe sonhar com o dinheiro! E cada vez que o abominável feitiço se desfazia, cada vez que, ao examinar o seu rosto no espelho da alcova, o encontrava envelhecido e desfigurado, cada vez que o acossavam o asco e a vergonha, voltava ele a fugir, a refugiar-se novamente na jogatina, a entregar-se outra vez ao aturdimento da volúpia, do vinho, e saindo dele, a obedecer de novo aos instintos que o mandavam ganhar fortunas e acumular tesouros. Na insensatez desse círculo vicioso, afadigava-se, desgastava-se, estragava a sua saúde.

Certa noite, um sonho serviu-lhe de admoestação. Acabava de passar a tarde em companhia de Kamala, no lindo parque da mulher. Haviam conversado, sentados ao pé de uma árvore, e Kamala proferira algumas frases pensativas. Atrás das suas palavras escondia-se a mágoa e a lassidão. Pedira a Sidarta que lhe falasse de Gotama. Não se cansara de ouvir o que o companheiro lhe contava a seu respeito, descrevendo a pureza do olhar do Buda, a calma e a beleza de sua boca, a bondade do seu sorriso, o sossego do seu andar. Por muito tempo, insistira com Sidarta para que lhe narrasse particularidades acerca1 do Augusto. Com um suspiro, dissera Kamala:

— Um belo dia, talvez daqui a pouco, também eu aderirei a esse Buda. Darei o meu parque de presente a ele e tomarei refúgio na doutrina de Gotama.

Em seguida, porém, provocara o desejo de Sidarta. Atraíra-o a si no jogo amoroso, com fervor e ao mesmo tempo com aflição, mesclando mordidas e lágrimas, como se quisesse tirar dos prazeres fúteis, efêmeros, a última gota de doçura. Jamais Sidarta percebera com tamanha clareza a afinidade que existe entre a volúpia e a morte. Depois, quedara-se ao lado de Kamala, e sob os olhos da am^da, nas comissuras da sua boca, deparar a- se-lhe, nítida como nunca antes, aquela escritura fatí-dica, de linhas fininhas, de ru^as ligeiras, uma escritura a evocar a idéia de outono e ds velhice. E, de fato, o próprio Sidaría, apenas entrado na casa dcs quarenta, também já notara alguns fios brancos em meio à cabeleira negra. O formoso rosto de Kamala revelava cansaço, aquela fadiga que acomete a quem tenha dado uma longa caminhada, sem destino promissor; revê-67

lava cansaço, o começo do declínio, a angústia secreta, ainda não professada, talvez nem sequer consciente, o medo da velhice, o medo do outono, o medo da morte inevitável. Entre suspiros, Sidarta despedira-se da amiga, com a alma cheia de desgosto c de ocultos temores.

Mas, a seguir, passara a noite em casa, tomando vinho e contemplando bailarinas. Perante os comensais, fingira aquela superioridade que já cessara de existir. Bebêra muito. Bastante tarde, depois da meia-jioite, recolhera-se a seu leito, exausto e todavia excitado, a ponto de chorar e de desesperar. Por longas horas procurara em vão conciliar o sono, com o coração a transbordar de mágoas que lhe pareciam insuportáveis, de náusea que o transia como o gosto fastidioso, repugnante, do vinho, como a música insôssa, adocicada, como o sorriso demasiado meigo das dançarinas, como a fragância excessivamente forte dos seus seios e penteados. Mas, muito mais do que todo o resto causavam-lhe asco a sua própria.pessoa, os cabelos perfumados, o bafo de vinho que sua boca exalava, a flacidez e o mal-estar da sua pele. Assim como um homem empanturrado de comida e bebida prefere os espasmos do vômito aliviador, assim desejava Sidarta, nessa noite de insônia, lançar para fora de si, num imenso jato de enjôo, aquele prazeres, aqueles hábitos, aquela vida absurda e livrar-se de si mesmo. Não conseguira adormecer senão de madrugada, quando na rua, em frente da sua casa na cidade, já começavam as primeiras atividades. Foi nesse instante que teve um sonho.

Numa gaiola de ouro, Kamala guardava um passarinho canoro, muito raro. A visão do bichinho apareceu diante de'

Sidarta. O pássaro, que normalmente cantava nas primeiras horas do dia, parecia mudo. Como esse fato lhe chamasse a atenção, ele aproximou-se da gaiola e viu que o passarinho jazia no chão, morto, enrijecido. Retirou-o; por um momento segurou-o na mão e, em seguida, atirou-o na calçada da rua.

Mas logo se assustou terrivelmente. O coração doía-lhe como se ele houvesse jogado fora não só o cadáver da ave, como também tudo quanto fosse bom e tivesse valor.

Despertou bruscamente. Sentia-se invadido de profunda tristeza. Atormentava-o a impressão de ter levado uma existência vil, miserável, insensata. O que lhe sobrava não tinha nem *68*

vida, nem encanto. Não valia e pena guardá-lo. Via-se isolado, desprovido de tudo, qual náufrago atirado a uma praia erma.

Cismando sombriamente, encaminhou-se a um dos jardins que lhe pertenciam. Fechou a porta a chave. Sentou-se à sombra de uma mangueira. Era-lhe como se

a morte tivesse tomado conta do seu coração. Com pavor na alma, sentado, imóvel, percebia que algo morria nele, definhando, acercando-se do fim.

Aos poucos, conseguia concentrar os seus pensamentos. Espiritualmente, tornou a percorrer todo o caminho da sua existência, desde os primeiros dias de que se lembrava. Já se sentira, por acaso, realmente feliz? Invadira-o, alguma vez, a sensação de verdadeira delícia? Ah, sim! isso se dera diversas vezes. Na sua meninice, saboreara tal dita, sempre que os brâmanes lhe tribu-tavam elogios, ou quando ele, garoto mais precoce do que os seus coetâneos, se distinguia na recitação dos poemas sagrados, nos debates travados com os eruditos e no serviço dos sacrifícios.

Nessas ocasiões, tivera certeza, no fundo da sua alma, de que à sua frente estendia-se o caminho da sua vocação e os deuses aguardavam a sua chegada. E mais tarde, na adolescência, quando a meta cada vez mais fugaz, cada vez mais elevada, de todas as suas meditações o afastara do grupo de seus compe-tidores e o colocara numa categoria superior, naqueles dias em que se atormentava no empenho de descobrir o significado do *Brama,* quando cada conhecimento obtido apenas provocava nele nova sede, sentira, por sedento, por dolorido que andasse, sempre esse mesmo impulso: "Avante! Avante! Tu és eleito!"

Essa voz íntima, ele ouvira-a no momento em que abandonara o lar paterno e escolhera a vida de *samana* e, novamente, ao separar-se dos *samanas*, a fim de dirigir-se ao Homem Sublime, e ainda quando dele se apartara, para tomar rumos incertos.

Quanto tempo não decorrera, sem que a voz secreta ressoasse em seu íntimo, sem que ele galgasse altura alguma? Como se tornara plano e desinteressante o caminho que trilhava, fazia muitos anos, sem perseguir nenhum objetivo grandioso, sem sede nem exaltação, saturado e, todavia, insaciável! Durante todos esses anos, inconscientemente se esforçara, ansiara por ser uma criatura igual às demais, igual àqueles tolos e, apesar disso, levara uma vida muito mais triste, muito mais pobre do que eles, que tinham propósitos e preocupações diferentes. Todo aquele mundo dos Kamasvamis afigurava-se-lhe como um mero brin-69

quedo, num bailado que se contemple, uma comédia. Sòment?

Kamala lhe fora cara, só ela possuía valor — mas isso também não mudara?

Tinha ele ainda necessidade dela? Ou ela dele?

Não se dedicavam ambos a um jogo sem fim? Era esse um desígnio para o qual se precisasse viver? Não, nunca! Esse jogo chamava-se *Sansara,10 um* brinquedo para criança, agradável talvez para quem o usas&e uma vez, duas, dez vezes. Mas, para que recomeçá-lo sempre e sempre?

Nesse instante, Sidarta deu-se conta de que o jogo terminara, de que jamais poderia voltar a fazer parte dele. Um calafrio perpassou em seu corpo. Sentiu que algo acabava de morrer na sua alma.

Durante todo esse día permaneceu sentado ao pé da mangueira, recordando-se do pai, recordando-se de Govinda, de Gotama. Fora realmente necessário que ele os abandonasse a todos, para converter-se num Kamasvami? Ainda se mantinha sentado, quando caiu a noite. Enquanto levantava os olhos e deparava com as estrelas, pensou: "Aqui estou, ao pé da minha mangueira, no meu jardim." E esboçou um leve sorriso, ao ponderar se era necessário, importante e certo, e não apenas um briquedo tolo possuir uma mangueira e um jardim?

Resolutamente, pôs fim àquele estado d^ coisas. Também aquilo cessara de viver no seu coração. Ergueu-se do chão.

Despediu-se da árvore, despediu-se do parque. Já que nesse dia se abstivera de todos os alimentos, sentia-se acossado por uma fome violenta. Vieram-lhe à memória a casa na cidade, a alcova, o leito, a mesa posta. Com um sorriso fatigado, sacudiu-se, para desembaraçar-se de tudo aquilo.

Nessa mesma noite, Sidarta abandonou o seu jardim. Saiu da cidade e nunca mais voltou. Kamasvami, que acreditava que o sócio tivesse sido raptado por salteadores, mandou fazer pro-longadas investigações. Kamala, porém, não empreendeu nenhuma busca. Ao ser informada do desaparecimento de Sidarta, nem sequer se admirou. Não soubera ela sempre que isso um dia aconteceria? Não era ele um *samana*, um homem sem raízes, um peregrino? E fora -na última tarde que passaram juntos qus **1° *Sansara:* as vicissitudes** do mundo, da vida e da morte **da existência humana; a instabilidade e a** efemeridade das **coisas;** a agitação **do mundo; a vaidade e a inquietude da** vida **humana.** *(N. **do T.)***

70

à dor que lhe causava a perda, regozijava-se por tê-lo apertado ao peito, com tanto ardor, naquela hora derradeira, para que Sidarta mais uma vez a possuísse e penetrasse inteiramente.

Qundo lhe comunicaram que ele sumira, acercou-se da janela, onde mantinha preso numa gaiola de ouro um pássaro raro. Abriu a portinha, retirou a ave e permitiu-lhe que escapasse. Por muito tempo, acompanhou com os olhos o passarinho que esvoaçava. A partir desse dia, nunca mais recebeu visitas. Mantinha cerrada a sua casa. Depois de algumas sema-nas, porém, verificou que estava grávida, em conseqüência do ultimo contato com Sidarta.

71

À BEIRA DO RIO

caminhava pela íloresta, já muito longe da cidade. Tinha certeza de uma única coisa: que nunca mais poderia voltar atras, que essa vida que levara por longos anos, pertencia ao passado, definitivamente, que a saboreara, chupando até a última gota, até enjoar. O pássaro canoro com o qual sonhara estava morto. Morto estava o pássaro que cantara no âmago da sua alma. Por todos os lados, enredara-se no *Sanfara.*

Impregnara-se completamente de nojo e de morte, assim como uma esponja absorve a água, até ficar cheia. Sentía-se abarro-tado de desânimo, de mal-estar, de agonia. Em todo o vasto mundo já não existia nada que o pudesse atrair, que fosse capaz de causar-lhe alegria e de trazer-lhe conforto.

O que ele almejava mais do que tudo era não saber nada que lhe dissesse respeito, era encontrar sossego, estar morto.

Oxalá que um raio se abatesse sobre ele, matando-o! Quem lhe dera que um tigre o devorasse! Ah, se houvesse um vinho, um veneno que conseguisse atordoá-lo! Existia, por acaso, alguma sordidez com que ele se não houvesse poluído, alguma tolice, algum pecado que se tivesse omitido de cometer, algum vazio da alma jamais experimentado por seu espírito? Seria possível ainda continuar a viver, aspirar o ar uma e outra vez, expeli-lo nova-72

mente, sentir fome, comer, dormir, deitar-se ao lado de uma mulher? Não se haviam esgotado as variantes do circuito? Ainda não estaria alcançando o fim de tudo isso?

Sidarta chegou ao grande rio, que passa pela selva, o mesmo rio que um balseiro o ajudara a transpor, quando o então jovem vinha da cidade habitada por Gotama. Ali se deteve.

Indeciso, permanecia de pé, à beira d'água. Estava debilitado pela fome e pelo cansaço. Para que prosseguir na caminhada?

Em que direção? Com que destino? Não, já não o aguardava nenhum destino. Nada mais havia a não ser o profundo e doloroso desejo de livrar-se daquele pesadelo confuso, vomitar esse vinho nojento, acabar com tal vida miserável, ignominiosa.

Por cima da ribeira inclinava-se uma árvore, um coqueiro.

Sidarta encostou o ombro na madeira. Agarrando-se ao tronco, cravou os olhos nas verdes águas que corriam lá em baixo, sempre e sempre. Almejava de todo coração desprender-se, afogar-se naquele rio, em cuja superfície se espelhava um vazio tremendo, qual reflexo do pavoroso vazio de sua própria alma.

Sim, ele, Sidarta, estava no fim. Não se lhe descortinava outra solução que não a de extinguir-se a si mesmo, de quebrar o malogrado molde da sua existência, de jogar os cacos fora, bem longe, aos pés dos deuses que zombavam dele. Sentia que esse era o momento do grande vômito pelo qual ansiara: a morte, a dilapidação da forma odiada! Que os peixes devorassem o corpo de Sidarta, desse cão, desse louco, que engolissem esse cadáver depravado, podre, essa alma langorosa, violentada!

Quem lhe dera ser comido por peixes e crocodilos, ser dilace-rado pelos demônios!

Com o rosto crispado, fitava as águas. Contemplou a sua fisionomia no espelho e cuspiu nela. Terrivelmente fatigado, soltou a árvore. Empertigou-se um pouco, a fim de lançar-se numa queda vertical que o levasse ao ocaso definitivo. Com os olhos cerrados, deixou-se cair, rumo à morte.

Nesse momento, um som começou a vibrar nele, vindo de longínquas regiões da

sua alma, de épocas passadas da sua existência gasta. Era uma única palavra, uma só sílaba que ele pronunciou inconscientemente, em voz insegura. Era a velhíssima palavra inicial e final de todas as orações do bramanismo, o sagrado *Om,* que significa *o Perfeito* ou *a Perfeição.* E logo *73*

que ouviu o *Om* a ressoar no seu íntimo, seu espírito, bruscamente acordado do sono, percebeu a estupidez do ato que ele ia cometer.

Estremeceu. Então chegara àquele extremo; perdera-se a tai ponto; andara tão alucinado, tão néscio que chegara a almejar a morte, permitindo que aquela ânsia, aquele desejo próprio de uma criança crescesse nele. Quisera encontrar sossego, ao exterminar o próprio corpo. O que todos os tormentos daqueles últimos tempos, todas as desilusões, todo o desespero não haviam conseguido fazer, produzia-se naquele instante, quando o *Om* penetrava na sua consciência; em meio a sua miséria' e a seus equívocos, reconheceu-se a si mesmo.

— *Om!* — disse de si para si.

E, ao mesmo tempo, voltava-lhe o conhecimento do *Brama,* da indestrutibilidade da vida, das coisas divinas de que se es7

quecera.

Mas tudo isso durou apenas um instante, era como um raio. Estendeu-se ao pé do coqueiro, prostrado pelo cansaço.

Murmurando a palavra *Om,* deitou a cabeça na raiz da árvore e entregou-se a um sono profundo.

Dormiu calmamente, sem sonhar. Havia muito que não repousava assim. Ao despertar, depois de várias horas, parecia-lhe que dez anos tinham decorrido. Ouvia o suave marulhar das águas. Não sabia onde estava e quem o levara até aquele lugar.

Abrindo os olhos, viu, pasmado, às árvores e o céu por cima da sua cabeça. Lembrou-se então da ribeira onde se achava e de como chegara até ela. Contudo, careceu de algum tempo para dar-se conta disso. Era-lhe como se o passado estivesse envolvido num véu, infinitamente distante, infinitamente remoto, totalmente desprovido de importância. Apenas tinha certeza de ter abandonado a sua existência precedente, a qual, no primeiro momento de recuperação dos

sentidos, se lhe afigurava como uma encarnação longínqua, uma jornada anterior do seu *eu* atual; recordava-se também da sua intenção de jogar fora a vida, num acesso de asco e desgosto e, finalmente, lembrava-se de que recuperara a consciência de si mesmo à beira de um rio, sob um coqueiro, para em seguida, pegar no sono, com a sagrada palavra do *Om* nos lábios. Ao acordar, nesse instante, olhava o mundo como um recém-nascido. Em voz baixa proferiu novamente o *Om,* assim como fizera ao adormecer e tinha então a impressão

de que todo aquele sono prolongado não passava de uma longa e ininterrupta seqüência de *Oms* pronunciados por ele, de uma penetração no *Om,* de uma fusão completa com o Perfeito, o Inominado.

Que sono maravilhoso! Jamais sono algum o refrescara tanto. Nunca se sentira tão novo, tão rejuvenescido. Ou, quem sabe, talvez tivesse morrido, perecendo, para ressuscitar logo depois sob um aspecto diferente? Mas não! ele se reconhecia a si mesmo; reconhecia as mãos, os pés, o lugar onde se encontrava; reconhecia a esse *eu* no seu peito, a esse Sídarta, homem teimoso, esquisitão. E, todavia, era um Sidarta modificado, renovado, surpreendentemente refeito, singularmente acordado, alegre, curioso.

Soerguerdo-se, viu à sua frente um vulto sentado. Era um estranho, um monge de trajes amarelos, com a cabeça raspada, na posição de quem medita. Sidarta olhou o homem, que não tinha cabelo nem barba, e não necessitou de muito tempo para verificar que o monge era Govinda, seu amigo de infância, o mesmo Govinda que procurara agasalho na proximidade do augusto Buda. Também Govinda envelhecera, mas seu rosto tinha ainda os mesmos traços, que revelavam zelo, lealdade, busca, angústia. Mas, quando Govinda, sentindo-se observado, abriu os olhos, notou Sidarta que o amigo não o identificara. Govinda parecia satisfeito em vê-lo acordado. Evidentemente estívera ali sentado, fazia muito tempo, a aguardar que o desconhecido despertasse.

— Dormi — disse Sidarta. — Como chegaste a este lugar?

— Dormiste, sim — respondeu Govinda — É perigoso dormir nesta região, onde há cobras em abundância e as feras da selva passam pelos caminhos. Eu, meu senhor, sou um discípulo do sublime Gotama, o Buda, o Saquia-Muni. Ao fazer uma peregrinação, ao longo desta estrada, descobri-te e percebi que estavas dormindo num lugar onde não convém descansar.

Por isso, procurei acordar-te, e como percebesse que teu sono era bem profundo, separei-me dos companheiros, para ficar a teu lado. Mas, parece-me que eu mesmo adormeci, em vez de velar por ti. Desincumbi-me muito mal da minha missão. A fadiga tomou conta de mim. Mas agora, que despertaste, per mite que me afaste, para que possa alcançar meus irmãos.

75

— Agradeço-te, ó *samana, o* teres vigiado o meu sono —

disse Sidarta. — Vós, os discípulos do Augusto, sois muito gentis. Pois então, podes ir-te, se assim o quiseres.

— Vou-me embora, meu senhor. Que tua saúde continue boa. — Obrigado, *samana.*

Com um sinal de despedida, Govinda acrescentou:

— Adeus.

— Adeus, Govinda — disse Sidarta.

O monge estacou.

— Permite-me a pergunta, meu senhor: de onde conheces meu nome?

Sidarta sorriu.

— Conheço-te, ò Govinda, de quando mora vás na cabana de teu pai e de quando freqüentavas a escola dos brâmanes *ç* participavas dos sacrifícios, e de quando nos reunimos com os *samanas,* e daquela hora, no bosque Jetavana, em que procuraste agasalho na proximidade do Sublime.

— Então és Sidarta! — exclamou Govinda. — Agora te reconheço e não compreendo por que não o fiz logo. Sé bem-vindo, Sidarta. Folgo muito em reencontrar-te.

—• Também eu gosto de estar novamente contigo. Vigiaste o meu sono. Mais uma vez te agradeço, se bem que não necessitasse de nenhum vigia. Aonde vais, meu amigo?

— Não tenho rumo certo. Nós, os monges, vagueamos sempre pela região, a não ser na estação das chuvas. Vamos de um lugar a outro, vivendo segundo o ritual, propagando a doutrina, pedindo esmolas e prosseguindo na nossa jornada.

Sempre e sempre. E tu, Sidarta, onde vais?

Respondeu Sidarta:

—- Comigo acontece a mesma coisa, meu amigo. Ando sem rumo. Apenas vou caminhando. Seu um peregrino.

— Afirmas que és um peregrino — tornou Govínda —

e acredito nas tuas palavras. Mas, Sidarta, não leves a mal o que te digo; não tens a aparência de um peregrino. Usas as roupas dos ricos; calças sapatos que convém a um cavalheiro distinto; e teu cabelo que cheira a água perfumada não se parece com o de um *samana* peregrino.

— Perfeitamente, meu caro, observaste tudo muito bem.

Teus olhos são deveras perspicazes. No entanto, não asseverei *76*

ser um *samana.* Disse apenas que sou um peregrino. E assim é de fato: encontro-me numa peregrinação.

_ Então és um peregrino — replicou Govinda. — Mas pouca gente faz romarias com trajes, sapatos e penteados dessa qualidade. Eu, que há muitos anos vivo peregrinando, nunca vi um peregrino igual a ti.

— Disso não duvido, amigo Govinda, Mas, justamente hoje topaste com um peregrino diferente, que veste roupas e calças de outra espécie. Não te esqueças, meu querido: o mundo das configurações altera-se a cada instante. Perecíveis, suma mente perecíveis são os nossos trajes e os penteados dos nossos cabelos, assim como também os próprios cabelos e corpos. Eu uso as roupas de um homem rico. nisso tens razão. Uso-as, porque fui rico e ando penteado como os pândegos mundanais, uma vez que fiz parte deles.

— E agora, ó Sidarta, que és agora?

—• Não sei. Ignoro-o da mesma forma que tu. Apenas vou caminhando. Tenho

sido um ricaço mas cessei de sê-lo.

Não faço nenhuma idéia do que serei amanhã.

— Perdeste a tua fortuna?

— Perdia-a, ou talvez ela tenha perdido a mim. Minha fortuna sumiu. A roda das configurações gira depressa, amigo Govinda. Onde ficou o brâmanc Sidarta? Onde o *samana* Sidarta? E onde está o ricaço Sidarta? As coisas efêmeras mudam rapidamente, meu caro Govinda. Bem o sabes.

Por muito tempo, Govinda fitou o amigo de infância. Seu olhar expressava dúvida. Em seguida, saudou-o, como se saúda um cavalheiro distinto, e foi-se embora.

Sempre sorrindo, Sidarta scguiu-o com os olhos. Ainda o amava, a esse homem leal, sempre preocupado. De resto, como poderia ter deixado de amar o que quer que fosse, pessoas ou objetos, nesse momento exato, nessa hora magnífica, após o sono milagroso, quando se sentia inteiramente penetrado do *Oni?*

Justamente nisso consistia o .feitiço que tomara conta dele, através da palavra sagrada e fazia com que ele sentisse amor a tudo e se enchesse de ternura para com todas as coisas que se lhe deparassem. E tinha a impressão de que a grave doença de que sofrerá até poucas horas antes manifestara-se precisamente na incapacidade de amar nada e ninguém.

77

Ainda sorridente, Sidarta prosseguiu acompanhando com o olhar o monge que se afastava. O sono fortalecera-o consideravelmente. Mas, nesse momento, a fome torturava-o muito.

Fazia dois dias que não comia e os tempos em que estava acostumado a abster-se de alimentos pertenciam a um passado remoto. Melancòlicamente, e todavia com uma risada jovial, recordou-se daquela época distante. Veio-lhe à memória que perante Kamala gabara-se de saber realizar três coisas, de dominar três artes, nobres, insuperáveis; jejuar, esperar, pensar.

Isso representava tudo que então possuía. Servira-lhe de esteio sólido. Dera-lhe força e poder. Nos anos duros, laboriosos, de sua juventude, Sidarta assimilara

essas três artes, só elas. Mas depois as perdera. A essa altura nenhuma delas pertencia-lhe: nem a arte de jejuar, nem a de esperar, nem a de pensar. Ele as trocara pelo que havia de mais vil e de mais efêmero no mundo, pelo prazer dos sentidos, pela vida amena, pelos bens materiais!

Realmente, o que lhe acontecera era curioso. Ao fim de tudo isso, assim lhe parecia, tornara-se de fato nm tolo como os outros homens.

Refletiu sobre a sua situação, O ato de pensar causava-lhe dificuldade. No fundo, nem sequer gostava de fazê-lo. Mas, com algum esforço, conseguiu-o,

"Pois então — pensou — já que todas aquelas coisas passa-geiras me escorregaram por entre as mãos, acho-me novamente sob o sol, sozinho, como nos meus dias de infância. Nada possuo, nada sei fazer, nada posso realizar, nada aprendi. Não é mesmo estranho? Agora, que já não sou nenhum jovem, que meus cabelos já ficaram bem grisalhos, que minhas forças diminuem, volto à estaca zero, lá onde estive em criança!" Mais uma vez esboçou um sorriso. Sim, seu destino era deveras singular. Ele ia abaixo e novamente se encontrava nesta terra totalmente vazio, bobo, desamparado. Mesmo assim, sentia-se incapaz de afligir-se por isso. Antes pelo contrário, tinha vontade de dar uma gargalhada, de rir-se de si, de zombar desse mundo esquisito, estúpido,

"Tu vais mesmo abaixo!" — disse de si para si, soltando uma risada e, ao pronunciar essas palavras, fixou a vista no rio.

Via que também o rio ia abaixo, sempre abaixo, sem que todavia cessasse de murmurar a sua alegre cantiga. Isso lhe agradava.

Olhou o rio, com um sorriso, como a um amigo. Eram essas realmente as mesmas águas nas quais quisera afogar-se,

cutrora, fazia cem anos, ou acontecera aquilo apenas num sonho?

"A vida que levei foi deveras curiosa"— pensou — "e conduziu-me por caminhos estranhamente tortuosos. Quando menino só tive que lidar com deuses e sacrifícios. Quando adolescente, preocupei-me exclusivamente com o ascetismo, com a filosofia, com a meditação, indo em busca do *Brama* e reverenciando o que há de eterno no *Átman.* Quando moço, porém, acompanhei os penitentes; morei na selva; suportei o frio e o calor; aprendi a agüentar a fome; mortifíquei o meu corpo.

A seguir ocorreu-me o maravilhoso encontro com a doutrina do orande Buda e através dela cheguei ao conhecimento; senti que a percepção da unidade do Universo circulava em mim como o meu próprio sangue. Mas coube-me abandonar também o Buda e sua sublime sabedoria. Fui ter com Kamala e graças a ela enfronhei-me nas delícias do amor; com Kamasvami estudei o comércio; acumulei dinheiro, esbanjei dinheiro; habituei-me a adorar o meu estômago e a adular os meus sentidos. Era preciso que eu vivesse assim por longos anos, sacrificando o meu espírito, esquecendo a arte de pensar, olvidando a unidade. Não parece de fato que, lentamente, trilhando estradas sinuosas, transformei-me de um homem numa criança e de um filósofo num tolo? E, todavia, acho que esses desvios me fizeram um grande bem. O pássaro que antigamente cantava no meu peito não morreu ainda. Mas que jornada extraordinária! Careci passar por tamanha insensatez, por tantos vícios e erros, por um sem-número de desgostos, desilusões, tristezas, só para voltar a ser criança e para começar de novo. E, apesar de tudo isso, fiz bem, agindo dessa forma. Meu coração está de acordo e meus olhos enxergam aquilo com prazer. Coube-me em sorte o pior desespero. Foi necessário que me degradasse até ao mais estúpido de todos os propósitos e pensasse no suicídio, para que me acontecesse a graça, para que eu ouvisse novamente o *Om,* para que me iossc dado dormir com calma e acordar refeito.

Tive de pecar, para que pudesse tornar a viver. Aonde me levará agora o meu destino? Meu caminho parece louco; faz curvas; talvez me conduza num. círculo fechado. Seja como for, vou segui-lo!"

Sentiu-se tomado de um bem-estar indizível.

"Donde, ó meu coração — perguntou a si mesmo — veío-te tamanha alegria? Só daquele sono benéfico, prolongado, que tanto me refrescou? Ou da palavra *Om* que pronunciei? Ou do fato de eu ter logrado escapar, transformar essa fuga em realidade definitiva, voltar à liberdade, viver como uma criança sob o vasto céu? Ah, como me faz bem essa fuga, essa liberdade reconquistada! Como é belo e puro o ar que aqui se respira!

Naquela casa de onde me evadí, tudo cheirava a pomada, especiarias, vinho, abundância, preguiça! Como não odiei esse mundo dos ricaços, dos comilões, dos jogadores! Quanto não detestei a mim mesmo, por ter permanecido durante anos ali, naquele ambiente pavoroso! Assim me prejudiquei, privei-me, intoxiquei-me, maltratei-me, tornei-me velho e maldoso. Não, ao contrário do que outrora gostava de imaginar, nunca mais terei a veleidade de ser um sábio! Mas uma coisa me saiu bem. Até me causa prazer. Estou contente que esse ódio com que me persegui chegou ao seu fim, da mesma forma que aquela vida insensata, enfadonha, que ievei! Felicito-te, ó Sidarta, por teres novamente uma boa idéia, após tantos e tantos anos de tolice, por teres realizado uma ação proveitosa. Ouviste o canto do pássaro no fundo do teu coração e obedeceste a ele!"

Assim se elogiava a si próprio. Sentia-se satisfeito consigo mesmo. Com manifesta curiosidade, escutava os resmungos do seu estômago acossado pelo fome. Percebia nitidamente que, no decorrer dos meses e dos dias que acabavam de passar, es-vaziara até à última gota a taça da tristeza e do desgosto, para, em seguida, vomitar o conteúdo amargo, numa convulsão de desespero e morte. Estava bem assim. Ter-lhe-ia sido possível permanecer por muito tempo ainda ao lado de Kamasvami, ganhando e desperdiçando dinheiro, cevando o ventre e permitindo que sua alma morresse de sede. Talvez tivesse ele con-tinuado a habitar aquele inferno suave, confortável, se não lhe houvesse acontecido aquele momento de extrema desesperança, de completo desânimo, aquele momento derradeiro, quando, à beira das águas íorrentosas, estívera disposto a suicidar-se, O fato de ele ter experimentado tal sensação de profundo desa-lento, de asco total sem sucumbir a ela, o fato de terem sobre-vivido em seu íntimo o pássaro, a voz, a fonte jucunda, esse fato alegrava-o, tornava-o .risonho, fazia com que seu rosto, sob a cabeleira grisalha, irradiasse júbilo.

"Que bom — assim pensou — provar tudo quanto se necessita conhecer! Em criança, já aprendi que a riqueza e os prazeres mundanais não nos trazem nenhum proveito. Há muito tempo sabia disso, mas somente agora cheguei a assimilar essa sabedoria. Hoje me compenetrei dela. Possuo-a não só na memória, senão nos olhos, no coração, no estômago. Ê uma bênção ter-se essa certeza."

Durante horas a fio, meditava acerca da transformação que nele se produzira. Com atenção, escutava a voz alegre do pássaro que cantava na sua alma. Mas como? Aquele bichinho não estava morto? E a dor que ele, Sidarta, sentira pelo seu desaparecimento? Ora, o que morrera no seu íntimo era outra coisa, algo que havia muito desejava ser exterminado. Não era precisamente aquilo que ele quisera extinguir no ardor dos seus anos de penitência? Não era a sua própria personalidade, o seu *eu* mesquinho, angustiado, orgulhoso, com o qual travara uma luta de longos anos, que uma e outra vez triunfara sobre ele, que sempre ressuscitara, por mais que ele o abatesse, que lhe vedara

.a felicidade e lhe incutira o medo? O que encontrara a morte, até que enfim, nessa selva, na ribeira desse belo rio, não seria justamente esse *eu?* E não o reconduzirá essa mesma morte ao estado de criança, inspirando-lhe plena fé, livrando-o de qualquer temor, enchendo-o de júbilo?

Nesse instante, Sidarta começava a vislumbrar o motivo por que não conseguira vencer àquele *eu*, nem como brâmane, nem como penitente. O que o impedira fora o excesso de erudição, de versículos sagrados, de rituais, de sacrifícios, de ascetismo, de atividades e de ambições. Sempre se pavoneara com altivez; sempre quisera ser o mais inteligente, o mais zeloso; sempre se empenhara em tomar a dianteira; sempre se exibira nos papéis de sábio, de intelectual, de sacerdote, de filósofo.

Nesse sacerdócio, nessa altivez, nessa erudição infiltrava-se o seu *eu;* ali se arraigara, crescera, enquanto ele, Sidarta, cria tê-lo aniquilado por meio de jejuns e mcrtificações. A essa altura, porém, redescobriu-o e também percebeu que a voz secreta tivera razão, e que nenhum mestre jamais teria sido capaz de salvá-lo Por isso, fora inevitável que ele se encaminhasse ao mundo, para perder-se na busca de prazeres, de poder, de mulheres, de dinheiro, e que se tornasse, sucessivamente, comerciante, jogador de dados, beberrão e avarento, até que o sacerdote e o *samana 81*

que nele houvera estivessem mortos. Por isso coubera-lhe em sorte suportar todos aqueles anos sórdidos, suportar o nojo, o vazio, o absurdo de uma existência fastidiosa, inútil, até ao fim, até à amargura do desespero, até que o patusco Sidarta e o sovina Sidarta pudessem morrer por sua vez. E eles estavam mortos, realmente! Um Sidarta renovado despertava do sono Também ele envelheceria, também ele teria de falecer um dia.

Sidarta era efêmero, como efêmeras seriam quaisquer configurações. Nesse dia, porém, o novo Sidarta seníia-se jovem, era criança outra vez, estava cheio de alegria.

Eis os pensamentos que lhe vinham ao espírito. Sorrindo, prestava atenção às. queixas do estômago. Com sincera gratidão, ouvia os zumbidos de uma abelha, Satisfeito, contemplava a torrente do rio. Nunca água alguma lhe agradara tanto como aquela. Em nenhum outro momento se lhe haviam comunicado de modo tão claro e lindo a voz e o símbolo do curso das águas.

Parecia-lhe que o rio lhe revelava algum segredo especial, alguma coisa ignota, que ainda o aguardasse. 'Nesse rio, quisera afogar-se.

Nesse rio, submergia o velho, o exausto, o desesperado Sidarta.

Mas o novo Sidarta, tomado de profundo amor a essas águas que lá corriam, resolvia não se separar de]as por muito tempo.

O BALSEIRO

"HEI de permanecer junto a êsst rio! —

pensou Sidarta — É o mesmo que atravessei

quando ia ter com os homens tolos. Naquela ocasião um balseiro simpático me transportou. Vou procurá-lo. Da sua cabana partia então o caminho que me conduziu a uma vida nova, a qual, por sua vez, já ficou velha e morreu. Que também desta vez o meu caminho, minha existência atual, renovada, comecem ali!"

Carinhosamente, olhou a torrente das águas, o verde transparente, as linhas cristalinas de seu desenho misterioso. Notou que do fundo subiam pérolas luminosas, que na superfície flutuavam silenciosas bolhas de ar, que o espelho refletia o azul do céu. Com milhares de olhos fitava-o o rio, olhos verdes, brancos, diáfanos, cerúleos. Corno ele adorava aquelas águas!

Estava encantado por elas. Sentia-se grato. Notava que no seu coração a voz tornava a falar. Despertada do sono, dizia-lhe:

"Ama as águas! Não te afastes delas! Aprende o que te ensinam!"

Ah, sim! ele queria aprender delas, queria escutar a sua men-sagem. Quem entendesse a água e seus arcanos — assim lhe parecia — compreenderia muita outra coisa ainda, muitos mistérios, todos os mistérios.

Nesse dia, porém, deparou-se-lhe apenas um único dentre os arcanos do rio, e este lhe abalou a alma. Viu que a água corria, corria, corria sempre e todavia estava *lá,* ininterruptamente, era sempre, a cada instante, a mesma e todavia se renovava sem cessar. Como explicar isso? Quem lhe dera desvendar esse mistério! Sidarta não o compreenderia, não encontrava a resposta. Somente sentia que, no seu íntimo, vibravam intuições vagas, reminiscências distantes, divinas.

Pôs-se de pé. Os espasmos que a fome provocava nas suas entranhas tinham-se

tornado insuportáveis. Num estado de en-levo, prosseguiu na sua caminhada, subindo a senda que acom-panhava a ribeira. Enquanto ia em direção contrária à corrente do rio, escutava os murmúrios das águas *c* os resmungos do seu ventre faminto.

Quando chegou ao trapiche, encontrou a embarcação à sua espera. Nela se achava o mesmo balseiro que outrora trans-portara o jovem *samana* através do rio. Sidarta reconheceu-o, embora o homem também tivesse envelhecido consideravelmente.

— Queres levar-me ao outro lado? — perguntou.

O balseiro admirado de ver uma pessoa tão distinta andar sozinha e a pé, recebeu-o na embarcação e em seguida iniciou a travessia.

— É linda a vida que escolheste — disse o passageiro.

— Deve causar-te prazer viver sempre nas proximidades dessa água e navegá-la todos os dias.

O remador balançava-se, sorrindo:

— Dá prazer, realmente — respondeu. — É assim como dizes. Mas não são todas as vidas, todas as profissões igualmente lindas?

— Pode ser que sejam. Mas eu te invejo a tua.

— Ora, depois de pouco tempo te cansadas dela. Ela não serve para gente bem vestida.

Sidarta deu uma risada.

— Esta já é a segunda vez, no dia de hoje, que alguém repara nas minhas roupas e por causa delas me olha com descon fiança. Que tal, ó balseiro, não queres aceitá-las, de presente uma vez que elas se me tornaram odiosas? Convém que saibas que não tenho dinheiro para pagar-te a passagem.

— Estás brincando, meu prezado senhor — disse o bal seiro, rindo-se gostosamente.

84

— Não brinco, meu amigo. Olhe, em outra ocasião já me transportaste na tua balsa através desse rio e também o fizeste de graça- Faze-o mais uma vez hoje e recebe minhas roupas como recompensa!

— E tu continuadas a viagem sem roupas, meu mestre?

— Ora, eu até gostaria de nunca prosseguir na minha jornada. Para mim seria melhor que tu, ó balseiro, me desses uma tanga velha e me guardasses aqui, a teu lado, como teu ajudante, ou melhor: teu aprendiz. Pois, preciso ainda aprender como se maneja a embarcação.

Por muito tempo, o balseiro contemplou o estranho, pro-curando recordar-se.

— Agora te reconheço — disse finalmente. — Dormiste certa vez na minha cabana, faz muito tempo, talvez mais de viníe anos. Transpuseste o rio comigo, e despedimos-nos um do outro como bons amigos. Não eras um *samana?* Já não me lembro do teu nome,

— Chamo-me Sidarta. Era *samana,* quando me viste a última vez.

— Pois então, sé bem-vindo, ó Sidarta. Chamo-me Vasudeva. Espero que sejas meu hóspede também hoje. Dormirás na minha choupana e, em seguida, hás de contar-me de onde vens e por que te desgostaste das tuas belas roupas.

Metade da travessia estava feita. Vasudeva remava com redobrado vigor, a fim de vencer a força da corrente. Trabalhava com toda a calma, mexendo os braços musculosos e man-tendo o olhar fixo na extremidade da embarcação. Sidarta, sentado nas tábuas, observava-o. Vinha-lhe à memória que naquele cutro dia, o último da sua fase de *samana,* também se seníim tomado de viva simpatia por aquele homem. Com sincera gratidão, aceitou o convite de Vasudeva. Quando atracaram, ajudou-o a amarrar a balsa nas estacas. A seguir, o balseiro pedin-Ihe que entrasse na cabana, onde lhe ofereceu pão e água.

Sidarta comeu com apetite e serviu-se com evidente prazer daS

mangas que Vasudeva lhe trazia.

Depois da refeição, ao pôr-do-sol, sentaram-se num tronco cie árvore, à beira do rio. Sidarta contou ao balseiro onde se criara e falou-lhe da sua vida, tal como se lhe deparara nesse mesmo dia, na hora do pior desespero. A narração prolongou-se até altas horas da noite.

Vasudeva escutou-o com muita atenção. Tudo quanto se lhe dizia encontrava um eco na sua alma, a origem e a infância, as aprendizagens, as buscas, as alegrias, as tristezas. Entre as boas qualidades do balseiro, uma das maiores era saber escutar como mais ninguém. Sem que o outro quebrasse o seu silêncio, notava Sidarta que Vasudeva acolhia todas as suas palavras no seu íntimo, sempre se conservando atento, imóvel, receptivo, sem perder nenhuma frase, sem nunca Ímpacientar-se. O balseiro limitava-se a ouvir o que lhe comunicava o seu interlocutor. Não lhe tributava elogios nem censuras, E Sidarta sentia a benção que representa o ensejo de confessar-se a um ouvinte daquele quilate e de poder abrigar num coração acolhedor a própria vida, com todas as ambições e todos os sofrimentos.

Mas, pelo fim da narrativa de Sidarta, quando este descre-via a árvore na ribeira, a queda profunda e o efeito do sagrado

Om, quando contava como, ao acordar do sono, sentira aquele caloroso apego ao rio, o balseiro ouviu-o com dupla atenção, conservando os olhos fechados e abandonando-se inteiramente às palavras de seu hóspede.

E, quando Sidarta se calou, houve um longo silêncio. Finalmente disse Vasudeva:

— As coisas passaram-se exatamente como eu pensava.

O rio falou contigo. É teu amigo também. Dirige-se também a ti. Que bom que seja assim, que bom! Fica comigo, Sidarta, meu companheiro! Em outros tempos tive uma mulher. Seu leito achava-se ao lado do meu. Mas, faz longos anos que ela faleceu.

Há muito que vivo sozinho. Daqui em diante, tu viverás aqui comigo. Há espaço e comida para nós dois.

—• Eu te agradeço — respondeu Sidarta. — Eu te agradeço e aceito o teu convite. E também te fico grato, ó Vasudeva, por teres escutado tão bem o que te contei. São muito raros os homens que saibam escutar, e ainda não encontrei

nenhum que dominasse essa arte com tamanha perfeição. Também nesse ponto serei teu aprendiz.

— Hás de aprender isso — replicou Vasudeva — porem não de mim. Quem me ensinou a escutar foi o rio e ele será o teu mestre também. O rio sabe tudo e tudo podemos aprender dele. Olha, há mais uma coisa que a água já te mostrou: que é bom descer, abaixar-se, procurar as profundezas. O rico e nobre Sidarta converte-se num remador; o erudito brâmane Sidarta *86*

torna-se balseiro. Também isso te sugeriu o rio. O resto, ele to ensinará ainda.

— Que é o resto, Vasudeva?

O balseiro levantou-se:

— Já é muito tarde — respondeu. — Vamos dormir.

Não te posso dizer o que é o resto, meu amigo. Um dia, hás de aprendê-lo, ou talvez já o saibas. Olha, eu não sou nenhum erudito. Não sei falar. Nem sequer sei pensar. Apenas sei escutar e ser piedoso. Outra coisa não aprendi. Se me fosse dado explicá-lo e ensiná-lo, talvez me tivesse tornado um sábio, mas assim não passo de um balseiro, ao qual cabe transportar as pessoas através do rio. Muita gente fez a travessia comigo, milhares de homens, provavelmente, para todos eles o rio repre sentava apenas um estorvo, a atrasar a sua viagem. Andavam atrás de dinheiro ou de negócios, encaminhavam-se a casamentos, faziam peregrinações. O rio opunha-se, a eles e o balseiro tinha a incumbência de ajudá-los a vencer c mais depressa possível o obstáculo. Mas houve alguns entre esses milhares, uns poucos, quatro ou cinco talvez, para os quais o rio cessou de ser um estorvo. Escutaram a sua voz, prestaram atenção ao que ele dizia, e o rio tornou-se-lhes sagrado, assim como chegou a ser para mim. E agora vamos recolher-nos, ó Sidarta.

Sidarta permaneceu na casa do balseiro. Aprendeu a ma-nejar a balsa e, quando faltava serviço, trabalhava no arrozal, ao lado de Vasudeva, ou juntava lenha, ou colhia as frutas das bananeiras. Aprendia como fabricar um remo, como consertar uma embarcação, como fazer um balaio e alegrava-se com todos esses conhecimentos novos. Rapidamente se escoavam dias e meses. Mas muito mais do que Vasudeva pudesse ensinar-lhe ensinava-lhe o rio. Sem cessar, Sidarta aprendia dele. Antes de mais nada, aperfeiçoava-se na arte de escutar, de prestar atenção, com o coração quieto, com a alma receptiva, aberta, sem paixão, sem

desejo, sem preconceito, sem opinião.

Convivia com Vasudeva em estreita amizade. Às vezes, ambos trocavam palavras, poucas palavras ponderadas com bastante antecedência. Vasudeva não gostava de falar muito e somente em raras ocasiões deixa-se induzir a uma conversa.

87

— Díze-me se o rio também te comunicou o misterioso fato de que o tempo não existe? — perguntou-]he Sidarta certa feita. O rosto de Vasudeva iluminou-se num vasto sorriso.

— Sim, Sidarta — respondeu. — Acho que te referes ao fato de que o rio se encontra ao mesmo tempo em toda a parte, na fonte tanto como na foz, nas cataratas e na balsa, nos estrei tos, no mar e na serra, em toda a parte, ao mesmo tempo; de que para ele há apenas o presente, mas nenhuma sombra de passado nem de futuro. Não é isso que queres dizer?

— Isso mesmo — tornou Sidarta, — E quando me veio essa percepção, contemplei a minha vida, e ela também era um rio, O menino Sidarta não estava separado do homem Sidarta e do ancião Sidarta, a não ser por sombras, porém, nunca por realidades. Nem tampouco eram passado os nascimentos ante riores de Sidarta, como não fazia parte do porvir a sua morte, com o retorno ao *Bramc*, Nada foi, nada será; tudo é, tudo tem existência e presente.

Sidarta falava com entusiasmo, sentindo profunda felicidade em face dessa iluminação, Ah, sim! Todo o sofrimento pertencia ao tempo, da mesma forma que todos os receios e tormentos com que as pessoas se afligiam a si próprias. Todas e quaisquer dificuldades, tudo quanto houvesse de hostil no mundo, sumir-se-ia, cairia derrotado, logo que o homem triun-fasse sobre o tempo, logrando arredá-Io pelo pensamento. Sidarta falava, como que enlevado. Vasudeva, radiante, sorria para ele confirmando, às vezes, as palavras do companheiro com um sinal de cabeça, porém, conservando-se em silêncio. Apenas acariciava com a mão o ombro de Sidarta. Em seguida, voltou ao seu trabalho.

Em outra oportunidade, durante a época das chuvas, quando o rio estava chsio e rugia terrivelmente, disse Sidarta;

— O rio tem muitas vozes, um sem-número de vozes; não é, meu amigo? Não te parece que ele tem a voz de um rei e a de um guerreiro, a voz de um touro e a de uma ave noturna, a voz de uma parturiente e a de homem que suspira, e inúmeras outras ainda?

— Tens razão — respondeu o balseiro. — Na sua voz concentram-se as vozes de todas as criaturas.

88

— E tu — continuou Sidarta — sabes identificar a palavra que ele dirige a ti, sempre que consegues ouvir simultaneamente todas as dezenas de milhares de suas vozes?

A fisionomia de Vasudeva irradiava satisfação. Inclinando-se para o amigo, sussurrou-lhe no ouvido o sagrado *Om.* Era exatamente isso o que Sidarta ouvira também.

Dia a dia, o seu sorriso assemelhava-se mais ao do balseiro, chegando, quase, a irradiar a mesma luminosidade, a resplandecer de quase igual ventura, a luzir, tal e qual o do companheiro, através de milhares de ruguinhas; era o sorriso de uma criança e de um ancião também. Muitos viajores, ao avistarem os dois balseiros tomavam-nos por irmãos. Freqüentemente, Sidarta e Vasudeva permaneciam sentados no tronco da árvore, junto à ribeira. Calados, escutavam o que lhes segredava a água, a qual, para eles, não era apenas água, senão a voz da vida, a voz do que é, a voz do eterno Devir. E, de quando em quando, sucedia que um e outro, prestando atenção aos murmúrios do rio, pensavam na mesma coisa, num colóquio mantido dois dias antes, com um dos seus passageiros, cuja aparência ou cujo destino, por algum mctivo os preocupasse, na morte ou na infância, como também ocorria, sempre que o rio lhes con-fiava uma boa nova, entre olhavam-se ambos, com pensamentos idênticos, contentes de terem recebido a mesma resposta à mesma pergunta.

Da embarcação dos dois balseiros, partia algum fluido que certos viajantes notavam. Ocasiões havia em que um passageiro, após ter examinado o semblante de um dos remadores, começava a narrar os acontecimentos da sua vida, falando de suas tristezas ou confessando más ações. Ocasiões havia em que uma pessoa lhes pedia licença para ficar em sua companhia durante uma tarde, a fim de estudar o que o rio murmurava.

Em outras ocasiões ainda, aparecia gente curiosa que ouvira falar de dois sábios, ou bruxos, ou santos, que viviam numa choupana, nas proximidades da balsa. Os indiscretos faziam numerosas perguntas, sem receberem respostas, e não encontravam nem bruxos nem sábios, senão apenas dois vethotes bonachões, que pareciam mudos e um tanto esquisitos ou abo-bados. E os indiscretos, rindo-se, comentavam entre si com que leviandade e credulidade o povo espalhava boatos dessa espécie.

89

Decorriam os anos, sem que ninguém os contasse. Cer o dia, porém, chegaram alguns monges peregrinos, adeptos do Buda e que desejavam atravessar o rio. Deles souberam os balseiros que o grupo ia ter, a toda pressa, com seu grande mestre, já que se espalhara a notícia de que o Augusto, acome-tido de doença fatal, corria perigo de morrer em breve a sua derradeira morte, para, em seguida, encontrar a redenção. Pouco depois, vinha outro grupo de monges, e ainda outro. Tanto os peregrinos como os demais viageiros e andarilhos só falavam de Gotama e da sua morte iminente. E assim como as pessoas acorrem de todos os lados, quais formigas, quando se trata de uma guerra ou da coroação de um rei. assim se encaminhava toda essa multidão, como que atraída màgicamente, ao lugar onde o grande Buda aguardava a sua hora final, àquele lugar onde se produziria o tremendo acontecimento da glorificação do mais perfeito de todos os seres.

Nesses dias, SJdarta amiudadamente recordava o sábio moribundo, o grande mestre cuja voz exortara os povos e despertara centenas de milhares de homens, essa voz que ele mesmo ouvira em outra hora. Evocava o sagrado rosto que então lhe fora dado contemplar reverentemente. Devotava ao Venerável pensamentos amistosos. Com um sorriso, trazia à memória as palavras que ele, quando moço, dirigira ao Sublime. Parecia-lhe que se tratara de palavras arrogantes, presunçosas, que nesse momento apenas o faziam sorrir. Havia muito que percebera que nada o separava de Gotama, cuja doutrina, contudo, não lhe fora possível aceitar. Não, o verdadeiro buscador, aquele que realmente se empenhasse em achar algo, jamais poderia subme-ter-se a nenhuma doutrina. Mas, quem tivesse encontrado alguma solução, seria capaz de aprovar toda e qualquer doutrina, todos os caminhos e objetivos, já que nada mais o distanciaria dos milhares de outros homens que viviam na Eternidade e impregnavam-se do Divino.

Certo dia, em meio a muitos outros peregrinos que rumavam em direção ao Buda agonizante, vinha também Kamala, que em tempos passados fora a mais bela de todas as cortesãs.

Havia muito que renunciara àquele tipo de vída. Dera o seu parque de presente aos monges de Gotama e procurara agasalho na doutrina do Augusto. Fazia parte das amigas e benfeitoras dos peregrinos. Ao receber a notícia da morte iminente do Buda, *90*

vestira roupas simples c puscra-sc a caminho, acompanhada do menino Sidarta, seu filho. Junto com cie, chegara .ao rio.

A criança, cansada pela marcha, queria voltar parr- casa. Pedia comida. Insistia em que repousassem. Teimava c choramingava.

Kamala via-se forçada a parar freqüentemente. O garoto estava acostumado a impor-lhe a sua vontade. Era preciso que ela lhe preparasse refeições, que o consolasse ou falhasse com ele. O

pequeno não compreendia por que a mãe o obrigara a empreender essa peregrinação laboriosa, melancólica, rumo a um Sugar desconhecido, para terem com um homem estranho., que era um santo e do qual se dizia que estava a ponto de morrer. Que então morresse de uma vez! Isso não tinha nenhuma importância para o menino.

Os romeiros já se encontravam nas proximidades da balsa de Vasudeva, quando a criança mais uma vez conseguiu que a mãe interrompesse a jornada para descansarem. A própria Kamala também sentia-se fatigada. Enquanto o filhinho masti-gava uma banana, a mulher acocorou-se no chão e fechando os olhos, repousou um pouquinho. Mas, de repente soltou uin grito doloroso. O garoto, que a olhou, assustado, notou que seu rosto estava pálido de terror. **De** sob o vestido de Kamala esca-pava uma cobrinha preta, que acabava de mordê-la.

Imediatamente, ambos correram pela estrada, a fim de pro-curarem quem lhes acudisse. Acercaram-se da balsa, em cujas proximidades Kamala caiu ao solo, incapaz de prosseguir na caminhada. O menino pôs-se a chorar miseramcnte. Entre gritos, abraçava *e* beijava a mãe, que também pedia socorro a altos brados. Finalmente, o clamor chegou aos ouvidos de Vasudeva, que se achava perto do ancoradouro. Ele acorreu depressa.

Levantando a mulher, carregou-a até à balsa. O menino acompanhou-os e, pouco depois, todos alcançaram a choupana, onde Sidarta, junto ao braseiro, estava ocupado em acender o lume.

Ao erguer o rosto, deparou logo com o menino, que despertou nele reminiscências esquisitas, como que fazenda voltar um passado remoto. Em seguida, avistou Kamala. Reconheceu-a logo, ainda que ela tivesse desmaiado nos braços do balseiro.

Nesse instante percebeu que o garoto cuja fisionomia evocara nele apenas recordações intensas, era ^eu próprio filho e o coração começou a agitar-se no seu peito.

91

Lavaram a ferida, mas esta já se tornara preta. O ventre de Kamala esta inchado. Deram-lhe uma poção, que fez com que recuperasse os sentidos. Achava-se deitada na cama de Sidarta, na cabana, e ele permanecia a seu lado, inclinando-se para a mulher que em outros tempos fora o seu grande amor.

Kamala tinha a impressão de que tudo aquilo era um sonho.

Sorrindo, fitava o rosto do amigo e apenas lentamente dava-se conta da sua situação. Ao lembrar-se da mordida da cobra, chamou ansiosamente o menino.

—• Ele está contigo. Não te preocupes — acalmou-a Sidarta.

Kamala contemplou-o. Começou a falar, cora a língua pesada pelo veneno:

— Envelheceste, meu caro — disse. — Ficaste grisalho.

Mas te pareces com o jovem *samans,* que certa vez entrou no meu jardim, sem roupas, com cs pés cobertos de poeira Hoje és muito mais semelhante a *ê\s* do que eras naquele dia em que abandonaste a mim e a Kamasvami. A semelhança está nos olhos, ó Sidaría. Ai de mim! Eu também envelheci. Fiquei velha. Dize-me se conseguiste reconhecer-me!

Sidarta sorriu:

— Reconheci-te logo, minha querida Kamala.

Ela aponte u para o menino.

—• Reconhecestc a ele também? É teu filho.

Sua vista turvou-se. Ela fechou os olhos. O menino chorava. Sidarta sentou-o no colo. Deixou que ele continuasse com as suas lamentações. Acariciou-lhe os cabelos e, enquanto mirava o rostinho infantil, veio-lhe à memória uma prece brâmane que ele mesmo aprendera outrora, em tempos de criança. Cantarolando devagarzínho, pôs-se a recitá-la. As palavras emergiam como que vindas do passado e da infância.

Pelo efeito da cantiga monótona, o garoto sossegou. Apenas dava, de vez em quando, um soluço. Finalmente adormeceu.

SÍda.rta deitou-o na cama de Vasudeva. O balseiro estava perto do braseiro, a cozinhar o arroz. Sídarta lançou-lhe um olhar, que o outro devolveu com um suave sorriso.

— Ela vai morrer — disse Sidarta baixinho.

Vasudeva fez que sim. O clarão do fogo iluminava-lhe a fisionomia bondosa.

92

Mais uma vez Kamala voltou ao estado de consciência.

Seu rosto crispava-se de tanta dor. **Os** olhos de Sidarta liam o sofrimento nas comissuras da boca c nas faces lívidas. Liam-no silenciosamente, participando dos tormcntos. Kamala percebia-o, e seus olhos procuravam os do homem.

Fitando-o, disse então:

—. Agora noto que também os teus olhos mudaram. Ficaram totalmente diferentes. E, contudo, reconheço que ainda és Sidarta. Por quê? Tu és e não és Sidarta.

£Ie conservou-se calado. Calmamente, seus olhos miravam os de Kamala.

— Alcançaste a tua meta? — perguntou ela. — Encontraste a paz?

Ele lhe sorriu, pousando a mão na mão da amiga.

— Encontraste, sim. Vejo-o — disse ela. — Eu também a acharei.

— Já a achaste — murmurou Sidarta.

Kamala cravou os olhos no seu rosto. Lembrou-se de que tencionara ir em romaria até onde estivesse Gotama, a fim de ver o rosto de um ser perfeito, de imbuir-se na sua paz. Em vez do Buda, descobrira Sidarta, e nesse momento verificou que estava bem feito, e se tivesse chegado a ver aquele outro, não seria melhor. Queria dize-lo ao amigo, mas a língua já não obedecia à sua vontade. Olhou-o em silêncio e Sidarta observou que a vida nos olhos da amiga se apagava aos poucos. Quando o derradeiro espasmo os rcanimara por um instante, para, em seguida, extingui-los definitivamente, quando as últimas convulsões haviam cessado de sacudir-lhe os membros, o dedo de Sidarta fechou as pálpebras de Kamala.

Por muito tempo quedou-se sentado junto ao leito, contemplando o rosto da defunta. Por muito tempo mirou-lhe a boca, essa boca envelhecida, fatigada, com os lábios encolhidos. Lembrou-se de que, na primavera da sua vida, comparara-a a um figo recém-cortado. Por muito tempo permaneceu ali, a decifrar o que lhe revelava o semblante lívido, com as rugas traçadas pelo esgotamento. Imbuía-se daquela visão. Imaginava-se a si próprio, a jazer assim, igualmente exangu^, igualmente extinto, e ao mesmo tempo lhe voltavam à memória os dois rostos, o seu e o dela, ambos jovens, de lábios rubros, de olhos ardorosos.

Inteiramente o penetrava a sensação do presente e da simulta-neidade, a sensação da eternidade. Nessa hora, Sidarta percebeu claramente, com maior nitidez do que nunca, que toda a vida é indestrutível e cada instante, eterno.

Quando se levantou, encontrou o arroz que Vasudeva pre-parara para ê[e. Mas Sidarta não comeu nada. No estábulo, onde guardavam a cabr:., os dois anciãos estenderam galha *c* Vasudeva recolheu-se. Sidarta, porém, saiu. Passou a noite em fre.ite da choupana, a escutar os murmúrios do rio, envolto pelo passado, e iodas as frases da sua vida rodeavam-no, desfilavam conjuntamente diante dele. Apenas se erguia, de vez em quando, a fim de aproximar-se da porta da cabana, para ver se o menino continuava dormindo.

De madrugada, ainda antes do nascer do sol, Vasudeva saiu do estábulo.

Acercou-se do companheiro.

— Não pregasíe olho — disse.

•— Não, Vasudeva. Fiquei aqui, a escutar a voz do rio. Ele me contou muita coisa. Incutiu-me uma idéia saudável, a idéia' da unidade.

—- Ocorreu-te uma desgraça, mas vejo, ó Sidarta, que nenhuma tristeza entrou no teu coração.

— Não, meu caro, por que deveria eu estar triste? Eu que já andava rico e feliz, agora me tornei mais rico, mais feliz ainda. Meu filho me foi dado de presente.

—. Teu filho seja bem-vindo, da minha parte também. Mas, Sidaría, temos que trabalhar. Vamos! Há muito que fazer.

Kamala morreu no mesmo leito, onde outrora morreu minha mulher, e na mesma colina onde incinerei o seu corpo, construi-remos a fogueira para Kamala.

Enquanto o garoto prosseguia dormindo, ambos empilharam as achas da fogueira.

O FILHO

TÍMIDO, com lágrimas nos olhos, o menino assistia aos funerais da mãe. Sombrio, arísco, ouvia as palavras de Sidaría, quando este o tratava de filho e lhe dava as boas-vindas na choupana de Vasudeva. Com o rosto pálido, o pequeno passava dias inteiros junto à sepultura da defunta. Recusava-se a comer.

Franzia o cenho. Mantinha o coração inacessível. Obstinava-se, revoltado contra o Destino.

Sidarta não insistia com ele. Respeitava-lhe o luto e deixava-o fazer o que queria. Compreendia muito bem que o garoto não o conhecia e por isso não podia amá-lo como a um pai.

Pouco a pouco, porém dava-se conta de que aquele rapazinho de onze anos era uma criança mimada, apegada à mãe, criada-na opulência, acostumada a comer pratos finos, a dormir numa cama fofa e mandar nos serviçais. Via que uma pessoa entristecida, habituada ao luxo, simplesmente não podia conformar-se de um dia para o outro com a pobreza e com um ambiente estranho. Não lhe impunha os seus desejos. Freqüentemente fazia o trabalho que cabia ao filho e sempre lhe oferecia os melhores bocados. Esperava conquistá-lo lentamente, pela paciência e pela gentileza.

95

Qualificara-se a si mesmo de rico e feliz, quando o menino começara a morar em seu lar. Mas o tempo passava e o menino continuava sombrio e renitente, mostrando-se sempre teimoso e altivo, Não queria absolutamente trabalhar. Não demonstrava o menor respeito aos dois anciãos. Pilhava o pomar de Vasudeva. Eis que Sídarta começou a compreender que o filho não lhe trouxera ventura e paz, senão mágoas e preocupações. E, todavia, o amava. Preferia mágoas e carinhosas preocupações à felicidade e às alegrias que gozara antes da chegada do garoto.

Desde que o jovem Sidarta convivia com eles na cabana, os velhos haviam distribuído entre si as fainas cotidianas.

Vasudeva tornara a tomar conta da balsa, sozinho, ao passo que Sidarta se dedicava ao trabalho nos campos e às lides domés-ticas, a fim de ficar perto do filho.

Durante muito tempo, meses a fio, Sidarta prosseguiu es-perando que o menino o compreendesse, que aceitasse o seu amor, que talvez o retribuísse. Meses a fio, Vasudeva nutria a mesma esperança. Aguardava em silêncio, observando o pai e o filho. Certa feita, quando o menino Sídarta mais uma vez ma-goara o pai com sua obstinação e seus caprichos, chegando a quebrar propositadamente duas tigelas de arroz, Vasudeva apro-veitou a noite para falar com o amigo em separado.

— Não me leves a mal — disse — que eu trate dessas coisas. Faço-o como teu amigo. Vejo como te atormentas.

Noto que andas tristonho. Meu caro, teu filho te preocupa, e a mim, me preocupa também. Aquele passarinho está acostumado a viver outra vida, num ninho diferente. Não abandonou a riqueza e a cidade por tédio e nojo, como tu o fizeste. Teve de largar tudo isso a contragosto. Olha, meu amigo, já consultei o rio. Consultei-o muitas vezes. Mas o rio limita-se a rir, rir de mim, de mim e de ti também, dá gargalhadas em face da nossa tolice. A água corre para a água. A juventude procura a juven tude. Teu filho não se encontra no lugar que lhe convém. Seria bom se tu também consultasses o rio. Faze o que ele te sugerir.

Emocionado, Sidarta examinou o rosto do amigo, esse rosto em cujas inúmeras rugas se escondia inalterável serenidade.

— Mas, serei capaz de separar-me dele? — respondeu em voz baixa. — Concede-me mais um pouco de tempo, meu caro!

Estás vendo como luto, como me esforço por conquistar *96*

o coração do menino, pelo carinho, pela paciência, pela doçura, É assim que quero aliciá-lo. Tomara que o rio um dia dirija a sua palavra também a ele. Esse menino tem a mesma vocação que nós.

O sorriso de Vasudeva tornou-se ainda mais caloroso.

— Ah, sim! Também ele tem vocação. Também ele é parte da vida eterna. Mas que sabemos nós, tu e eu, do destino que o aguarda, do caminho que lhe caberá trilhar, das ações que ele deverá realizar e dos sofrimentos que o acometerão? Os des gostos que lhe estão reservados não serão pequenos, uma vez que o coração desse rapaz é duro e altivo. Pessoas da sua espécie têm de padecer muitas amarguras, já que erram freqüentemente, cometem graves pecados e carregam muita culpa na sua cons ciência. Dize-me uma coisa, meu amigo: não dás nenhuma edu cação a teu filho? Não lhe impões a tua vontade? Não o surras nunca? Não o castigas?

—. Não, Vasudeva, não faço nada disso.

— Pois é! Não o obrigas a nada; não bates nele; não lhe dás nenhuma ordem, porque sabes que a meiguice é mais forte do que a dureza e a água mais forte do que o rochedo. Muito bem! Aprovo a tua conduta. Mas não te enganas a ti mesmo, quando pensas que não exerces coação alguma sobre ele e não lhe infliges nenhum castigo? Não o agrilhoas pelo teu carinho?

Não o humilhas todos os dias e ainda Ihs amarguras a vida, graças à tua bondade e paciência? Não obrigas esse menino soberbo, mimado, a viver numa cabana junto com dois velhos comedores de bananas, para os quais o arroz já representa um quitute e cujo coração gasto, sereno, pulsa em outro ritmo que o dele? Não resulta tudo isso em constrangimento e punição?

Consternado, Sidarta baixou os olhos.

Em seguida murmurou:

— Que achas que devo fazer?

E Vasudeva tornou:

— Leva-o à cidade. Deixa-o na casa que pertencia à mãe.

Ali haverá ainda alguns criados aos quais poderás entregá-lo.

E^ se não houver mais ninguém, procura um professor para ele, não por causa do ensino, mas para que a criança possa conviver com outros garotos, e com as meninas, num ambiente que lhe convier. Nunca pensaste nesta solução?

— Espiaste o fundo do meu coração — respondeu Sidarta melancòlicamente. — Muitas vezes pensei nisso. Mas olha!

Como posso abandonar ao mundo esse menino, em cuja alma não há nenhuma ternura? Não se tornará ele um presunçoso?

Não se perderá em prazeres e ambições de poder? Não repetirá todos os erros do pai? Não se extraviará irremediavelmente no *Sansara?*

O rosto do balseiro iluminou-se num sorriso radiante. Acariciou delicadamente o braço de Sidarta e disse:

— Consulta o rio a esse respeito, meu amigo! Não estás ouvindo como ele se ri? Achas realmente que cometesíe as tuas tolices, a fim de poupá-las a teu filho? Julgas-te capaz de pro teger o pequeno contra o *Sansara?* De que modo? Por meio de ensinamentos, de preces, de admoestações? Ora, meu querido, esqueceste por completo uma história que me contaste aqui mesmo, em outra ocasião; a edificante história de um filho de brâmane que se chamava Sidarta? Quem resguardou esse Sidarta do *Sansara,* do pecado, da avareza, da insensatez? A piedade do pai, as exortações dos mestres, a própria erudição, as pesquisas que ele fazia — nada disso conseguiu servír-lhe de esteio. Que pai, que mestre poderia evitar que Sidarta vivesse a sua vida sujando-se com ela, caindo em culpa e bebendo sozinho a poção amarga, antes de descobrir o seu caminho pelas suas próprias forças? Pensas, meu caro, que alguém possa escapar à busca desse

caminho? Talvez teu filhinho, porque o amas e desejas isentá-lo de mágoas, dores e desilusões? Mas, mesmo que morras por ele dez vezes, não lograrás alterar nenhuma parcela do des tino que o aguarda!

Nunca na vida, Vasudeva falara tanto. Sidarta agradeceu-lhe calorosamente, Acahrunhado, entrou na cabana. Por muito tempo, não conciliou o sono. Vasudeva não lhe dissera nada que ele mesmo não soubesse, que não lhe tivesse preocupado o espírito uma e outra vez. Mas o que esse saber lhe aconselhava era inexeqüível. Mais forte do que o saber era o amor ao menino, era a ternura paterna, o medo de largar o filho. Jamais lhe ocorrera perder-se a tal ponto por alguma coisa, dedicar tamanho amor a criatura alguma, entregar-se tão cegamente, tão dolorosa, tão inutilmente e, apesar disso, com tanta alegria!

Sidarta era incapaz de seguir o conselho do amigo. Não podia separar-se do filho. Permitia que este lhe desse ordens.

98

Suportava-lhe o desdém. Permanecia calado, a esperar. Diariamente reiniciava a silenciosa luta da gentileza, a guerra surda da paciência. Também Vasudeva conservava-se mudo, limi-tando-se a observá-los com bondade, prudência e tolerância. Em matéria de paciência, os dois anciãos eram mestres.

Certa feita, quando a fisionomia do rapaz lhe recordava mais do que nunca a de Kamala, Sidarta lembrou-se subitamente de uma frase que ela lhe dissera, havia muito tempo, nos dias da sua mocidade: "Tu não sabes amar" — afirmara ela, e Sidarta lhe dera razão. Então se comparara a si com um astro e qualificara os homens tolos de folhas mortas. E, todavia, sentira que aquela frase continha uni quê de censura. Realmente, nunca lhe fora possível abandonar-se, entregar-se por inteiro a outra criatura, a ponto de esquecer-se de si mesmo e de cometer bobagens por amor de outrem. Nunca, nunca pudera agir dessa forma e como lhe parecia naquele instante, era essa a grande diferença que o apartava dos homens tolos. Mas, desde que surgira o filho, também ele, Sidarta, transformara-se num homem tolo, que sofria por causa de outra pessoa, que se agarrava a um ente querido, que andava perdido de amor, que, devido a essa afeição, se convertera num imbecil. A essa altura, acometia-o, embora tardiamente, pela primeira vez na vida, aquela paixão, a mais forte, a mais estranha de todas, fazendo-o sofrer, sofrer miseramente e, mesmo assim, deixando-o sumamente feliz, dando-lhe a impressão de estar renovado e enriquecido.

Certamente, percebia Sidarta, esse amor, esse abandono cego ao filho, não passava de uma paixão, que havia nela algo muito humano, que era *Sansara*, fonte turva, água sombria. Mas, ao mesmo tempo sabia muito bem que aquilo tinha valor, era necessário, emanava do seu próprio ser. Cabia-lhe expiar também essa delícia, saborear também esses tormentos, cometer também essas tolices.

O filho, por sua vez, permitia que o pai se comportasse estüpidamente. Tolerava que o velho se empenhasse em conquistá-lo. Humilhava-o diariamente pelos seus caprichos. Aquele pai não tinha nada que o encantasse e ainda menos que lhe inspirasse temor. Era um homem bondoso, o tal pai, um bonachào meigo e brando. Podia ser que fosse um homem muito piedoso, talvez um santo. Mas nenhuma dessas qualidades era suscetível de atrair um menino. Enfadonho, sim, parecia-lhe *99*

aquele pai, que o mantinha preso àquela mísera cabana. Sidarta entediava-o, e o fato de ele retribuir a traquinice pelo sorriso, o insulto pela gentileza, a maldade pelo carinho era precisamente o que se afigurava ao menino corno o cúmulo da odiosa aslúcia peculiar de um ancião hipócrita. O filho teria preferido míl vezes ser ameaçado ou maltratado pelo pai.

O dia chegou em que se evidenciou a antipatia. Em furiosa explosão, o jovem Sidarta revoltou-se abertamente contra o velho. Este acabava de dar-lhe uma ordem. Mandara-o ajun-tar gravetos. Mas o garoto não saiu da cabana. Recalcitrante e irado, conservava-se onde estava, batendo o pé, cerrando os punhos e terminando por lançar na cara do pai um verdadeiro jato de abominação e desprezo.

— Vai buscar teus gravetos sozinho! — gritou escumando de raiva. — Não sou teu escravo. Sei muito bem que tu, com a tua piedade e indulgência, apenas tencionas castigar-me e amesquinhar-me. Queres que me torne igual a ti, tão devoto, tão meigo e também tão sábio. Mas escuta: só para magoar-te, quero antes ser assassino e salteador de esírada! Melhor ir ao Inferno do que ser como tu! Detesto-te. Tu não és meu pai, mesmo que tenhas dormido dez vezes com minha mãe!

Transbordando de cólera e desgosto, investiu contra o pai com centenas de palavras confusas e maldosas. Em seguida, afastou-se, correndo e somente voltou de tardezinha.

Na manhã seguinte, porém, desapareceu. Junto com ele sumiu uma cestinha trançada *ás* víme colorido, na qual os balseiros costumavam guardar as moedas de prata ou cobre, que haviam recebido dos passageiros. Logo depois, os velhos verifi-caram a falta da embarcação. Sidarta viu que ela se encontrava nas proximidades da outra ribeira. O menino fugira.

— Preciso ir atrás dele — disse Sidarta, que desde a cena do dia anterior tremia de emoção e tristeza. — Não é possível que uma criança assim ande sozinha pela selva. O menino há de perecer ali. Construamos uma jangada, ó Vasudeva, para atravessarmos o rio.

— Pois não, vamos construir uma jangada — respondeu Vasudeva. — Assim recuperaremos a balsa que o garoto surri-piou. Mas, quanto a ele mesmo, meu amigo, melhor seria que o deixasses escapulir. £le já não é criança. Sabe defender-se.

Procura o caminho que o conduza à cidade e faz muito bem; não *100*

te esqueças disso! Apenas faz o que te omitíste fazer. Cuida de ti mesmo. Segue a tua própria rota. Ah, Sidarta, vejo como sofres. E, todavia padeces dores que merecem ser metidas a ridículo. Tu mesmo te rirás delas daqui a pouco.

Sidarta permaneceu calado. Já tinha nas mãos o machado e se punha a armar uma jangada de bambu. Vasudeva ajudou-o a atar os troncos com cordas de junco. Em seguida, passaram-se ao outro lado. A corrente levou-os para longe. Quando alcan-

çaram a ribeira, tiveram de sirgar a jangada rio acima.

— Por que trouxeste o machado? — perguntou Sidarta.

Respondeu Vasudeva:

—- Pode ser que o remo de nossa balsa se tenha extraviado, Mas Sidarta não ignorava o que pensava o amigo. Vasudeva queria dar a entender que o menino talvez tivesse quebrado ou jogado fora o remo, a fim de vingar-se ou de impedir que o seguisse. E, realmente, na balsa não se encontrava remo algum. Vasudeva apontou para ela, olhando o companheiro com um leve sorriso, como se quisesse dizer: "Não estás compreen-dendo que teu filho te pede que não o sigas?" No entanto, não enunciou tal pensamento por palavras expressas. Em vez disso,

começou a fabricar outro remo. Sidarta porém, despediu-se dele, a fim de ir à procura do filho. Vasudeva não se opôs tampouco a essa tentativa.

Depois de ter errado por muito tempo pela selva, Sidarta percebeu que suas buscas eram improfícuas. Ou — assim racio-cinava — o menino já chegou à cidade, ou, se ainda estivesse a caminho, esconder-se-ia do seu perseguidor. Ao refletir mais maduramente, deu-se conta de que, no fundo, não se preocupava pelo filho, uma vez que no âmago do seu coração tinha certeza de que este nem pereceria nem tampouco corria perigo na floresta. Mesmo assim, caminhava sem cessar e já não o fazia na intenção de salvar o garoto, senão exclusivamente para, quiçá, revê-lo pela última vez. Assim avançou passo por passo até às portas da cidade.

Quando se achava na larga avenida de entrada, estacou, junto à grade do belo parque que antes pertencera a Kamala.

Era o mesmo lugar onde, outrora, a vira pela primeira vez, naquela suntuosa liteira. No seu espírito ressuscitava o passado.

Voltou-lhe a visão de si mesmo, do jovem *samana* hirsuto, des-nudo, com a cabeleira coberta de poeira. Por muito tempo, *101*

quedou-se contemplando o jardim, através do portão aberto e observando os monges, de batinas amarelas, a passearem à sombra das be]as árvores.

Horas a fio, ficava assim, a meditar, a evocar imagens, a escutar a história da sua vida. Horas a fio, conservava-se imóvel espiando os religiosos. Em lugar deles, a imaginação fazia surgir à sua mente o jovem Sidarta e a jovem Kamala, a perambularem sob as árvores altas. Nitidamente lhe vinha à memória aquela hora em que Kamala o acolhera na sua casa, em que ele recebera o primeiro beijo. Recordava-se claramente da altivez e do desdém com que então considerara a sua posição de brâmane e da ambição soberba com que iniciara a sua existência mundana.

Visionava a Kamasvami e à criadagem; rememorava os festins, os jogos de dados, os músicos; revia o passarinho de Kamala na gaiola; tornava a viver todas aquelas experiências, impregnando-se de *Sansara,* voltando a ser velho e cansado, provando mais uma vez a amargura do asco, sentindo de novo o desejo de extinguir-se a si mesmo e, finalmente' reencontrando a cura graças ao sagrado ***Om.***

Depois de ter-se demorado longamente nas proximidades do portão do parque, percebia a tolice da ânsia que o arrastara até aquele lugar. Compreendia que não podia ser útil ao filho e não devia apegar-se a ele. No fundo do coração doía-lhe o amor ao fugitivo, feito ferida. Mas, ao mesmo tempo notava que essa ferida lhe fora aplicada, não para que ele a alargasse, senão para que a transformasse numa flor a abrir-se magnifí-camente.

Entristecia-o a circunstância de que a essa hora a carola ainda não tivesse desabrochado em todo. o seu esplendor, No lugar da almejada meta que o atraíra até àquele sítio, em busca do filho, encontrava-se apenas o vazio. Melancòlicamente, acocorou-se no chão. Sentia que, no seu coração, algo estava mor-rendo. Divisava o vácuo. Já não enxergava nem alegria nem objetivo. Mantinha-se absorto na meditação, entregue à espera.

Era isso, essa única coisa que aprendera do rio: a faculdade de aguardar, de ter paciência, *de* escutar. E assim prosseguia escutando, agachado, na poeira da estrada. Espreitava o ritmo do seu coração, como pulsava, tristonho, fatigado. Ansiava por uma voz. Durante longas horas, conservara-se assirrt, à espera de algo que lhe fosse dado ouvir. Já não tinha visões-102

Mergulhava no vazio. Abandonava-se à queda, sem vislumbrar nenhum caminho. E, sempre que sentia a ardência da ferida, proferia silenciosamente o *Om*, irnbuía-se do *Om*. Os monges no jardim observavam-no, e quando ficara assim por muito tempo, quando o pó se acumulara na cabeleira grisalha, vinha um deles e depositava a seus pés duas bananas, Mas o ancião nem sequer o olhou.

Desse torpor despertou-o uma mão, a tocar-lhe o ombro.

Reconhecendo imediatamente aquele contato delicado, tímido, voltou a si e levantou-se para saudar a Vasudeva que lhe seguira os passos. E ao contemplar o rosto do amigo, as ruguinhas como que repletas de puro sorriso, os olhos joviais, também se pôs a sorrir. Nesse instante reparou nas bananas que jaziam à sua frente. Apanhou-as e deu uma ao balseiro, enquanto comia a outra. Em seguida, sem falar, voltou à floresta, em companhia de Vasudeva. Encaminharam-se à balsa. Nenhum dos dois mencionava o que se passara naquele dia. Não pronunciavam o nome do menino, Não aludiam à sua fuga. Não mexiam na ferida. Na cabana, Sidarta recolheu-se ao leito, e quando Vasudeva, alguns instantes depois, aproximou-se dele, a fim de oferecer lhe uma tigela de leite de

coco, já o encontrou dormindo.

OM

j[OR muito tempo ainda, a ferida continuou a arder.

Cabia a Sidarta transportar através do rio numerosos vian-dantes acompanhados de filhos ou filhas e cada vez que os observava, dáva-se conta de que tinha inveja deles, de que dizia de si paxá si: "Tanta gente, tantos milhares de pessoas gozam dessa felicidade, da mais doce de todas, e eu não! Por quê? Até os homens mais maldosos, até os ladrões e cs salteadores, têm filhos. Amam-nos e são amados por eles. Unicamente eu não recebi o meu quinhão!" Tais eram as reflexões ingênuas, insensatas que nessas horas lhe passavam pela cabeça. A tal ponto assemelhara-se aos homens tolos.

Era de modo diferente do de outrora que a essa altura pensava a respeito das criaturas humanas. Havia nos seus jul-gamentos menos intelecto, menos orgulho, mas em compensação, mais calor, mais curiosidade, mais simpatia, Quando conduzia passageiros ordinários, homens tolos, negociantes, guerreiros, mulherio, esses seres já não se lhe afiguravam estranhos. Ele os compreendia. Compreendia a sua existência jamais orientada por raciocínios e percepções, senão exclusivamente por instintos e desejos. Tomava parte dela. Sentia-se igual a eles. Ainda que tivesse chegado bem perto da perfeição e padecesse as dores

da derradeira das suas feridas, tinha a impressão de que aqueles homens tolos eram seus irmãos. A vaidade, a cupidez, o ridículo que os dominavam perdiam para ele a sua comicidade, encontravam explicação, tomavam-se até mesmo dignos de respeito.

O amor cego que uma mãe tributasse ao filho; o orgulho estúpido, obcecado, de que um pai presunçoso se enchesse em face do filhinho único; o desejo desvairado, furioso de possuir jóias, de ser admirada pelos homens, tal como o experimenta uma mocinha garrida — todos esses instintos, todas essas infan-

íilidades, ambições e ânsias, impulsos simples, irracionais, porém invencíveis na sua desmedida força e na sua pujante vitalidade, cessavam de apresentar-se aos olhos de Sidarta como meras criancices. Chegava ele a entender que os seres humanos viviam em função dessa coisa e que justamente elas os capacitavam para proezas incríveis, permitindo-lhes fazerem guerras, empre-enderem

viagens, suportarem tudo e resistirem a sofrimentos sem fim. Por isso, era possível que ele os amasse e que se lhe descortinasse a vida, o ânimo, o Indestrutível, o *Brama*, a manifestar-se em todos os atos e em todas as paixões dessas criaturas. Aquela gente, com sua lealdade cega, com seu vigor e sua tenacidade, mereciam carinho e admiração. Nada lhes faltava. O sábio, o filósofo superava-os apenas num único e minúsculo pontinho., numa só coisinha de nada; a saber, a consciência que ele obtivera da unidade de toda a vida. E mesmo assim houve momentos em que o próprio Sidarta duvidara do alto valor de tal sabedoria ou idéia e ventilasse a possibilidade de também ela não passar de uma infantilidade peculiar de homens-pensadores ou de criançolas pensantes. Em todos os demais assuntos, os homens comuns igualavam-se aos sábios e, freqüentemente, lhes eram bastante superiores, assim como os animais, na sua realização persistente, imperturbável, de tudo quanto for necessário, às vezes parecem capazes de ultrapassar os homens.

Lentamente desabrochava e amadurecia no espírito de Sidarta a percepção, o conhecimento daquilo que na verdade significava sabedoria e devia ser a meta das suas buscas pro-longadas. Nada era a não ser uma predisposição da alma, a faculdade, a arte secreta de conceber, a cada instante, em plena vida, a idéia da unidade, de sentir a unidade, de encher dela os pulmões. Pouco a pouco, essa certeza crescia nele *c* seu *105*

reflexo aparecia no rosto velho e todavia infantil, de Vasudeva, revelando harmonia, ciência da eterna perfeição do cosmo, sorriso, unidade.

Mas a ferida continuava a arder. Com saudade e amargura, Sidarta recordava o filho. No seu coração, conservava sentimentos carinhosos e ternos. Devorado pela dor, cometia todas as tolices de que um homem amoroso é capaz. E essa chama não se extinguia.

Um dia, quando a ferida o torturava mais do que nunca, transpôs o rio, acossado pela angústia. Desembarcou com a firme intenção de ir à cidade e procurar o filho. As águas fluíam suave e silenciosamente. Era a época da seca. Mas a voz do rio tinha um som estranho: ela se ria! Ria-se abertamente. O rio dava risada. Zombava inconfundivelmente do velho balseiro. Sidarta estacou. Inclinou-se por cima da super-J

fície, a fim de escutar melhor aquela voz. Na água que avan-

çava devagarzinho, via o seu rosto como num espelho e nessa imagem havia algo que lhe despertava recordações, algo de que sé esquecera e que lhe voltava à memória, quando refletia um pouco: esse rosto parecia-ss com o de outra pessoa que ele, Sidarta, em tempos remotos, conhecera, adorara e também temera. Parecia-se com o rosto do brâmane, seu pai. E ele evocou aquele dia distante da sua adolescência em que coagira o pai a que o deixasse reunir-se com os ascetas. Reviveu a hora da despedida, quando se fora, para nunca mais voltar. Não pade-cera o pai as mesmas mágoas que nesse instante atormentavam a ele próprio, devido ao filho? Não morrera o pai, havia muito tempo, em plena solidão, sem jamais o ter revisto? E não aguardava ao próprio Sidarta esse mesmo destino? Tal repetição, taí corrida num círculo vicioso, que significavam elas a não ser* uma comédia, uma coisa tão esquisita quanto disparatada?

E o rio prosseguia soltando risadas. Realmente, era assim!

Tudo voltava, todos os sofrimentos que não tivessem encontrado uma solução final. Era preciso suportar sempre as mesmas aflições.

Sidarta, porém reembarcou na balsa. Ao regressar à cabana, recordava o pai, recordava o filho, escarnecido pelo rio, lutando com o próprio *eu,* à beira do desespero e, apesar díSSO, propenso a soltar gargalhadas, mofando de si e do mundo in-106

teiro, Ai dele! a ferida ainda não se transformara em flor. O

coração continuava a rebelar-se contra a sua sina. O seu sofrimento ainda não chegara a irradiar serenidade e triunfo. Contudo, sentia-se esperançoso e, ao alcançar a choupana, tinha o irresistível desejo de abrir-se a Vasudeva, de mostrar-lhe o fundo da sua alma, de dizer tudo, tudo a esse mestre na arte de escutar.

Vasudeva estava sentado na cabana, a trançar uma cesta.

Já não dirigia a balsa. Sua vista começava a ficar fraca e não somente os olhos, como também os braços e as mãos enfra-queciam cada vez mais. Inalterados permaneciam somente a jovialidade e a plácida benevolência de sua fisionomia, Sidarta tomou assento ao lado do ancião. Em seguida, pôs-se a falar lentamente. Contou coisas que nunca haviam sido mencionadas entre eles. Tratou daquela caminhada que dera à cidade, outrora instigado pela ferida ardente, pela inveja que lhe causava a visão de pais felizes. Confessou saber que esses desejos eram

tolos. Relatou as lutas que travara contra eles.

Não omitiu nada. Sentiu-se capaz de dizer tudo, inclusive os fatos mais penosos. Conuseguiu confessar quaisquer segredos, patentear o que quer que houvesse, narrar todos os pormenores.

E ele exibiu sua ferida. Revelando também a tentativa de escape que empreendera naquela mesma manhã, descreveu como atra-vessara as águas, qual criança que fugia do lar, e como o rio zombara da sua intenção de ir à cidade.

Enquanto ele falava sem parar e Vasudeva o escutava com o rosto impassível, Sidarta notava mais fortemente do que nunca o encanto dessa atenção do amigo. Observava que suas dores, suas .angústias fluíam em direção ao outro, que suas mais arcanas esperanças tomavam o mesmo rumo e lhe eram devol-vidas pelo companheiro. Descobrir a sua ferida a uma pessoa que soubesse ouvir como *só* Vasudeva sabia fazê-lo era como se a lavasse no rio, até que cessasse de arder e se unisse com a água. Enquanto que prosseguia falando, revelando mais e mais segredos, abrindo-se sem nenhuma restrição, Sidarta reconhecia com crescente clareza que aquele ente que o escutava, imóvel, já não era Vasudeva, já não era nenhum ser humano, pois que se impregnava da sua confissão como uma árvore absorve a chuva.

Sim, esse vulto imutável era o próprio rio, era Deus mesmo, era a Eternidade. E enquanto Sidarta cessava de pensar em si e *107*

na sua ferida, apossava-se dele a certeza da transformação que se passara com Vasudeva. Quanto mais se convencia dela, tanto mais entrava no seu cerne, mais claramente via que tudo era natural, que tudo estava na mais perfeita ordem, que Vasudeva fora assim havia muito, desde sempre e sempre, talvez. Só ele, não se dera conta desse fato. Até podia ser que quase não existisse mais diferença alguma entre ele e o companheiro! Tinha então a sensação de encarar o velho Vasudeva assim como o povo encara as divindades e que esse estado de coisas não duraria muito mais tempo. No seu espírito, começava a despedir-se de Vasudeva. Não obstante, continuava a falar.

Quai do Sidarta terminou, Vasudeva lhe lançou um desses seus olhares bondosos, já um tanto infirmes. Não disse nada.

Limitou-se a irradiar em direção a Sidarta carinho e serenidade, compreensão e sabedoria. Agarrando a mão do amigo, conduziu-o até à ribeira. Lá, sentou-se ao

seu lado. Sorrindo, contemplou o rio:

— Ouviste como ele se riu — disse. — Mas não ouviste tudo. Prestemos atenção. Logo ouvirás muito mais.

E ambos escutavam o murmúrio das ondas. Suavemente ressoava o canto das inúmeras vozes do rio. Sidarta olhava as águas e na corrente surgiam imagens: aparecia-lhe o pai solitário, a lamentar a perda do filho; aparecia ele mesmo, igualmente solitário, ligado ao filho distante pelas amarras da saudade; aparecia-lhe o filho, também ele solitário, a percorrer avidamente a pista abrasada dos seus desejos juvenis. Cada qual tinha os olhos fixos na sua meta; cada qual andava fanàtica-mente atrás do seu desígnio; cada qual sofria. O rio cantava com voz pjangente. Cantava saudades. Angustiado, dirigia-se à sua foz, e sua voz soava melancólica.

— Estás ouvindo? — perguntou o olhar mudo de Vasu deva. Sidarta fez que sim.

— Escuta mais! — soprou-lhe Vasudeva.

Sidarta esforçou-se por aguçar os ouvidos. A imagem do pai, a sua própria imagem e a do filho, todas elas se confundiam. Também surgiam e diluíam-se em seguida as visões de Kamala, de Govinda, e muitas outras. Entremesc]avam-se, tornavam-se rio e como tal fluíam em direção à meta, ávida, ansiosa, tristemente. E a voz do rio ressoava, cheia de saudade, *108*

cheia de doloroso pesar, cheia de insaciável desejo. O rio rumava em direção à sua foz. Sídarta percebia a pressa daquela corrente formada por ele mesmo, pelos seus, por todos os homens que já se lhe haviam deparado. Todas essas ondas e águas, carregadas de sofrimentos, precipitavam-se em busca de suas metas, que eram muitas, as cataratas, o lago, o estreito, o mar e, uma a uma, as metas eram alcançadas, mas a cada quai seguia outra; da água formava-se bruma, que subia ao céu, transformava-se em chuva, a cair das alturas, virava fonte, virava regato, virava rio e novamente iniciava a sua jornada, novamente fluía rumo à meta. Mas a voz sôfrega acabava de mudar. Ainda ressoava, plangente, inquiridora, porém se mis-turava com outras vozes, alegres e aflitas, boas e más, risonhas e entristecidas, centenas de vozes, milhares de vezes.

Sidarta escutava. Naquele momento, era todo ouvidos, en-tregando-se por inteiro à própria atenção, receptáculo totalmente vazio, prestes a encher-se. Sentia que àquela hora atingiria a derradeira perfeição na arte de escutar. Quantas vezes não

ouvira todos aqueles rumores, a multiplicidade das vozes que vinham do rio, mas naquele dia lhe pareciam novas. Já não era.

capaz de identificá-las. Não conseguia distinguir as vozes jubilosas das choronas, as infantis das másculas. Todas elas for-mavam uma só, a lamentação da nostalgia, a risada do ceticismo, o grito da cólera e o estertor da agonia. Tudo era uma e a mesma coisa, tudo se entretecia, enredava-se, emaranhava-se mil vezes.

E todo aquele conjunto, a soma das vozes, a totalidade das metas, das ânsias, dos sofrimentos, das delícias, todo o Bem e todo o Mal, esse conjunto era o mundo. Esse conjunto era o rio dos destinos, era a música da vida. Mas, quando ele escutava atentamente o que cantava o rio, com seu coro de mil vozes, quando se abstinha de destilar dele o sofrimento ou o riso, quando cessava de ligar a alma a determinada voz e de penetrar nela com o seu espírito, quando, pelo contrário, ouvia todas elas, a soma, a unidade, acontecia que a grandiosa cantiga dos milhares de vozes se resumia numa só palavra, que era *Om,* a perfeição.

— Estás ouvindo? — tornou a indagar o olhar de Vasudeva.

Luminosamente resplandecia o sorriso do balseiro, pairando por cima das inúmeras rugas do semblante idoso, assim como o *Om* pairava por cima de todas as vozes do rio. Luminosamente *109*

resplandecia o seu sorriso, enquanto fitava o amigo e com igual clareza luzia no rosto de Sidarta o mesmo sorriso. Sua ferida desabrochava como uma flor. Sua mágoa fulgia. Seu *eu* incor-porara-se na unidade.

Foi nessa hora que Sidarta cessou de lutar contra o Destino. Cessou de sofrer. No seu rosto florescia aquela serenidade do saber, à qual já não se opunha nenhuma vontade, que conhece a perfeição, que está de acordo com o rio dos acontecimentos e o curso da vida; a serenidade que torna suas as penas e as ditas de todos, entregue à corrente, pertencente à unidade.

Quando Vasudeva se levantou do seu assento, na ribeira, quando mirou os olhos de Sidarta e nele descobriu a serenidade do saber, tocou suavemente no ombro do companheiro, daquela maneira discreta, delicada, que lhe era peculiar, e disse:

— Esperei, meu caro, que esta hora viesse um dia. Agora que ela veio, deixa que

me vá. Durante algum tempo ansiei por ela. Por longos anos tenho sido Vasudeva, o balseiro. Agora basta. Adeus, cabana! Adeus, rio! Adeus, Sidarta.

Sidarta curvou-se profundamente diante do amigo que se despedia.

— Eu sabia disso — murmurou. — Tu te dirigirás à selva? — Dirijo-me à selva. Busco a unidade — respondeu Vasu deva, radiante.

E radiante se foi. Sidarta acompanhou-o com o olhar, e nos seus olhos havia infinita alegria, infinita gravidade, enquanto observava o andar calmo, a cabeça aureolada, o vulto envolvido em luz.

GOVINDA

cERTA feita, Govinda repousava em

companhia de outros monges naquele parque que a cortesã Kamala dera de presente aos discípulos de Gotama. Foi lá que ouviu falar de um balseiro idoso, que morava junto ao rio, a uma jornada de distância e ao qual o povo considerava um sábio. Prosseguindo no seu caminho, Govinda escolheu a estrada que o conduzisse até à balsa. Estava curioso de conhecer esse velho. Pois, muito embora tivesse passado toda a sua vida em obediência aos regulamentos e os monges mais jovens lhe tributassem o respeito que mereciam a sua idade e a sua modéstia, jamais se tinham extinguido na sua alma a inquietação e o afã da pesquisa.

Chegado ao rio, pediu ao ancião que o levasse ao outro lado. Ao desembarcarem, disse-lhe:

— Sempre te mostras jnuito gentil para com os monges e os peregrinos. Já transportaste através do rio grande número dos nossos. Mas dize-me, ó balseiro, não serás também tu daqueles que procuram o caminho certo?

Respondeu Sidarta, com um sorriso a iluminar-lhe os olhos cansados:

— Mas como, ó venerável? Ainda andas em busca do ca minho? Ora, estás de idade provecta e usas os trajes dos dis cípulos de Gotama.

— É verdade que sou velho — admitiu Govinda. — Mas nunca cessei de pesquisar. Parece que será meu destino jamais abandonar a busca. Tenho a impressão de que também tu procuraste a senda. Não me queres revelar algo a esse respeito, meu prezado amigo?

Ao que replicou Sidarta:

— Que poderia eu dizer-te, ó reverendo? Só, talvez, que procuras demais, que de tanta busca não tens tempo para en-ccntrar coisa alguma.

— Por quê? — perguntou Govinda.

— Quando alguém procura muito — explicou Sidarta —

pode facilmente acontecer que seus olhos se concentrem exclu sivamente no objeto procurado e que ele fique incapaz de achar o que quer que seja, tornando-se inacessível a tudo e a qualquer coisa porque sempre só pensa naquele objeto, e porque tem uma meta, que o obceca inteiramente. Procurar significa: ter uma meta, Mas achar significa: estar livre, abrir-se a tudo, não ter meta alguma. Pode ser que tu, ó venerável, sejas realmente um buí.cador, já que, no afã de te aproximares da tua meta, não enxergas certas coisas que se encontram bem perto dos teus olhos.

— Ainda não te compreendo inteiramente — insistiu Go-vicda. — Que queres dizer com isso?

E Sidarta respondeu:

—• Em outra época, ó venerável, há muitos anos, já estívesíe aqui, à beira deste rio. Junto à riba, viste um homem que dormia. Sentaste-te a seu lado, a fim de velares pelo seu sono.

E todavia ó Govinda, não reconheces aquele homem.

Pasmo, como que enfeitiçado, o monge fitou o .rosto do balseiro.

— Serás mesmo Sidarta? — perguntou em voz balbuciante.

—• Também desta vez não te teria reconhecido. Saúdo-te de todo coração, ó Sidarta. Sinto-me realmente feliz por ver-te mais uma vez! Mudaste bastante, meu amigo., . Pois então, ficaste balseiro?

Sidarta riu-se jovialmente.

112

—. Sim, sou balseíro. Há pessoas, ó Govinda, que neces-sitam transfomar-se freqüentemente e usar fantasias de toda espécie. Sou uma dessas pessoas. Sé bem-vindo,, meu caro. Passa a noite na minha cabana!

Govinda pernoitou na casinha de Sidarta. Dormiu no leito outrora ocupado por

Vasudeva. Dirigiu inúmeras perguntas ao amigo de infância. Sidarta teve de contar-lhe muita coisa da sua vida.

Quando, na manhã seguinte chegou a hora de continuar a romaria, Govinda disse, depois de alguma hesitação:

— Antes de eu prosseguir na minha jornada, permite-me mais uma pergunta, ó Sidarta: tens alguma doutrina? Algum credo? Algum conhecimento que te oriente e te ajude a viver; praticando o Bem?

— Ora, meu caro amigo, — tornou Sidarta — tu sabes muito bem que já na minha mocidade, naqueles dias que passa mos na floresta, em companhia dos ascetas, cheguei a desconfiar de doutrinas e ds professores, a tal ponto que lhes virei as costas.

E assim me conservei. Desde então, porém, tive numerosos mestres. Uma formosa cortesã serviu-me de instrutora durante longos anos. Um comerciante abastado ministrou-me ensina mentos. Alguns jogadores de dados deram-me aulas. Certa feita, um peregrino, discípulo do Buda, foi meu mestre, quando per maneceu sentado perto ds mim, enquanto eu dormia na selva, por ocasião de uma romaria. Também a ele devo certas noções e lhe fico grato por isso, muito grato. Mas a maior parte do que aprendi veio-me do rio e de meu predecessor, o balseiro Vasu deva. Foi um homem simples, esse Vasudeva. Nenhum filósofo.

Mas sabia o necessário, tão bem quanto Gotama. Reputo-o, um ser perfeito, um santo.

— Parece-me — disse Govinda — que ainda gostas de uma pontada de ironia, amigo Sidarta. Acredito no que dizes. Sei que não seguiste nenhum mestre, Mas, supondo que não tenhas descoberto doutrina alguma pelo teu próprio esforço, não achastc pelo menos certas idéias e percepções que sejam tuas e te facili tem a existência? Se me comunicasses algo a respeito delas, ale-grarias o meu coração.

— Nada verdade me vieram algumas idéias — respondeu Sidarta — e de quando em quando tive percepções. Ocorreu-me as vezes sentir, por uma hora e mesmo durante um dia inteiro, *113*

a presença do saber DO meu íntimo, assim como sentimos o pulso da vida no nosso coração. Certamente refleti sobre muita coisa, mas seria difícil para mim

transmitir-te os meus pensamentos. Olha, meu querido Govinda, entre as idéias que se me descortinaram encontra-se esta: A sabedoria nSo pode ser comunicada. A sabedoria que um sábío quiser transmitir sempre chei-rará a tolice,

— Estás bricando? — perguntou Govinda.

— Não brinco, não. Digo apenas o que percebi. Os conhe cimentos podem ser transmitidos, mas nunca a sabedoria. Po demos achá-la; podemos vivê-la; podemos consentir em que ela nos norteie; podemos fazer milagres através dela. Mas não nos é dado pronunciá-la e ensiná-la. Esse fato, já o vislumbrei às vezes na minha juventude. Foi ele que me afastou dos meus mestres. Uma percepção me veio, ó Govinda, que talvez se te afigure novamente como uma brincadeira ou uma bobagem.

Reza ela: "O oposto de cada verdade é igualmente verdade."

Isso significa: uma verdade só poderá ser comunicada e formu lada por meio de palavras, quando for unilateral. Ora, unilateral é tudo quanto possamos apanhar pelo pensamento e exprimir pela palavra. Tudo aquilo é apenas um lado das coisas, não passa de parte, carece de totalidade, está incompleto, não tem unidade. Sempre que o augusto Gotaraa nas suas aulas nos falava do mundo, era preciso que o subdividisse em *Sansara* e *Nirvana*, em ilusão e verdade, em sofrimento e redenção. Não se pode proceder de outra forma. Não há outro caminho para quem quiser ensinar. Mas o próprio mundo, o ser que nos rodeia e existe no nosso íntimo, não é nunca unilateral. Nenhuma criatura humana, nenhuma ação é inteiramente *Sansara* nem inteiramente *Nirvana.* Homem algum é totalmente santo ou totalmente pe cador. Uma vez que facilmente nos equivocamos, temos a im pressão de que o tempo seja algo real. Não, Govinda, o tempo não é real, como verifiquei em muitas ocasiões. E se o tempo não é real, não passa tampouco de ilusão aquele lapso que nos parece estender-se entre o mundo e a etenidade, entre o tormento e a bem-aven tu rança, entre o Bem e o Mal.

— Mas como? — perguntou Govinda, angustiado.

— Presta atenção, meu querido, muita atenção! O pecador que eu sou, e que tu és, é pecador, mas um dia voltará a ser *Brama.* Em determinado momento alcançará o *Nirvana* e será 114

o Buda. Mas, olha bem: esse "um dia" é apenas um ilusão, um termo convencional. O pecador não se encontra a caminho do estado de Buda; não está em plena evolução, muito embora o nosso cérebro seja incapaz de imaginar as coisas de outro modo.

Pelo contrário, no pecador já se acha contido, hoje, agora mesmo, o futuro Buda. Todo o seu porvir já está presente. Tu deves respeitar na pessoa desse pecador, na tua própria pessoa, na de qualquer homem, o Buda em botão, o Buda possível, o Buda oculto, O mundo, amigo Govinda, não é imperfeito e não se encaminha lentamente rumo à perfeição. Não! A cada instante é perfeito. Todo e qualquer pecado já traz em si a graça. Em todas as criancinhas já existe o ancião. Nos lactentes já se esconde a morte, como em todos os moribundos há vida eterna.

A homem algum é dado perceber até que ponto o seu próximo já avançou na senda que lhe coube. No salteador e no jogador, o Buda espera a sua hora, e no brâmane, o salteador. Na meditação profunda oferece-se-nos a possibilidade de aniquilarmos o tempo, de contemplarmos, simultaneamente, toda a vida passada, presente e futura. Então tudo fica bem; tudo, perfeito; tudo, *Brama*. Por isso, o que existe me parece bom. A morte, para mim, é igual à vida; o pecado, igual à santidade; a inteligência, igual à tolice. Tudo deve ser como é. Unicamente o meu con-senso, a minha vontade, a minha compreenção carinhosa são necessários para que todas as coisas sejam boas, a ponto de somente me trazerem vantagens, sem nunca me prejudicarem.

No meu corpo e na minha alma fiz a experiência de quanto carecia do pecado, da volúpia, da cobiça de bens materiais, da vaidade, de quanto precisava até do mais abjeto desespero, para que aprendesse a desistir da minha obstinação, a querer bem ao mundo, a cessar de compará-lo a qualquer outro mundo imaginário, que correspondesse aos meus desejos, a algum tipo de perfeição brotado do meu cérebro e para que, deixando-o tal como é, me limitasse a amá-lo e a gostar de fazer parte dele.. , Ora, Govinda, esse são alguns dos pensamentos que me vieram.

Baixando-se, Sidarta apanhou uma pedra. Enquanto a sopesava com a mão, disse displicentemente:

— Isto é uma pedra, mas daqui a algum tempo talvez seja terra, e da terra se transformará numa planta, ou num animal, ou ainda num homem. Em outra

época, quem sabe, eu teria dito-: *115*

"Essa pedra é apenas uma pedra. Não tem nenhum valor. Pertence ao mundo da *Mai&*. Como, no entanto, pode acontecer que, no decorrer do siclo das metamorfoses, ela se converta num ser humano e adquira espírito, presto certa atenção a ela.' Eis o que, provavelmente, eu teria pensado naqueles tempos. Hoje, porém, raciocino assim: "Esta pedra é pedra, mas é também animal, é também Deus, é Buda." Não lhe tributo reverência ou amor, porque ela um dia talvez possa se tornar isso ou aquilo, senão porque é tudo isso, desde sempre e sempre. E precisamente por ser ela uma pedra, por apresentar-se-me como tal, hoje, neste momento, amo-a e percebo o valor, o significado, que existe em qualquer uma das suas veias e cavidades, nos amarelos e nos cinzas da sua coloração, na sua dureza, no som que lhe ex-traio ao bater nela, na aridez ou na umidade da sua superfície. Há pedras que, ao tato, dão-nos a impressão de tocarmos em sabão ou óleo. Outras são como folhas ou como areia. Cada qual é diferente *t* profere o *Om* à sua maneira peculiar. Todas elas são *Brama,* mas, simultânea e especialmente, são pedras, quer possam ser oleosas ou viscosas. Justamente isso me agrada. Parece-me maravilhoso, realmente digno de veneração. . . Não me obrigues, porém, a falar mais. As palavras deturpam sempre o sentido arcano. Todas as coisas alteram-se, logo que lhes pronunciamos o nome. Então se tornam levemente falsas e ridículas... Pois é.

Mas, olha, até isso acho bem feito. Aprovo inteiramente e com o maior prazer o fato de que aquilo que para uma pessoa é um tesouro e urna grande sabedoria represente para os demais homens, rematada tolice.

Govinda ouviu-o em silêncio.

Após uma pausa, perguntou timidamente:

— Por que me falaste da pedra?

— Foi sem intenção. Ou talvez quisesse dizer que amo de fato a pedra e o rio e todas essas coisas que contemplamos e das quais muito podemos aprender. Sei amar uma pedra, ó Govinda, e também uma árvore ou um pedacinho de sua casca.

São coisas, e coisas podem ser amadas, Mas não posso amar palavras. Por isso não me servem as doutrinas. Não têm nem dureza nem maciez, não têm cores nem arestas, nem cheiro nem sabor. Não têm nada a não ser palavras. Talvez seja

esta a razão por que não encontres a paz: o excesso de palavras. Pois, Govinda, também a redenção e a virtude, o *Sansara* e o *Nirvana* são meras palavras. Não existe coisa alguma que seja *Nirvana.*

O que existe é apenas a palavras *Nirvana.*

Respondeu Govinda:

— Não, não meu amigo, *Nirvana* não é apenas uma pala vra. É uma idéia.

Mas Sidarta prosseguiu:

— Uma idéia. Pois não. Confesso-te, meu caro, que não faço muita distinção entre palavras e idéias. Para falar com toda a franqueza: não ligo grande importância às próprias idéias.

As coisas têm para mim muito maior significado. Nessa balsa aí, para dar-te um exemplo, houve um homem, meu predecessor e meu mestre, que durante logos anos, à sua maneira singela, cria no rio e em nada mais. Percebera que a voz do rio se dirigia a ele. Dela aprendia. Ela educava-o e instruía-o. O

rio parecia-Jhe um deus. Por muito tempo ignorava esse ho mem que qualquer aragem, qualquer nuvem, ou ave, ou besouro, são igualmente divinos e sabem tanto, podem ensinar-nos tanto quanto aquele adorado rio. Ora, quando esse santo se encaminhou à selva, sabia tudo, sabia mais do que tu e eu, sem professor, sem livros, unicamente por ter acreditado no rio.

Replicou Govinda:

— Mas, dize-me: aquilo que chamas de *coisas 6* mesmo algo real, algo essencial? Não será apenas uma ilusão da *Maici,* simples miragem, pura aparência? Essa tua pedra, tua árvore, teu rio, são ou não são realidades?

— Esse problema — disse Sidarta — não me preocupa tampouco. Quanto a mim, as coisas podem ser mera aparência, uma vez que, neste caso, também eu sou aparência, e assim serão elas sempre meus iguais. Eis o que as torna para mim tão caras *e* venerandas: são como eu. Por isso posso amá-las.

E com isso te comunico uma doutrina que te fará rir, ó Go vinda: tenho para mim que o amor é o que há de mais importante no mundo. Analisar o mundo, explicá-

lo, menosprezá-lo, talvez caiba aos grandes pensadores. Mas a mim me interessa exclu sivamente que eu seja capaz de amar o mundo, de não sentir desprezo por ele, de não odiar nem a ele nem a mim mesmo, de contemplar a ele, a mim, a todas as criaturas com amor, admi ração e reverência.

117

—• Compreendo — dísse Govinda, — E, no entanto, é precisamente isso o que o Augusto qualificava de ilusão. Ele proclamou a benevolência, a tolerância, a compaixão, o come-dimento, mas nunca o amor. Pelo contrário, proibiu-nos ligar-mos o nosso coração amorosamente às coisas terrenas,

— Sei disso — tornou Sidarta, cujo sorriso resplandecia como ouro, — Sei disso, ó Govinda. Imagina só: neste instanle já nos enredamos na confusão das opiniões. Estamos em plena discussão a propósito de palavras. Pois bem, não posso negar que as palavras que proferi a respeito do amor estão em desa-cordo com os ensinamentos de Gotama. Justamente por isso desconfio tanto de quaisquer palavras, porquanto sei que essa divergência é apenas Üusão. Tenho certeza de estar concorde com Gotama. Como seria possível que Ele desconhecesse o amor; Ele que reconhecia a efemeridade e a fraqueza de toda a natureza humana e todavia amava os homens a ponto de devotar a sua longa e laboriosa existência à única tarefa de ajudá-los e ensiná-los. Também com relação a ele, teu grande mestre, as coisas têm, a meu ver, mais valor do que as palavras.

O gesto da sua mão me importa mais do que as suas opiniões.

Não é nos seus discursos e nas suas idéias que se me depara a sua grandeza, senão unicamente nos seus atos e na sua vida.

Por muito tempo, os dois velhos permaneceram calados.

A seguir, Govinda inclinou-se para despedir-se.

—• Fico-te muito grato, ó Sidaría — disse — por teres-me revelado um pouco dos teus pensamentos. É bem verdade que alguns deles, são bastante estranhos. Não consegui compreender todos eles de uma vez. Mas, seja como for, agradeço-te e desejo-te dias tranqüilos.

(Secretamente, porém, no fundo do seu coração, ponderava:

"Esse Sidarta é um homem esquisito. Prefere idéias curiosas.

Sua doutrina parece tola. Como são diferentes os ensinamentos do Sublime! Parecem mais claros, mais puros, mais acessíveis.

Neles, nada é excêntrico, disparatado, ridículo. E, no entanto, acho que há uma grande diferença entre as idéias de Sidarta, de um lado, e suas mãos, seus pés, seus olhos, sua testa, seu modo de respirar, de sorrir, de andar, de saudar-me do outro.

Nunca, desde o dia em que o nosso augusto Goíama entrou no *Nirvana*, nunca mais vi pessoa alguma em face da qual sentisse logo: esse aí é um santo! Isso somente me ocorreu agora, na *118*

presença de Sidarta. Pode ser que a sua doutrina seja surpreendente, que suas palavras soem pasmosas. Mas seu olhar, sua mão, sua pele, seu cabelo — tudo isso irradia tamanha calma, doçura e santidade como jamais encontrei em nenhum outro homem, desde a última morte do nosso excelso Mestre,") Enquanto falava assim de si para si, com o coração agitado por sentimentos contraditórios, aproximou-se mais uma vez de Sidarta como que atraído pela afeição. Em seguida, curvou-se profundamente diante do amigo que se conservava sentado, imóvel.

— Sidarta — disse então —• ficamos velhos. É pouco provável que nos tornemos a ver sob esta forma da nossa existência. Vejo, meu querido, que encontraste a paz. Confesso que eu não consegui localizá-la. Dize-mc mais uma palavra, ó Venerando. Dá-me algo que eu possa levar comigo, alguma coisa que me seja possível entender e assimilar durante a minha jornada. Olha, Sidarta, esse meu caminho é às vezes bastante laborioso e sombrio.

Sidarta permaneceu calado. Limitou-se a fitar o outro com aquele seu sorriso plácido. Govinda cravou os olhos no rosto do amigo. No seu olhar, liam-se angústia, saudade, sofrimento, tanto como contínua busca, contínuo desencontro.

Sidarta percebeu-o e sorriu:

—• Acerca-te de mim! — soprou ao ouvido de Govinda.

— Inclina-te mais! Mais ainda. Chega-te para bem perto de mim! E agora me dá um beijo na testa, ó Govinda!

Govinda pasmou-se, mas, atraído por sua grande afeição e por algum pressentimento, obedeceu ao desejo de Sidarta.

Achegando-se a ele, imprimiu-lhe os lábios na fronte. E nesse instante aconteceu-lhe qualquer coisa singular. Enquanto os seus pensamentos ainda se detinham nas palavras estranhas, proferidas por Sidarta; enquanto seu espírito se esforçava, relutante e im-proficuamente, por eliminar o tempo e por representar-se a unidade de *Nirvana* e *Sartsara;* enquanto no seu íntimo certo desdém pelas opiniões do amigo se debatiam com irrestrita ternura e reverência, deu-se com ele o seguinte fenômeno: Govinda já não enxergava o semblante de Sidarta, seu companheiro. Em vez dele via outros rostos, inúmeros, toda uma fila, uma torrente de rostos, centenas, milhares, que todos eles apareciam, sumiam e todavia davam a impressão de estar presen-119

tes simultaneamente, rostos esses que a cada instante se modifi-cavam e renovavam e, contudo, eram sempre Sidarta. Via a cabeça de um peixe, uma carpa, com a boca semi-aberta em infinita dor, peixe agonizante, de olhos vidrados. Via o rostinho de uma criança recém-nascida, vermelho, enrugado, a ponto de chorar, Vía a fisionomia de um assassino, no momento em que varava com a faca o corpo de sua vítima e, ao mesmo tempo, via esse criminoso a ajoelhar-se, algemado, para que o algoz o decapitasse com um só golpe de terçado. Via Os corpos des-nudos de homens e mulheres, entrelaçados em posições e embates de desvairado amor. Vía cadáveres prostrados, imóveis, gélidos, vazios. Via cabeças de animais, de javalis, crocodilos, elefantes, touros, aves. Via divindades, Crisna, Agni... Via todos esses vultos e rostos ligados entre si por milhares de relações, cada qual a acudir o outro, a amá-lo, a odiá-lo, a destruí-lo, a pari-lo de novo. Cada qual expressava o desejo de moarer, era apaixo-nada e dolorosa a profissão de efemeridade e, no entanto, não morria, apenas se modificava, renascia uma e outra vez, tomava aspectos sempre diversos, sem que o tempo se intercalasse entre uma e outra configuração. E todos esses rostos repousavam, flutuavam, geravam-se mutuamente, esvaíam-se e confundiam-se.

Mas por cima deles, sem exceção, estendia-se uma camada fininha, irreal e todavia existente, qual tênue chapa de vidro ou de gelo, camada transparente, casca, molde, máscara de água.

Pois, essa máscara morria, e essa máscara era o rosto risonho de Sidarta, que ele, Govinda, nesse momento, tocava com os lábios.

E Govinda percebeu que esse sorriso da máscara, o sorriso da unidade acima do fluxo das aparências, o sorriso da símulta-neidade muito além do sem-número de nascimentos e mortes, o sorriso de Sidarta, era idêntico àquele sorriso calmo, delicado, indevassável, talvez bondoso talvez irônico, de Gotama, o Buda, tal como ele próprio o observara centenas de vezes com profundo respeito. Era assim — Govinda o sabia — que sorriam os seres perfeitos,

Tendo perdido a noção do tempo, já não sabendo se aquela visão durava um segundo ou um século, ignorando se já existiam Sidarta, Gotama, o *eu* e o *tu,* com as entranhas como que atra-vessadas por uma seta divina, cuja ferida tivesse doce sabor, com a alma enfeitiçada e confusa, detinha-se Govinda por mais alguns instantes. Inclinava-se por sobre o rosto plácido de *120*

Sidarta, no qual vinha de depositar um beijo, e que acabava de ser o cenário de todas aquelas formas, evoluções e existências.

O semblante não se modificara, depois que, sob a sua superfície, tomara a fechar-se o abismo da infinita multiplicidade. Sorria silenciosamente, suavemente, ternamente, talvez com bondade, talvez com ironia, assim como outrora sorrira o Sublime.

Govinda curvou-se em genuína reverência. Lágrimas de que não se dava conta corriam-lhe pelas faces idosas. No seu coração ardia, qual fogo, o sentimento de caloroso amor e de submissa veneração. Profundamente, até ao chão, inclinou-se Govinda diante de Sidarta, que se conservava sentado, imóvel, e cujo sorriso chamava à memória do amigo tudo quanto ele amara no curso da sua vida, tudo quanto já se lhe afigurara precioso e sagrado.

121

Impresso nos Estab. Grá-

ficos Borsoi S-A. Indústria

e Comércio, à Rua Francis-

co Manuel, 55 — ZC-15,

Benfica, Rio de Janeiro

seminário, não agüentando a rígida disciplina. No ginásio revoltou-se contra o ensino nacionalista. Fugiu para a Suíça, onde se empregou numa livraria e publicou os primeiros livros. Depois do sucesso de *Peter Camenzind,* casou com a filha de ricos burgueses suíços: parecia a vitória na vida. Mas fugiu do conforto, nessa jaula dourada, para uma existência solitária na Natureza, da qual só o expulsou o começo da Primeira Guerra Mundial. E logo mais uma fuga: Hesse desistiu da cidadania alemã, vivendo na Suíça perseguido pela contra-espionagem alemã. Tinha-se declarado contra o nacionalismo bélico do Kaiser e dos alemães.

Toda a vida de Hesse, até o último dia, foi uma série de fugas. E cada uma dessas fugas foi uma revolta: contra a casa paterna; contra o cristianismo; contra a escola; contra a vida burguesa; contra a guerra e contra o nacionalismo. Hesse sempre foi e sempre ficou um rebelde contra os poderes deste mundo, temporais e espirituais. Sua vida confirma-lhe a vocação de grande poeta, de altiva independência.

As estações nesse caminho são as grandes obras de Hesse. Marcam as soluções em que o rebelde encontrou, por momentos, a paz, acreditando viver em harmonia consigo mesmo. Para tanto, o poeta percor-reu espiritualmente o mundo, em busca de credos mais autênticos que os abusados do Ocidente, e uma dessas peregrinações o levou, também, fisicamente, para a índia.

O budismo de Hesse não é quietista nem evasio-nista; seu livro *Viagem ao Oriente (Die Morgenland-fahrt) é* mesmo um dos mais rebeldes que escreveu.

Tampouco tem pontos de contato com o budismo ginástico que foi descoberto petos *beatniks* americanos,

"rebeldes sem causa". A rebelião de Hesse tem causa: é a paz do mundo, a externa e a interior. Seu budismo não c o Zen japonês, mas o indiano, o autêntico. A vida de *Sidarta* parece-se com a do próprio Buda. Mas também se parece com a do próprio Hesse, que experi-mentou todas as possibilidades da existência humana até reconhecer a profunda doutrina da identidade de tudo que é vivo: idênticos são o pecado e a santidade, a sabedoria *e* a loucura e, enfim, a vida *e* a morte.

Hermann Hesse foi um grande poeta. Também foi um grande sábio.

OTTO MARIA CARPEAUX

A busca da Paz

e da Serenidade

num romance

de

HERMANN HESSE

Obra famosa de autor consagrado pelo Prêmio Nobel, SIDARTA é um extraordinário livro que aborda, no plano da ficção, os grandes e eternos temas do homem e no qual o autor reconhece a profunda identidade de tudo o que é vivo: idênticos são o pecado e a santidade, a sabedoria e a loucura, a vida e a morte.

Narrativa fascinante, de rara beleza poética, SIDARTA conta a maravilhosa história de um espírito rebelde que busca a paz do mundo.

MAIS UM LANÇAMENTO DE CATEGORIA DA

CI VI LI ZAÇÃO BRAS I LEI RA